

ISSN 1806563-5



TEOLOGIA

SOCIEDADE

Nº 5

Novembro de 2008 São Paulo - SP

QUEM ERA E QUEM É CALVINO? INTERPRETAÇÕES RECENTES

Eberhard Busch

GENEVA, CALVINO E O TRATO COM OS HEREGES

Armando Araújo Silvestre

O DISCURSO DO PÃO DA VIDA: FUNDAMENTO BÍBLICO DA
DOCTRINA EUCARÍSTICA DE JOÃO CALVINO

Claude Emmanuel Labrunie

CALVINO SOBRE A VIDA CRISTÃ

Eduardo Galasso Faria

KARL BARTH, LEITOR DE CALVINO

Adilson de Souza Filho

JOÃO CALVINO, INTÉRPRETE DAS
ESCRITURAS: O HOMEM
E O SEU CONTEXTO

Lysias Oliveira Santos

O COMENTÁRIO DE CALVINO AO
LIVRO DE DANIEL

José Adriano Filho

COMENTÁRIO DE CALVINO A
1 CORÍNTIOS

Paulo Sérgio de Proença

JOÃO CALVINO,
LEITOR DE SALMOS
*Marcos Paulo Monteiro
da Cruz Bailão*

Sermão

JUBILEU DE CALVINO

Maurice Gardiol

INTÉRPRETE DAS ESCRITURAS

CALVINO

EDIÇÃO ESPECIAL



Editor

Eduardo Galasso Faria

Comissão Editorial

Eduardo Galasso Faria, Fernando Bortoleto Filho,
Gerson Correia de Lacerda, Shirley Maria dos Santos
Proença e Valdinei Aparecido Ferreira.

Teologia e Sociedade é editada pelo Seminário Teológico de São
Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

E-mail: teologiaesociedade@seminariosaopaulo.org.br

Endereço: Rua Genebra, 180 – CEP 01316-010

São Paulo, SP, Brasil

Telefone (11) 3106-2026

www.seminariosaopaulo.org.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Teologia e Sociedade / Seminário Teológico de São Paulo / Vol. 1,
nº 5 (novembro 2008). São Paulo: Pendão Real, 2008.

Anual

ISSN 1806563-5

1. Teologia – Periódicos. 2. Teologia e Sociedade.
3. Presbiterianismo no Brasil. 4. Bíblia. 5. Pastoral.
CDD 200

Revisão: Eduardo Galasso Faria

Planejamento Gráfico, Capa e

Editoração eletrônica: Sheila de Amorim Souza

Impressão: Assahi Gráfica

Tiragem: 1000 exemplares

Distribuição: Associação Evangélica Literária Pendão Real

www.pendaoreal.com.br

e.mail pendaoreal@pendaoreal.com.br

Pendão Real

As informações e as opiniões emitidas nos artigos assinados são
de inteira responsabilidade de seus autores.

Sumário

- 4 ▶ EDITORIAL
- 6 ▶ QUEM ERA E QUEM É CALVINO? INTERPRETAÇÕES RECENTES
Eberhard Busch
- 24 ▶ GENEBRA, CALVINO E O TRATO COM OS HEREGES
Armando Araújo Silvestre
- 44 ▶ O DISCURSO DO PÃO DA VIDA: FUNDAMENTO BÍBLICO DA
DOCTRINA EUCARÍSTICA DE JOÃO CALVINO
Claude Emmanuel Labrunie
- 54 ▶ CALVINO SOBRE A VIDA CRISTÃ
Eduardo Galasso Faria
- 68 ▶ KARL BARTH, LEITOR DE CALVINO
Adilson de Souza Filho
- 76 ▶ JOÃO CALVINO, INTÉRPRETE DAS ESCRITURAS: O HOMEM
E O SEU CONTEXTO
Lysias Oliveira Santos
- 110 ▶ O COMENTÁRIO DE CALVINO AO LIVRO DE DANIEL
José Adriano Filho
- 130 ▶ COMENTÁRIO DE CALVINO A 1 CORÍNTIOS
Paulo Sérgio de Proença
- 148 ▶ JOÃO CALVINO, LEITOR DE SALMOS
Marcos Paulo Monteiro da Cruz Bailão
- SERMÃO**
- 160 ▶ JUBILEU DE CALVINO
Maurice Gardiol

Editorial



A decisão de dedicar o presente número e o próximo de *Teologia e Sociedade* a João Calvino, vem ao encontro das comemorações, em 2009, dos 500 anos do nascimento do Reformador. Desde o princípio, seus discípulos em todo o mundo, embora conscientes da importância da data a ser celebrada, pensaram na maneira mais apropriada de fazê-lo, sem que a oportunidade de trazer sua memória viva para o nosso tempo fosse desperdiçada. A preocupação dentro do mundo reformado/presbiteriano foi evitar que o calor das celebrações levasse à rápida evaporação de seus objeti-

O Rev. Eduardo é o editor da Revista *Teologia e Sociedade* do Seminário Teológico de São Paulo

Eduardo Galasso Faria*

vos mas que, ao contrário, propiciasse fruto maduro, digno do homenageado e do evangelho de Jesus Cristo.

De modo semelhante, pensou-se em evitar que a imagem desse humilde e dedicado servo de Deus se tornasse algo próximo de um “pop star”, contrariando não só o essencial de seu estilo de vida, como também aquilo que sempre almejou para si mesmo, ou seja, viver para a glória de Deus em primeiro lugar. Tratá-lo também de forma idôlatra, como um ícone, de maneira não crítica e ocultando suas naturais limitações, poderia ser a outra tentação.

Seria impossível, nesta ocasião, esquecer as decisivas pala-

bras de Karl Barth, o teólogo do século XX, que nos fez lembrar o significado de Calvino no espectro maior da obra do reino de Deus? Suas palavras ainda hoje ressoam e fornecem diretrizes: “reconhecemos em Calvino um exemplo e um modelo na medida em que ele mostrou à Igreja de seu tempo, de maneira inesquecível, o caminho da obediência, obediência no pensamento e nos atos, obediência na vida social e política. Um verdadeiro discípulo de Calvino, pois, só pode fazer o seguinte: obedecer, não a Calvino, mas àquele que foi o mestre de Calvino.”

Teologia e Sociedade no.5 foi preparada de forma a não perder de vista as dificuldades e balizas acima mencionadas, contribuindo para que a obra de Calvino, que mais e mais deverá se submeter ao esforço de contextualização, venha servir de estímulo atualizador à tarefa evangelizadora em nosso país e na América Latina. Pelo menos dois dos seus textos fazem uma abordagem direta da crítica passada e atual à obra do Reformador francês. Dois outros constituem temas preparados para a Semana Teológica deste ano, no Seminário Teológico de São Paulo. Além de

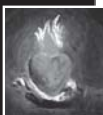
um texto que procura comparar a obra teológica de Calvino com a de Barth e um dos sermões vencedores no concurso do Jubileu, realizado em Genebra, os demais escritos são dedicados à obra de Calvino como intérprete das Escrituras, valendo-se de seu trabalho exegético sobre livros da Bíblia, em comentários ou preleções, já publicados em língua portuguesa: Salomos, Daniel e I Coríntios.

O cuidado com que a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, juntamente com calvinistas de outras igrejas de linha reformada, tem planejado sua participação neste evento de caráter internacional, indica o desejo de superar os entraves que entre outras coisas, têm impedido uma conscientização maior e real da contribuição única dada pelo Reformador de Genebra ao protestantismo de origem latina, do qual somos parte.

Nosso desejo é que o esforço aqui realizado, que por certo se juntará ao de muitos outros, ofereça contribuição pertinente para o momento que nos é dado viver como Igreja de Cristo no mundo. Soli Deo Gloria!

Quem era e quem é Calvino?

Interpretações recentes



1. Interpretações do passado

Um olhar nas interpretações de Calvino há cerca de cem anos, revela uma grande diversidade de pontos de vista que definiram, por décadas, a maneira pela qual o reformador foi compreendido. De acordo com Albert Ritschl, Calvino confundiu e combinou a diferenciação

Eberhard Busch*

luterana entre a Igreja como agente da graça e o Estado como agente da “lei e da ordem”. Assim, Calvino foi capaz de dizer algo impensável para os luteranos alemães, ou seja, que toda pessoa é igual diante da lei e que a derrubada dos tiranos pelo povo é legítima.¹ Em tempos mais recentes, por volta de 1940, Dietrich Bonhoeffer reafirmou este ponto em sua *Ética*.²

Contrastando com este ponto de vista, o historiador da cultura Jacob Burckhardt, de Basileia, afirmou: “A tirania de um único homem nunca foi tão promovida como o foi por Calvino, que não somente fez de suas convicções particulares uma lei geral, oprimindo e banindo todas as outras convicções, como também insultava frequentemente a todos por causa das mais inocentes questões de gosto.”³ O poeta

* Eberhard Busch é professor emérito de Teologia Sistemática na Universidade de Göttingen, na Alemanha. Entre seus livros está *The Great Passion. An Introduction to Karl Barth's Theology*. Michigan: W.E.Eerdmans, 2004. Texto publicado em *Reformed World*, vol. 57, no.4, 12.07, “Who was and who is Calvin? Interpretations of recent times”, Geneva. Tradução: Eduardo Galasso Faria.

¹ Albert Ritschl, *Geschichte des Pietismus*. Bonn: Marcus, 1880, vol. I, 61-80.

² Dietrich Bonhoeffer. *Ethik*. Munich: Chr. Kaiser, 1958. Em português: *Ética*. S. Leopoldo: Sinodal, 7a. edição, 2005.

³ Conforme Werner Kaegi, *Jacob Burckhardt: eine Biographie*. Bd 5, *Das neuere Europa und das Erlebnis der Gegenwart*. Basileia: Suttgart: Schwabe, 1973, 90.

Stefan Zweig em 1937, usou esta caracterização de Calvino para acusar Adolf Hitler de ser um demoníaco.⁴ O próprio Karl Barth escreveu que quando alguém conhece os detalhes da tão admirada maneira de viver em Genebra no tempo de Calvino, palavras como tirania e farisaísmo vêm quase que automaticamente à mente. “Nenhum de nós... gostaria de ter vivido naquela santa cidade (Genebra).”⁵

A difundida tese de Max Weber de que Calvino foi um dos pais do capitalismo, foi a princípio repudiada por Ernst Troeltsch, seguido por André Biéler.⁶ De acordo com Troeltsch, as idéias de Calvino levaram à emergência, dentro da tradição reformada, do “socialismo religioso” no começo do século XX, algo muito diferente do que ocorreu no luteranismo conservador e antidemocrático.⁷ Em contraste

com Troeltsch, Charles Hodge, no Seminário de Princeton, disse que por causa de sua visão de que a igreja como igreja nada tinha a ver com as questões seculares, Calvino seguiu a doutrina luterana dos dois reinos. Isto é verdade, prossegue Hodge, mesmo se os políticos não silenciassem os representantes da igreja que testemunham a verdade e a lei de Deus.⁸

O holandês Abraham Kuyper disse igualmente que, por um lado, o calvinismo distinguiu nitidamente entre estado e igreja, incluindo o reino da cultura, mas por outro, tanto o estado como a igreja estão diretamente sujeitos ao governo de Deus.⁹ A verdade sobre a maioria dessas interpretações é que elas falam genericamente sobre o chamado calvinismo mais do que sobre o próprio Calvino, ou, como afirmou Stanford Reid em 1991, elas frequentemente falam de Calvino “sem verificar com cuidado o que ele realmente disse.”¹⁰

⁴ Stefan Zweig. *Castello Gegen Calvin oder ein Gewissen gegen die Gewalt*. Viena: Reichner, 1936.

⁵ “Keiner von uns...würde in dieser heiligen Stadt gelebt haben wollen”. Karl Barth, *Die Theologie Calvins 1922*. Zürich: Theologischer Verlag, 1993, 163. Em inglês: *The Theology of John Calvin*. Grand Rapids: MI, W.B. Eerdmans, 1995.

⁶ Ernst Troeltsch. *Gesammelte Schriften*. Vol. 1 – *Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen*. Tübingen: JCB Mohr, 1912, 713. Com relação a Biéler, ver nota 63.

⁷ Op. cit., 721.

⁸ Charles Hodge. *Discussions in Church Polity*. N. York: Charles Scribners, 1898, 104-106.

⁹ Abraham Kuyper. *Calvinism: Six Stone-Lecture*. Grand Rapids: W.B.Eerdmans, 1931. Em português: *Calvinismo*. S. Paulo: Cultura Cristã, 2002. (NT)

¹⁰ W. Stanford Reid. “John Calvin – Early Critic of Capitalism (II)”, in Richard Gamble, *Articles on Calvin and Calvinism*. Vol. 11, Garland: New York/London, 1992, 169.

2. O centro da teologia de Calvino

Provavelmente seja verdadeiro que cada época influencia os resultados de suas pesquisas pela maneira como as perguntas são formuladas. Todavia, alguém deve dizer também, com Reid, que os especialistas em anos e décadas recentes “têm feito grandes esforços” para ouvir mais cuidadosamente “o que Calvino realmente disse”, primeiro e acima de tudo no contexto da Reforma, na França e em Genebra. Isto tem resultado em uma progressiva compreensão de que a Reforma da Igreja não deve ser avaliada somente pela figura de Martinho Lutero como algumas vezes se ouve dizer, especialmente na Alemanha. Assim, tem ficado mais claro que a formulação da doutrina da justificação não é a única diferença fundamental entre o protestantismo e o catolicismo romano.

Calvino com certeza ensinou a justificação pela graça somente, mas ao mesmo tempo insistiu, mais que o luteranismo de seu tempo, que a justificação e a santificação estavam inseparavelmente ligadas. Ele fez isso ao expor 1 Coríntios 1.30: “Ele é a fonte da vida em Cristo Jesus, que para nós se tornou sabedo-

ria de Deus, justiça, santificação e redenção.” Ele demonstrou quão genuína era sua exposição da doutrina da justificação em 1547, naquilo que foi realmente o primeiro comentário diferenciado oferecido por um protestante sobre a doutrina da justificação proposta pelo Concílio de Trento e que foi em si mesmo uma afirmação substantiva. Embora na época, os decretos do concílio não tivessem sido publicados, Calvino estava bem informado não apenas sobre o texto conciliar, mas também acerca das discussões conduzidas pelos veneráveis daquele concílio. Seu comentário não apareceu em tradução alemã até a publicação de uma edição de estudos de Calvino, em 1999. Como demonstrou Anthony Lane, Calvino participou do transcorrer do Concílio de Trento, especialmente nas discussões em Ratisbona entre teólogos protestantes e católicos romanos, que trataram em primeiro lugar da doutrina da justificação.¹¹ Os especialistas em Calvino continuam discutindo até que ponto a interpretação de Calvino pode

¹¹ Herman Selderhuis, ed. *Calvinus Praeceptor Ecclesiae*. Papers of the International Congress on Calvin Research. Princeton: agosto 20-24, 2002. Genebra: Droz, 2004, 233-264.

possibilitar alguma compreensão comum entre as confissões que vêm a afirmação paulina em Gl 2.6, de que a fé justifica *sem* as obras e Gl 5.6 sobre a fé que *opera* pelo amor.

De qualquer maneira, Calvino permanece, com sua doutrina da justificação, nos fundamentos da Reforma Protestante. No entanto para ele, a diferença decisiva em relação a Roma estava em outro lugar. Bernard Cottret escreve em sua biografia de Calvino, que o chamado Caso dos Cartazes no fim de 1534 em Paris, foi para Calvino a questão decisiva. Estes cartazes, que foram colocados em diversos lugares, faziam duras críticas à missa católico-romana e se basearam na Epístola aos Hebreus. Cristo é o único mediador e o único sacerdote. Por seu sacrifício único ele torna ilusória a dignidade sacerdotal dos oficiais da igreja humana, tão importantes para o pensamento católico romano.¹²

Esta fundamental diferença ficou gravada na mente de Calvino em uma procissão em Paris, na qual o rei Francisco I seguia a hóstia consagrada ao mesmo tempo em que,

nas ruas, “hereges” eram “sacrificados”, ou seja, eram mortos queimados porque se opunham a esta doutrina do sacrifício.¹³ Ao definir sua liturgia, Calvino, em contraste com Zwinglio, não optou pelo serviço de prédica medieval tardio, nem concedeu importância secundária ao culto litúrgico. Ao contrário, como Christian Grosse recentemente demonstrou, ele infundiu vida nova na liturgia do culto divino, seguindo o modelo a Igreja Antiga.¹⁴

No centro do culto divino, o Espírito Santo, na Ceia, *nos* comunica a reconciliação com Deus realizada por Cristo e, em gratidão por isso, no mesmo evento testificamos que somos sua comunidade. Calvino, supostamente soberano todo-poderoso em Genebra, era entretanto, incapaz de persuadir o governo da cidade a seguir sua convicção profunda de que a Ceia do Senhor fazia parte de todo serviço de culto divino, juntamente com as orações públicas, (o Saltério) e a interpretação da Sagrada Escritura (não como perícopes selecionadas da Bíblia, mas como *lectio continua*, a exposi-

¹² Bernard Cottret. *Calvin: Biographie*. Paris: JC Lattès, 1995. Em inglês: *Calvin - Biographie*. Grand Rapids, MI: WB Eerdmans/Edinburgh: T&T Clark, 2000, 109.

¹³ Op. cit., 114.

¹⁴ Eberhard Busch et al. Eds. *Calvin Studienausgabe*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1997. Vol. 2, 137-225.

ção de todos os seus livros).¹⁵

A quantidade de discussão dedicada à compreensão correta da eucaristia na primeira edição da *Institutio Christianae Religionis* de 1536 mostra que do ponto de vista de Calvino, naquele tempo esta era a questão mais importante na controvérsia com a Igreja Católica Romana. Na última edição bastante ampliada da *Institutio* de 1559, a crítica se expande para uma disputa acerca da compreensão da igreja, à qual é dedicada mais de um terço de toda a obra. Alguém pode dizer que este é o tema da segunda geração de reformadores.

Mesmo que concordemos com Wilhem Neuser que a composição e estrutura das quatro partes da edição de 1559 são confusas nos detalhes¹⁶ penso que é bastante claro que Calvino, nas três primeiras partes, quer falar sobre Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo e que, na longa quarta parte ele trata da igreja, ou seja, os meios externos pelos quais Deus nos convida para à comunhão com ele e de uns com os

outros. Nesta parte do livro, Calvino trata de modo extensivo sobre com a doutrina católico-romana da igreja. É interessante que ele trabalha fundamentalmente com o mesmo material usado pelo outro lado, mas o interpreta de maneira diferente, tanto formal quanto substancialmente. Aí ele ataca o essencial da doutrina católico-romana sobre a igreja, doutrina esta que constitui a base do sistema de organização papal.¹⁷ Não vejo no luteranismo desse período qualquer contribuição substantiva para este debate. Para Calvino esta era uma questão substantiva.

De acordo com a visão partilhada tanto por católicos romanos como por calvinistas, Cristo, como o mediador entre Deus e a humanidade, comporta um tríplice ofício, ou seja, como profeta, rei e sacerdote. Mas, ao contrário do lado católico romano, Calvino enfatiza que Cristo está vivo e, portanto, que ele nem renunciou a esses três ofícios em favor de instituições eclesiais, nem que

¹⁵ Christian Grosse. "Dogma und Doctrina bei Calvin" in: *Calvinus Praeceptor* (nota 11), 189 et seq.

¹⁶ Wilhem H. Neuser. "Einige Bemerkungen zum Stand der Calvinorschung" in: *Calvinus Praeceptor* (nota 11), 189.

¹⁷ Cf. Timothy George ed. *John Calvin and the Church: a Prism of Reform*. Louisville, Westminster/John Knox Press, 1990. Também Stefan Scheld. *Media Salutis zur Heilsvermittlung bei Calvin*. Stuttgart: F. Steiner Verlag, 1989. Veröffentlichungen des Instituts für Europäische Geschichte Mainz, vol. 125.

seja capaz de fazer isso. Sua relação para com a igreja é semelhante à da cabeça para com o corpo e não existem cabeças substitutivas. Somente ele governa a igreja e a igreja é uma comunidade de irmãos e irmãs, ligados a ele e uns aos outros em mútuo intercâmbio, como ficou expresso no *Catecismo de Genebra* de 1545.¹⁸ Cada membro participa no corpo de Cristo, mas apenas como membro desse corpo.

Pela fé, *todos* os cristãos participam diretamente em Cristo, sem a mediação de sacerdotes humanos, como está declarado na Segunda Confissão Helvética de 1566.¹⁹ Dessa forma, pela fé,²⁰ todos os cristãos participam do tríplice ofício de Cristo e demonstram isso confessando ativamente, como diz Zwinglio em sua afirmação de fé de 1530.²¹ Os líderes humanos da comunhão eclesial também são membros do corpo de

Cristo, não cabeças da igreja. Isto ficou evidente pelo fato de que os três ofícios sob sua liderança são distribuídos para pessoas *diferentes* que conduzem a igreja *coletivamente*. Esta interpretação dá novo significado aos três ofícios exercidos pelo governo da igreja, que difere do ponto de vista da Igreja Católica Romana: os pastores incorporam o ensino *profético* de Cristo. Eles não são, de modo nenhum, sacerdotes e este talvez seja o ponto de divergência mais profundo com a Igreja Católica Romana. Os presbíteros incorporam o ofício *real* de Cristo. Eles têm a tarefa de induzir a comunhão e assegurar o cuidado das almas (*cura animarum*), mas não são os superiores da igreja. Finalmente, o serviço dos diáconos para com os pobres corresponde ao ofício sacerdotal, que Cristo realizou de uma vez por todas na cruz.

Todavia a pesquisa sobre Calvino hoje raramente levanta a questão do que o reformador de Genebra percebeu como sendo a principal diferença com relação à Igreja Católica Romana de seu tempo. Creio que a visão a respeito disso ainda hoje é importante quando vemos até pastores reformados procurando agir como sacerdotes,

¹⁸ Joh Calvin. *Catechism of Geneva*. Perguntas 34-45.

¹⁹ Heinrich Bullinger. *Das zweirw Helvetische Bekenntnis* (Segunda Confissão de Fé Helvética). Zürich: Zwingli Verlag, 1966, cap. 5.

²⁰ Heidelberg Catechism. Pergunta 31.

²¹ Ernst Friederich Karl Muller. *Die Bekenntnisschriften der reformierten Kirch* (Confissões Reformadas do século XVI). Leipzig: A Deichert, 1903, 85, 11f.

bem como o dilema no qual se encontram os próprios luteranos, uma vez que o seu conceito de justificação não mais pressupõe separá-los da Igreja Católica Romana. Não estou dizendo que a doutrina da igreja era o centro da *teologia* de Calvino. O centro de sua teologia pode ser resumido com uma frase tirada de seu comentário sobre Jeremias: “*Ubi cognoscitur Deus, etiam colitur humanitas*”, que significa “Onde Deus é levado a sério, existe igualmente preocupação com a humanidade”.²² Esta sentença ressalta claramente a preocupação de Calvino, que contrasta com a tendência da teologia luterana em esquecer a diferença entre a divindade de Deus e a nossa humanidade por causa da natureza tanto humana como divina de Cristo, ao invés de afirmar esta diferença na glória.

3. Edições de Calvino

Apesar das aparências, existe nos dias de hoje pouco trabalho voltado para a pesquisa dessas questões fundamentais em Calvino. A pesquisa

que está sendo realizada é dirigida a uma nova descoberta de Calvino, mas caminha em passos lentos. A primeira grande tarefa, ou melhor, enorme tarefa com relação a isso, é publicar novamente todos os textos de Calvino e, em alguns casos, pela primeira vez, bem como torná-los acessíveis a todas as pessoas. De fato, existem importantes textos de Calvino que não foram mais impressos desde o século XVI ou desde a edição de Leiden, no século XVII, ou mesmo que nunca foram publicados. Acrescidos à *Institutio*, que está acessível em diversas edições, existem muitos outros textos de Calvino que foram publicados no século XIX e no começo do século XX, na língua original ou em traduções: comentários bíblicos, cartas e documentos polêmicos. A publicação mais importante e volumosa é *Calvin Opera*, iniciada em 1877, abrangendo 59 volumes e editada em língua original.

Mais tarde apareceu a edição menor, *Calvini Opera Selecta*, editada por Peter Barth e Wilhelm Niesel, 1929-1936. Entretanto, algumas edições mais antigas têm lacunas, enquanto outras possuem deficiências científicas, tais como a edição dos comentários bíblicos em latim, de August Tholuck (meados

²² *Calvini Opera* 38, 388.

do século XIX). Novas edições, que estão aparecendo agora tentam, por um lado, garantir textos cientificamente responsáveis e, por outro, preencher lacunas. Uma inestimável visão das novas edições é proporcionada por Michael Bihary em sua *Bibliographia Calviniana, Calvins Werke und ihre Übersetzungen*, Praga, 2000.

Essa lacuna foi preenchida em 1961 com o lançamento de uma coleção intitulada “Supplementa Calviniana. Sermons inédits”. Esta coleção inclui 600 sermões que não haviam sido impressos ainda. No entanto, de fato, Calvino proferiu mais de 2.400 sermões.²³ Somente esta edição abrangerá 15 volumes ou mais. Cada um desses sermões consiste de aproximadamente 10 páginas bem cheias, em francês do século XVI. Esta edição demonstra como Calvino trata a interpretação da santa Escritura no cristianismo primitivo, na igreja medieval e na forma de exposição judaica.²⁴

Quanto a seus comentários bíblicos em linguagem original, ainda podemos confiar na centenária

Calvini Opera. No entanto, uma audaciosa nova edição foi iniciada. Os textos básicos são a última edição de cada obra impressa no tempo de Calvino, ou a última edição examinada por ele próprio: *Ioannis Calvini Opera Omnia*, publicada pela Livraria Droz em Genebra, editada por oito prestigiosos pesquisadores de Calvino e enriquecida por úteis referências literárias com notas. Até agora oito volumes desta edição foram publicados. Ela contém também a edição do comentário de Calvino aos Romanos do pesquisador inglês Thomas C.H.Parker. É o comentário escrito por Calvino com elaborado cuidado em Estrasburgo em 1539 e por ele revisado em 1551 em Genebra: foi o seu primeiro comentário bíblico.

Diante da dificuldade que muitas pessoas têm hoje para compreender o francês do século XVI, e principalmente o latim clássico, que Calvino redigia brilhantemente, seus textos em linguagem original são inacessíveis a muitas pessoas, incluindo eminentes estudiosos. Conseqüentemente, estes textos estão limitados a um pequeno círculo de especialistas. Seria necessário estar tão familiarizado quanto Calvino com estas línguas, a fim de compreender “seu rico estilo em

²³ Hanns Hücker, ed. *Supplementa Calviniana. Sermons inédits: Predigten über das 2. Buch Samuelis*. Neukirchen: K. Moers, 1936-1961, p. XIII.

²⁴ Op. cit., XXXII.

detalhe, bem como sua refinada argumentação.” Mas isto significa que “quem quer que queira deixar Calvino falar hoje terá de traduzi-lo”, como observa Christian Link no prefácio à Studienausgabe, que ele e diversos outros estudiosos têm editado desde 1994. Nesta edição, várias partes representativas da teologia de Calvino, algumas das quais não foram traduzidas até hoje, aparecem em duas línguas: na língua original e em tradução alemã. Seis volumes foram publicados, incluindo dois volumes do comentário a Romanos. Na Itália foi lançada uma nova edição em 2004 publicada por Claudiana de Turim, *Calvino, Opere scelte, volume I: Dispute com Roma*. Parece que no futuro essas traduções serão mais e mais necessárias por causa do abandono do estudo das línguas clássicas. Parece que as traduções inglesas estão surgindo na frente das alemãs.

4. Novas interpretações

À parte da grande tarefa de publicar os textos provenientes da nova pesquisa científica sobre Calvino, uma exuberância de estudos individuais também tem sido produzida. Peter de Klerk relacionou

todas as novas publicações desde 1971 na bibliografia de Calvino publicada no *Calvin Theological Journal*. É notável que, em muitos trabalhos recentes, metade do texto é constituída por notas de rodapé que frequentemente se referem ao grande número de outras monografias que frequentemente e infelizmente não são acessíveis ao leitor. Além disso, não há falta de estudos com teses específicas que não conseguem ser fundamentadas exceto apelando para hipóteses. Três estudiosos apresentaram uma obra que, como afirmam, devido à falta de documentos, não pode ser mais que um simples “ensaio que não responde a muitas questões.”²⁵

Existem também muitas obras examinando com grande empenho o que já é conhecido. Como no caso de outras ciências, a pesquisa sobre Calvino, além do problema de linguagem antes mencionado, se depa-rou com a questão dos crescentes tópicos tratados por grupos de especialistas cada vez menores, enquanto o número dos ignorantes nestes assuntos está crescendo mesmo nos círculos teologicamente preparados. Não tenho qualquer solução para esses problemas, mas so-

²⁵ *Calvinus Praeceptor*, nota 11, 142.

mente uma pergunta que os próprios especialistas precisam responder. Quem é alcançado por seu árduo trabalho? Minha opinião é que isso só pode ser respondido de modo relevante quando, em seu zelo por compreender Calvino, eles se deixarem contagiar por ele de modo a compreender *com* Calvino, ou seja, compreender com este falível mensageiro o que Deus colocou diante dele e diante de nós. “Calvinus Praeceptor ecclesiae” é o título das minutas publicadas do último Simpósio Internacional de Calvino. Mas, foi ele realmente reconhecido e levado a sério como mestre da *igre-ja*?

²⁶ Marijn de Kroon, *Martin Bucer und Johannes Calvin. Reformatorische Perspektiven. Einleitung und Texte*, trad. Hartmut Rudolph. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1991.

²⁷ Anthony N.S. Lane, *Calvin and Bernard of Clairveaux*. Princeton: Princeton Theological Seminary, 1996 (Studies in Reformed Theology and History, New Series, no. 1).

²⁸ Barbara Pitkin. “Redefining Repentance: Calvin and Melancton” in *Calvinus Praeceptor* (nota 11), 275-285.

²⁹ Wim Janse, Calvin, a Lasco und Beza. Eine gemeinsame Abendmahlserklärung (Mai, 1556?). Bericht eines Forschungsseminaras mit offenem Ausgang, in *Calvinus Praeceptor*, 209-231.

³⁰ Elsie McKee. Calvin and his Colleagues as Pastors: Some insights into the Collegial Ministry of Word and Sacraments, in *ibid.* 9-42 and Erik A. de Boer, Calvin and Colleagues. Propositions and Disputations in the Context of the “Congrégations” in Geneva, in *ibid.* 331-342.

Esperar que a pesquisa mais recente trate unicamente com estas questões seria incorreto. Na verdade, é preciso reconhecer respeitosamente que os múltiplos esforços de pesquisa, assumindo muitas direções e abordagens, lançaram inconfundíveis novas luzes sobre muitos ângulos obscuros de Calvino e seu mundo, trazendo-o para mais perto de nós. Vemos Calvino em seu relacionamento com Bucer²⁶ e Bernardo de Clairveaux,²⁷ Melancton,²⁸ a Lasco²⁹ e seus colegas em Genebra,³⁰ com Agostinho,³¹ Pighius,³² rei Sigismund August da Polônia³³ e assim por diante. Além disso nós o vemos como

³¹ Jan Marius J. Lange van Ravenswaay. *Augustinus totus noster. Das Augstinverständnis bei Joahannes Calvin*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1990, Forschungen zur Kirchen-und Dogmengeschichte, no. 45.

³² Harald Rimbach, *Gnad und Erkenntnis in Calvins Präedestinationslehre. Calvin im Vergleich mit Pighius, Beza und Melachthoh*. Frankfurt et al.: Lang, 1996. Kontexte. Neue Beitr.zur Hist. u. Syst. Theologie, no. 19.

³³ Mihály Márkus, “Calvin und Polen. Gedankenfragmente in Verbindung mit einer Empfehlung”, in *Calvinus Praeceptor* (nota 11), 323-330.

³⁴ Jung-Uck Hwang. *Der junge Calvin und seine Psychopannychia*. Frankfurt et al.: Lang, 1990. Europ. Hochschulschriften, Reihe 23, no. 407.

jovem,³⁴ em seu relacionamento com as mulheres,³⁵ crianças e jovens,³⁶ com os batistas³⁷ ou com a filosofia grega³⁸. Mas ele, com certeza, nos é apresentado como um teólogo e alguém ocupado com tópicos teológicos como a hermenêutica,³⁹ antropologia,⁴⁰ a doutrina da predestinação,⁴¹ a mediação da salvação,⁴² escatologia,⁴³ doutrina,⁴⁴ oração⁴⁵ e assim por diante.

Não precisamos completar aqui a longa lista de contribuições. Certamente que nem todos estes estudos concordam completamente um com o outro e sem dúvida, nem todos se referem a cada um. Apesar disso, podemos colocá-los juntos como peças de um quebra-cabeças

e assim obter uma idéia razoavelmente abrangente do *reformador* de Genebra e sua obra.

Com relação ao conhecimento de Calvino e sua teologia, mais esclarecedora que a longa lista de literatura sobre ele é a recente disponibilidade de muitos sermões e comentários bíblicos. Resumindo, enquanto antigamente Calvino era visto à luz de sua *Institutio* e no contexto de seus escritos polêmicos, hoje os pesquisadores começam a lê-lo principalmente através dos sermões e interpretações bíblicas. Estamos afunilando em direção ao exegeta mais que em direção ao mestre de dogmática. Na verdade, não foi a *Institutio*, mas as interpre-

³⁵ Jane Dempsey Douglas. *Women, Freedom and Calvin*. Philadelphia: Westminster Press, 1985. Em português: *Mulheres, Liberdade e Calvino*. O Ministério Feminino na Perspectiva Calvinista. Manhumirim, MG: Didaquê, 1995. (NT)

³⁶ Jeffrey R. Watt. "Childhood and Youth in the Geneva Consistory Minutes", in *Calvinus Praeceptor* (nota 11), 343-350.

³⁷ Willem Balke. *Calvin und die Täufer. Evangelium oder religiöser Humanismus*, trad. Heinrich Quistrop. Minden: Selbstverl. Quistrop, 1985.

³⁸ Irena Backus. "Calvin's Knowledge of Greek Language and Philosophy." *Calvinus Praeceptor* (nota 11), 343-350.

³⁹ Alexandre Ganoczy and Stefan Scheld. *Die Hermeneutik Calvins. Geistesgeschichtliche Voraussetzungen und Grundzüge*. Wiesbaden: Steiner, 1983; Peter Opitz. *Calvins theologische Hermeneutik*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1994..

⁴⁰ Mary Poter Angel. *John Calvin's Perspectival Anthropology*. Atlanta: Scholars Press, 1988. American Acad. of Religion. Academy series 52; Christian Link. "Die Finalität des Menschen. Zur Perspektive der Anthropologie Calvins" in *Calvins Praeceptor* (nota 11), 159-178.

⁴¹ Cf. nota 31.

⁴² Stephan Scheld. *Media salutis* (nota 11).

⁴³ Raimund Lülsdorf. *Die Zukunft Jesu Christi. Calvins Eschatologie und ihre katholische Sicht*. Paderborn: Bonifatius, 1996. Konfessionskundliche und Kontroverstheologische Studien, Bd. LXIII, J.A. Möhler-Inst.

⁴⁴ Victor E. Assonville Jr. "Dogma and Doctrina bei Calvin in einer begrifflichen. Wechselwirkung: Ein Seminarbericht", *Calvinus Praeceptor* (nota 11), 189-208.

⁴⁵ Jae Sung Kim, Prayer in Calvin's Soteriology, in op. cit., 265-274.

tações da Bíblia o assunto de suas preleções teológicas, que foram anotadas por secretários oficiais e posteriormente publicadas. Para ele, a instrução teológica significava exposição da Escritura Sagrada. Ele a apresenta tanto como doutrina que, de acordo com Victor d'Assomville, significa comunicação autorizada por Deus, em oposição ao dogma, que é ensino humano.⁴⁶

Sermão e preleção para Calvino não são a mesma coisa, mas não diferem em princípio. As preleções são preparativos curtos para os sermões, que expressam a mesma coisa, mas de modo mais detalhado e, de forma mais ilustrada, mais direcionada aos ouvintes. Ambos, sermão e preleção pertencem ao exercício do ofício profético na igreja, segundo a doutrina de Calvino. E são precisamente estes textos que têm sido procurados recentemente com maior interesse para a compreensão da teologia de Calvino. Por essa razão, seu ensino se apresenta, talvez não de forma completamente diferente, mas sob uma nova luz, em uma interação eficaz por um lado com observações focalizando especificamente o texto em questão e por outro, com afirmações que falem concretamente a ouvintes ou leitores particulares.

Max Engammare, por exemplo, está preocupado com as interpretações de Calvino sobre o livro do Gênesis.⁴⁷ De acordo com ele, a figura de Abraão é exemplar e confortadora para o reformador em Genebra. Ele mostra que Calvino viu a si mesmo e sua vida inteira como um refugiado e, nessa condição, ele se dirigiu a outras pessoas, ou seja, aos oprimidos na França que estavam esperando o estabelecimento do senhorio de Cristo em seu país, àqueles que tinham de fugir de sua pátria por causa da perseguição, dentre os quais alguns vieram para Genebra, e também para aqueles que tinham de compreender os desafios da fé através desses irmãos e irmãs.

Wilhelmus H.Th.Moehn, durante a edição dos sermões de Calvino sobre Atos 1-7, referiu-se especialmente a Abraão como "o pai da igreja de Deus."⁴⁸ Trabalhando com a exposição de Atos 7, teve em mente, à medida que tratava da figura de Abraão ali, a exposição de

⁴⁶ Cf. nota 44.

⁴⁷ Max Engammare. "D'une forme l'autre: Commentaires et sermons de Calvin zur la Gênesis", in *Calvinus Praeceptor* (nota 11), 107-137.

⁴⁸ Wilhelmus Moehn, "Abraham – 'Père de l'Église de Dieu'. A Comparison of Calvin's Commentary and sermons on Acts 7.1-6", in *Calvinus Praeceptor* (note 11), 287-301.

Calvino sobre Gênesis, que estava fazendo ao mesmo tempo. De acordo com Calvino, Abraão é o modelo através do qual a verdadeira fé e o discipulado obedientes se apresentam unidos indissolivelmente. E, juntamente com Abraão, Calvino também tinha em vista o inevitável problema contemporâneo do nicodemismo, ou seja, a atitude daqueles que criam evangelicamente mas que, em contradição com essa fé, viviam vidas aparentes, adaptadas a uma maioria com outra orientação.

Baseado no fato de que Abraão vivia entre pagãos em Canaã, ele pressentia a tarefa dos genebrinos naturais de “ter de renunciar”, não à cidade nem à vizinhança, mas a si mesmos. Ao mesmo tempo, referindo-se à preocupação de Abraão com sua descendência, Calvino enfatizava que o amor aos vizinhos deve se expandir e incluir as gerações posteriores. Vejo esses esforços como uma indicação promissora de tudo o que virá à luz quando os sermões e exegeses de Calvino se tornarem mais plenamente acessíveis.

⁴⁹ Robert Kingdon, “Calvinism and Social Welfare”, in *Calvin Theological Journal*, 1982: 212-230.

⁵⁰ Mark Valeri. “Religion, Discipline and the Economy in Calvin’s Geneva” in *Sixteenth Century Journal*, 28/1, 1997, 123-142.

5. A ética de Calvino

Uma ampliação iluminadora mas também uma correção da imagem que temos do reformador de Genebra aparece em uma questão levantada por Robert Kingdon, que consequentemente estimulou muitos estudiosos, especialmente norte-americanos, a empreender estudos interessantes. A questão era: o que realmente era novo e diferente na Genebra de Calvino em comparação com o período medieval que o precedeu?⁴⁹ A questão se aplica em particular aos problemas sociais e econômicos de Genebra na época. De acordo com Kingdon, já havia, na Idade Média, uma assistência mínima aos pobres.

No século XVI a novidade foi que a obra social passou a ser realizada mais profissionalmente e por leigos. Mas qual foi a contribuição de Calvino para isso? Na opinião de Mark Valeri, para Calvino, a economia e a ética do bem-estar público precisavam estar em harmonia.⁵⁰ Ao confrontar o pensamento competitivo com a idéia de estar juntos solidariamente, ele se colocou contra a tendência econômica de seu tem-

⁵¹ Op. cit. 139.

po.⁵¹ Ele lutou especialmente contra a usura e já que ela sempre reaparece, escondendo-se por trás de diferentes rótulos, sua luta voltou-se contra o mau uso da linguagem em favor da confiabilidade e integridade de caráter. Todavia ele não luta contra ela com um radicalismo cego, mas como um teólogo que tem o bom senso de saber a diferença entre conceder empréstimos e a usura.

Em tudo isso, Calvino promoveu a prática da solidariedade social. Valeri dá o perfil das intenções de Calvino quando este argumenta: “A dissolução dos laços de comunicação” isola “os indivíduos uns dos outros no corpo social, resultando no abuso do próximo como sendo um objeto de lucro.”⁵² E Jane Dempsey Douglas escreve: De acordo com Calvino, “humanidade restaurada não é algo individual, mas social.” Todos os homens e mulheres são criados iguais, criados uns para os outros, e quando violamos isto é sinal de pecado, que traz a ira de Deus.⁵³ Por certo Calvino se preocupa com responsabilidade social, mas ao mesmo tempo, está interessado em solidariedade social. Ele aparentemente as vê como correspondendo à reciprocidade do corpo de Cristo, no qual os mem-

bros do conselho político e do conselho da igreja (os presbíteros) realizam seu trabalho de responsabilidade pública.

Os pesquisadores mencionados mostraram que Calvino tinha duas preocupações em particular, acerca das quais ele insistiu com o povo de Genebra, no desempenho de seu dever profético. Ou, para dizer mais claramente, ele reconheceu que havia duas formas de pobreza e miséria que perturbavam a vida da comunidade e desafiavam seriamente a a responsabilidade e a solidariedade social. A primeira referia-se à relação da população local com os estrangeiros que dentro de um curto período de tempo chegaram a Genebra buscando refúgio. Até então, a regra era que cada cidade era individualmente responsável pelos necessitados em seu meio. Entretanto agora, de repente, massas de refugiados franceses que foram expulsos de seu país, vieram para Genebra. Em poucos anos, a população de Genebra dobrou, o que tornou praticamente urgente a questão de seu sustento. Portanto a questão se

⁵² Op. cit. 138.

⁵³ Jane Dempsey Douglass. “Calvin’s Relation to Social and Economic Change” in *Church and Society*, março/abril, 1984, 127.

o estrangeiro era ou não realmente próximo se tornou, acima de tudo, muito prática. É provável que pelo menos parte do ressentimento das antigas famílias estabelecidas em Genebra com Calvino tivesse como base a resposta claramente afirmativa que ele deu a essa questão prática. Por isso ele deliberadamente permaneceu durante a maior parte do tempo que viveu em Genebra como um estrangeiro ele mesmo, para mostrar o significado do problema.

Como mostra Valeri, este sentimento de ira cresceu ainda mais quando, após algum tempo, por volta de 1555, a liderança da cidade caiu nas mãos dos estrangeiros.⁵⁴ Estes estrangeiros eram, em sua maior parte, refugiados da França mas, aos poucos, as portas se abriram para os da Itália e Inglaterra também. Kingdon também menciona que um turco e um judeu foram ajudados.⁵⁵ Em um sermão sobre Deuteronomio, Calvino fala de um encontro com um estrangeiro e diz: embora eles não possam falar uma

palavra com o outro, “nosso Senhor mostra-nos hoje que seremos irmãos, porque Cristo é a paz de todo mundo e de todos os seus habitantes. Portanto, devemos viver juntos em uma família de irmãos e irmãs, que Cristo instituiu com o seu sangue. E ele nos dá a oportunidade de questionar cada inimizade (que encontramos).⁵⁶”

O outro embaraço que Calvino mostrou ao povo de Genebra como professor e pregador e que colocou à prova a comunidade, foi a disparidade entre ricos e pobres. Seguramente, na Idade Média, estava bem firmada a idéia de dar ao pobre como boa obra. O fato de que o pobre continuava pobre não era problema, tendo em vista a possibilidade de fazer boas obras. A pobreza podia ainda ser um ideal para os santos. Calvino, entretanto, considerou a pobreza das pessoas verdadeiramente pobres como um escândalo insuportável.

Nicholas Wolterstorff resumiu os pensamentos de Calvino acerca da pobreza em sua forma terrível com a seguinte sentença: “A injustiça social e as lágrimas das vítimas sociais ferem a Deus também.” De acordo com ele, a criação dos seres humanos à imagem de Deus significa também que Deus vê o seu ser em nos-

⁵⁴ Valeri, *op. cit.* (nota 50), 128.

⁵⁵ Kingdon, *op. cit.*, (nota 49), 228.

⁵⁶ Calvin, *Sermo Deutr. 125, CO 28:16 et seq.*; Valeri, *op. cit.* (nota 50), 139.

sos amigos que são vítimas torturadas pela desumanidade. Mas, como confirma Wolterstorff, é exatamente sobre este vulnerável amor de Deus que a luta de Calvino pela justiça foi estabelecida.⁵⁷ Portanto, o dever do rico não termina com o fazer caridade. Ao invés disso, como na citação de Calvino por Valeri “Eu não posso me separar daqueles que se tornaram necessitados, aos quais Deus me uniu.”⁵⁸ Ao contrário, em nome da solidariedade pode-se reconhecer, como escandalosa a luxúria dos ricos nas metrópoles. Esta luxúria é uma expressão de “egoísmo”, como é mostrado por Valeri no comentário de Calvino a I Coríntios.⁵⁹

Quando na *Institutio* a doutrina de Calvino sobre a santificação adquire o perfil de auto-negação, entendemos à luz dessas descobertas, que ela nem é uma virtude digna em si mesma nem uma renúncia à alegria da vida (embora ela não fosse muito visível no rosto de Calvino por causa de suas doenças!). Ao invés disso, a autonegação no entender de Calvino, representa uma útil contrainiciativa face ao “egoísmo” dos ricos. Isto significa que o rico partilha suas posses com o pobre e, com isso, a esperança e o propósito de que uma sociedade firmada na soli-

dariedade seja formada, uma sociedade baseada no recíproco dar e receber.

Estudos recentes têm mostrado que os refugiados ricos da França estavam incluídos nesta partilha com os pobres. Tudo isso tinha como alvo a realização da solidariedade social, na qual a pobreza a pobreza não é mais o destino da maioria das pessoas como consequência do sistema de competição errôneo. A ênfase sobre isto confirma aquilo que Ernst Troeltsch já disse, ou seja, que o apoio de Calvino a um “equilíbrio entre sociedade e indivíduo” na “política social” seguiu em direção oposta à clássica teoria de Adam Smith.⁶⁰ sobre o capitalismo. E acrescentou: enquanto a preocupação de Calvino foi entendida no luteranismo como “um ataque aos fundamentos sagrados da ordem dada por Deus”, a tradição sobrevive até o presente na área da Igreja Reformada na forma de pastores

⁵⁷ Nicolas Wolterstorff. *The Wounds of God: Calvin's theology of social injustice. The Reformed Journal*, June 1987, 14-22.

⁵⁸ Valeri, op. cit., (nota 50), 138.

⁵⁹ Calvin, “Argument” zum Kommentar zum ersten Brief von Paulus an die Korinther (1546/1556) Edinburg, 1960, 6ff, 12ff, CO 49; cf. Valeri, 137.

⁶⁰ Troeltsch, op. cit. (nota 6), 676, 717.

⁶¹ Op. cit., 721.

social-democratas.⁶¹ Isso tem sido afirmado também mais recentemente por R. C. Gamble e Sphen Reid: “O calvinismo de Genebra era mais um ataque à riqueza do que uma defesa da acumulação de capital.”⁶²

Wolterstorff cita um sermão de Calvino sobre Gl 6.9-11, no qual ele junta ambos os lados, o pobre e o estrangeiro, e diz: “Não podemos olhar a pessoa que é pobre e desprezada senão como se fosse o nosso próprio rosto em um espelho... mesmo se fosse ele o estrangeiro do lugar mais distante do mundo. Deixem um mouro ou um bárbaro se achegarem a nós, e contudo, visto que é humano, ele traz consigo um olhar no qual podemos enxergar que é nosso irmão e próximo.”⁶³ Penso que este discernimento espiritual é a origem do interesse de Calvino pelas questões econômicas e sociais. Por conseguinte, na interpretação de 2 Co 8.13 ss. a que André Biéler já se referiu: “Deus exige que haja harmonia e igualdade entre nós,

⁶² Stanford Reid, John Calvin. *Early Critic of Capitalism* (1). *The Reformed Theological Review*, 77-79, e Richard C. Gamble, op. cit., (nota 10) 161-163.

⁶³ Wolterstorff (nota 57) 138 e ss. CO 51:105.

⁶⁴ CO 50, 100f; André Biéler. *The Social Humanity of Calvin*. Paul T. Fuhrmann, trad. Richond: John Knox Press, 1964, 33; a citação completa está no Prefácio de W.A. Visser 't Hooft, op. cit. 8.

ou seja, cada homem deve suprir ao necessitado de acordo com a extensão de seus recursos de forma que ninguém tenha demais e ninguém tenha tão pouco.”⁶⁴ “Deus exige”, declara Calvino aqui. Ele declara isto como um pregador da Palavra de Deus. Ele afirma isto em uma igreja cristã, que deveria se entender como uma assembléia de seres humanos em comunidade e responsabilidade pessoal sob seu único cabeça, Cristo.

Calvino vê a esfera do estado como uma instituição com o propósito de permitir uma existência de bem-estar comum e liberdade, não bem-estar comum às custas da liberdade e nem liberdade às custas do bem-estar comum. Mas ele diz isso como um intérprete da Bíblia em seus sermões e comentários bíblicos, não o diz com o desejo de usar a Bíblia erradamente ou de acordo com seu gosto particular, mas ao contrário, para usar a Bíblia seriamente, como a palavra autorizada por Deus para o tempo presente. Ele diz isso em nome de Deus que vê não como um tirano, mas como o Altíssimo, que cuida dos mais humildes, como Deus a si mesmo se mostrou em Cristo.

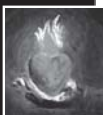
Eu já citei o que disse Wolterstorff sobre o discernimento

de Calvino no que se refere às lágrimas das vítimas sociais que também vitimam a Deus. Agora gostaria de me referir também ao escrito de Randall Zachman intitulado *Crying to God on the Brink of Despair* (Clamando a Deus à beira do desespero) . Ele fala da interpretação que Calvino dá ao Salmo 22: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” E o reformador de Genebra explica com palavras que talvez

não aplicaríamos a nós mesmos, mas olhando para Deus – “que Deus é misericordioso para conosco, mesmo quando parece estar contra nós”. Calvino também escreve, referindo-se à lamentação que aparece no Salmo 77, onde a pergunta é se Deus se esqueceu de ser misericordioso: “A bondade de Deus está inseparavelmente ligada à sua essência, a ponto de ser impossível para ele não ser misericordioso.”⁶⁵

⁶⁵ Randall C. Zachman. “Crying to God on the brink of despair. The assurance of faith revisited” in *Calvinus Praeceptor*, 351-358. Aqui, 355 ss.

Genebra, Calvino e o trato com os hereges



Introdução

A tentativa do artigo não é defender ou acusar Genebra e Calvino, mas apurar os polêmicos episódios que ainda causam espanto, interpretações apaixonadas ou desarrazoadas, defesas e acusações sem qualquer conhecimento de causa etc. Seria a Genebra do século XVI uma cidade em tempos de ira? E Calvino, igualmente, seria o intolerante que costumeiramente se retrata?

As questões relacionadas com a justiça genebrina, ainda que *en passant*, exigem uma necessária alusão ao trato de Calvino e Genebra com os hereéticos, como Serveto, Bolsec, Castellion etc., mesmo quando

Armando Araújo Silvestre*

ainda não existia o conceito de tolerância. Dois séculos adiante, Voltaire criticou mordazmente aquela situação; porque, para Voltaire, Serveto foi uma pessoa imolada por Calvino (VOLTAIRE, 1961, p. 282-283). Estaria correta a crítica? Em que contexto e com quais critérios?

Ao se analisar o contexto em que viveu Calvino, é necessário lembrar que a polêmica condenação à morte na fogueira, de Miguel Serveto, deu-se em 1553 e, após séculos do ocorrido, ainda ressoam as apreensões sobre tal monstruosidade, com os anacronismos de julgamentos fora daquele preciso contexto.

Tolerância? Ocorre que nem o conceito nem mesmo a palavra existiam no século XVI. Pode-se até elogiar, como honrosa exceção, o posterior empenho do filósofo francês Jean

* O rev. Armando é professor e pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

Bodin, que lutou em prol da tolerância entre católicos e huguenotes, na França daquele período. Porém, é necessário apontar que a tolerância, de fato, nasceu somente na década de 1680, nos ensinamentos dos iluministas e, posteriormente, se inscreveu na parte nordeste da Europa, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Na verdade, é obra de um homem em particular: John Locke, no século XVIII.¹

Como o conceito de tolerância inexistia naquele século XVI, pode-se recorrer a outro exemplo, de um período próximo àquele: mesmo o autor de *A utopia*, Thomas More, foi fiel ao seu ideal de humanista católico, dando preferência à morte ignominiosa de traidores que renegassem os seus príncipes. Ele admitia a morte de hereges na fogueira, pois nada seria possível fazer com os hereges senão queimá-los.²

Calvino também não foi tolerante.³ Mas, poderia ter sido, embora não se possa esperar dele as atitu-

des de um declarado campeão da tolerância, das liberdades individuais e dos direitos civis da sociedade. Infelizmente, nem todo o senso filosófico das atitudes conciliatórias, do irenismo e da valorização da paz entre os cristãos, ou mesmo da indiferença que permita a coexistência, nada disso merece o nome de tolerância. Nesse sentido, segundo Bainton (1953, p. 7), a lógica de Calvino não apelaria para uma contradição de consciência, mas para uma “transação”.

O sucessor de Calvino em Genebra, Théodore de Bèze, sempre sublinhou a clemência de Calvino: para Bèze havia apenas ocorrido uma execução de um herege: Serveto. Bèze comparou Calvino e Genebra com as outras cidades suíças e alemãs, onde foram mortos muitos anabatistas, e então afirmou que houve casos semelhantes em que Genebra apenas baniu aqueles que considerava sectários.

Citou os exemplos de clemência

¹ A tolerância de Locke ainda é distinta da liberdade de consciência, apregoada por Bayle, segundo o qual essa liberdade repousa sobre o direito de errar. No sentido estrito, a liberdade de consciência não admite qualquer restrição, contrariamente à tolerância que repousa sobre a arbitragem da sociedade. A este respeito ver: COTTRETT, Bernard. *Tolerance et liberté de conscience? Épistémologie et politique à l'aube des Lumières*. Études Théologiques et Religieuses, 1990, n. 65, p. 333-350.

² Sobre isso, considerar: COTTRETT, Bernard. Traducteurs et divulgateurs clandestins de la Réforme dans l'Angleterre henricienne, 1520-1535. In: *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, 1981, n. 28, p. 472.

³ MILLET, O. Le thème de la conscience libre chez Calvin. In: *La liberté de conscience: XVI-XVII^e siècles*. 1991, p. 21-37. BUISSON, F. *Sébastien Castellion: sa vie et son œuvre - 1515-1563*. 1892, v. 1, p. viii.

para com Hiérome Bolsec, que havia blasfemado contra a providência de Deus. Foi clemente com Sébastien Castellion, que amaldiçoou livros das Escrituras Sagradas; e ainda com Valentin, que blasfemou contra a essência divina. Nenhum deles foi morto: Bolsec foi banido de Genebra. Castellion teve problemas apenas quando saiu de Genebra e foi para Basileia. Valentin foi colocado no esquecimento, após pedir publicamente perdão a Deus e à Autoridade ou Pequeno Conselho da cidade.⁴

Diante disso, perguntava Bèze: onde está a crueldade? Para ele, somente esse único herege, Serveto, foi queimado na fogueira, em mais de trinta anos (BÈZE, 1565, p. 23-24 e 39). Ainda foi o mesmo Bèze quem respondeu a Castellion, ex-professor da Academia de Genebra e outro acusado de heresia, afirmando a autoridade dos magistrados em punir os heréticos.

Castellion foi condenado ao banimento e tornou-se professor da

Sorbonne – França (apud BECKER, 1971, p. 401). O texto-resposta de Bèze, datado de 1560, foi o *Traité de l'autorité du magistrat en la punition des hérétiques et du moyen d'y procéder* – Tratado sobre a autoridade do magistrado em punir os heréticos e do seu modo de proceder.

Não se pretende arriscar conclusões, exceto fazer a ressalva de que se deve cuidar mais para não serem cometidos anacronismos e compreender que o erro de Calvino, foi o erro de sua época. Atenuante? Em todo caso, um erro, um grande erro a ser sempre condenado.

Porém, respeita-se a própria organização política de Genebra e a forma como o Pequeno Conselho(PC), reservava para si o poder de decisões. Soma-se a isso o fato de Calvino ser um estrangeiro na cidade, sem poder decisório. Apenas tinha o poder de levar ao PC assuntos que os próprios síndicos que o compunham resolviam entre si. Então, é muito estranho atribuir a Calvino outro poder que não apenas esse.

Vale, portanto, analisar cada caso em que houve a participação direta ou indireta de Calvino para buscar compreender a sua época, a sua cidade, a sua postura e os limites de sua atuação, de sua ingerência em negó-

⁴ A esse respeito há um bom trabalho desenvolvido por Bernard Cottret: *Biographie* (1990), porém não caberia aqui a detalhada explanação acerca de cada um desses personagens. A indicação fica para os textos: Bolsec et la "foutue prédestination", v. 1551, p. 218-222; Saint Servet, hérétique et martyr, 1553; Le bûcher de Servet, p. 223-227, 228-234; Castellion, p. 235-241.

cios políticos de Genebra e de sua tolerância, ou mesmo de sua falta.

1551: Bolsec e a predestinação

Esse frade carmelita, parisiense e médico, Jérôme-Hermès Bolsec, se voltou contra Calvino e a doutrina da predestinação. Bèze (1565) tratou Bolsec como homem cheio de nuances. Genebra assustava-se com o atrevimento desse carmelita que, em plena congregação, repreendia a doutrina da providência e discordava da predestinação. Era como se os calvinistas estivessem fazendo de Deus o autor do pecado e culpado pela condenação dos ímpios (Bèze, 1565 apud COTTRET, 1995, p. 218).

Calvino chegou a atribuir tal ignorância e insolência à sua formação monacal. Julgava que Bolsec merecia punição por seu ato de sedição. Mas que poderia ser tratado com mais doçura pelos magistrados. Afinal, poderia haver cura para esse ignorante sofista.

O velho carmelita parisiense acabou instalando-se efetivamente em Genebra como médico. Em pouco tempo foi convocado perante o PC. Seus erros: recusava a predestinação e tinha idéias controversas acerca do

livre arbítrio (*Opera Calvini*, v. 21, p. 481, 15 maio 1551). Com certeza, a predestinação se constitui em um dos dogmas mais contestados do calvinismo doutrinário.

De fato, o que causa polêmica é a confusão com a dupla predestinação. Quem faz essa confusão acaba criticando o Deus que escolheu salvar alguns e também escolheu condenar outros. Entender a predestinação requer uma atenção maior e um espaço que não existe nesse artigo.

Mas, Bolsec foi mesmo imprudente e anunciava que o Deus pregado em Genebra era mentiroso e hipócrita, o patrono dos criminosos e pior que Satanás. Publicamente atacou Calvino, no dia 16 de outubro de 1551. Nas igrejas daquela época havia algo como grupos de estudos bíblicos que permitiam tais contravenções e participações dos leigos. Bolsec se insurgiu contra a explicação predestinacionista (KINGDOM; BERGIER, 1964, p. 80-131). Logo à saída, Bolsec já foi conduzido à prisão do bispado, para aguardar o julgamento.

As autoridades civis tinham muita dificuldade técnica para julgar questão dessa importância. Não se achavam competentes para disputas tão altas e difíceis (O.C., v. 8, p.

176, Registres du Conseil, 27 out. 1553). Restou a Bolsec confrontar Calvino acerca dessa doutrina que o médico julgava absurda.

Ele enviou a Calvino um verdadeiro quebra-cabeças metafísico: os “Artigos propostos por Jerome Bolsec ao mestre Calvino, a fim de que ele responda categoricamente e sem razões humanas nem similitudes vãs, mas simplesmente através da palavra de Deus” (Ibid., p. 178). Após tentativas e consultas às Igrejas de Berna, Basileia e Zurique, o PC de Genebra resolveu pelo banimento de Bolsec, em 23 de dezembro de 1551 (Ibid., p. 247).

O fato de ter desafiado a autoridade dogmática de Calvino e sua dificuldade em receber instruções, levou o PC a optar pelo banimento daquele homem que poderia oferecer perigos à própria cidade. Prova disso é que após a expulsão de Bolsec, em 1552 ouviam-se nas tabernas e cabarés os motejos: “Calvino faz de Deus o autor do pecado” (Ibid., p. 523).

Também em 1553, Robert Lemoine, refugiado normando, compareceu perante o Consistório por esposar essas teses muito pessoais (Ibid., p. 544). Não houvesse o banimento de Bolsec e o PC teria problemas multiplicados até perder

o controle. Esse era o problema que um herege representava para a comunidade naquele contexto.

Até mesmo entre os ministros surgiam dissensões. O pastor André Zébédée, de Noyon, e Jean Lange, de Bursin, pregaram contra as idéias de Calvino, em 1555 (COTTRET, 1995, p. 222, nota 27). Iniciando com Bolsec a pregação das teses anticalvinistas tomaram vultos nos anos seguintes. Berna precisou punir Sébastien Foncellet, o autor da epigrama que considerava Genebra como Sodoma e os ímpios como reformadores (O.C., v. 21, p. 601, Registres du Conseil..., 49, f. 44).

Bolsec retornou ao catolicismo, em 1577, treze anos após a morte de Calvino. Na ocasião, publicou o livro *História da vida, modos, atos, doutrinas, constância e morte de João Calvino, antigo pastor de Genebra* (ALMEIDA, 1996, p. 71). Levantou, nesse livro, inúmeras falsidades e calúnias contra Calvino. Destilou toda a sua raiva contra o reformador. Acusou-o de arrogante, orgulhoso, cruel, maligno, vingativo e ignorante. Ainda atreveu-se a caluniá-lo como sodomita ou homossexual, ladrão de prata, participante de uma falsa ressurreição, guloso e impuro (Ibid.).

Não é difícil rejeitar uma a uma

dessas acusações. Nem mesmo é necessário, face aos fatos históricos que são comprovados. No entanto, as falácias colaram e até hoje muitas dessas infâmias são tidas como verdadeiras pelos que ignoram a história de Calvino. Como se as fofocas prevalecessem sobre as narrativas abalizadas e historicamente verificadas. O livro de Bolsec circulou bastante. Foi condenado até mesmo pelos católicos, mas circulou. O povo gosta de ler coisas deste nível. Bolsec faleceu por volta de 1584 (Ibid.).

1553: o polêmico caso Serveto

Após toda a difamação iniciada por Bolsec ainda a acusação que persiste é a de que Calvino pessoalmente matou Serveto. Isso contraria a lógica dos fatos e da própria estrutura de Genebra. No máximo, pode-se atribuir a Calvino a concordância com a condenação deste herege.

Miguel Servet (1511-1553), ou Michael Servetus em latim, ou aporuguesando-se para Miguel Serveto, já havia sido condenado pela Igreja Católica.⁵ Fugiu da primeira condenação, mas acabou descoberto em Genebra. Não se inti-

midou, mas continuou desafiando a Igreja, primeiro a católica, agora a protestante. Naquele século XVI não poderia esperar-se outro final: foi condenado à morte.

Médico, teólogo, filósofo, geógrafo, astrônomo e astrólogo, este espanhol nascido em Vilanova de Sigena-Huesca, no norte da Espanha, defendia idéias teológicas que contrariavam tanto as doutrinas católicas quanto as calvinistas. Acusado de heresia, Serveto já havia sido preso e julgado na França. Conseguiu evadir-se da prisão e quando se dirigia para a Itália, através da Suíça, foi novamente preso em Genebra, julgado e condenado a morrer na fogueira, por decisão do PC, a pedido do tribunal eclesiástico ou Consistório.

Quando Serveto residiu na região do Dauphiné francês, na cida-

⁵ Servet ou Serveto (1511-1553) era um físico espanhol. Descobriu que a doutrina Nicena da Trindade usava termos não-bíblicos, e após estudar a Bíblia e os padres anti-nicenos formulou outro ponto de vista, rico em teologia eucarística e batismal. Publicou seus pontos de vista em *De trinitatis erroribus libri VI* (1531), e novamente em *Cristianismi restitutio* (1553), o que ocasionou a sua execução como herege em Genebra. Ele considerava o Espírito Santo como uma força e não como uma pessoa. Negou a eterna geração do Verbo etc. Era também um geógrafo e anatomista, e cria que a Bíblia deveria ser estudada em seu contexto histórico. (*Westminster Dictionary of Church History*, p. 763; *Oxford Dictionary*, p. 1.263).

de de Vienne⁶, trocou correspondências com Calvino sobre assuntos de cunho teológico. Serveto não aceitava as doutrinas do batismo infantil, da cristologia segundo o Concílio da Calcedônia, nem mesmo a doutrina da trindade, segundo o Concílio de Nicéia. Calvino e Serveto romperam esse relacionamento epistolar em 1547.

O tribunal de Vienne condenou Serveto no dia 17 de junho de 1553, logo após ele ter publicado *Christianismi restitutio*. Serveto conseguiu fugir da prisão. Restou aos que o condenaram queimar seus livros e também queimá-lo em efígie (FARIA, 2008, p. 224)⁷, ou seja, queimar um boneco que representava o condenado. Como se estivesse executando o próprio herege, ainda que simbolicamente. Serveto já estava morto para a igreja católica. Morto na fogueira dos hereges. Em outro país não seria feita a mesma coisa? Obviamente, sim.

Na rota de fuga, passando por

Genebra, acabou preso. Houve um processo contra ele, baseado em 38 artigos, condenando-o por heresia. Era o mês de agosto de 1553. Era uma época sombria e em Genebra havia um grupo de opositores a Calvino que se aproveitaram da situação para criar polêmica. Entre eles estava o genebrino Philibert Berthelier, do partido político dos *articulantes*, anticalvinista, e ele decidiu defender Serveto e confrontar Calvino.

Calvino compareceu diante do PC e se declarou contra Serveto. Porém, aqui entra um comentário que desmente a sua crueldade, sem desculpá-lo de sua intolerância. Calvino pedira a Farel, por meio de carta, “Espero que Serveto seja condenado à morte, mas desejo que seja poupado dos horrores da fogueira” (FARIA, 2008, p. 224).

O PC decidiu consultar as igrejas das cidades vizinhas, Berna, Zurique e Schaffhouse. Também consultou a cidade de Vienne, pedindo cópias da condenação que infringiram a Serveto. Vienne pediu a extradição do prisioneiro, para ser sentenciado na fogueira daquela cidade francesa. Serveto não tinha para onde correr, ou a fogueira vienense ou a genebrina. A morte era iminente, inescapável.

⁶ Vienne, no Dauphiné francês, é uma comuna francesa do Departamento de Isère. Seu nome é aportuguesado para Viena, mas isso causa confusão com a outra Viena, a capital da Áustria. Houve, em Vienne, o XV Concílio Ecumênico que condenou à extinção a Ordem dos Cavaleiros Templários, entre 1311 e 1312.

⁷ Efígie é a representação plástica da imagem de uma pessoa real ou simbólica.



Figura 1. Servet ou Serveto.⁸

O PC de Genebra organizou uma discussão entre Calvino e Serveto para demonstrar a Serveto quais eram os seus erros. Nesse período, também Berthelier compareceu no PC pedindo o cancelamento de sua própria excomunhão e afrontou o Consistório que lhe infringira tal pena.

No dia primeiro de setembro de 1553, Berthelier conseguiu sua admissão à eucaristia já para o domingo seguinte, dia três de setembro. Foi nesse dia que Calvino protestou e se recusou a servir a santa ceia ao excomungado. Até mesmo pregou um sermão de despedida, tal o calor da quebra de braços entre Calvino e esses libertinos, do partido dos *articulans*, os *enfants de Genève*.

⁸ Disponível em: http://fr.wikipedia.org/wiki/Michel_Servet. Acesso em; 23 jul. 2008.

A disputa se acirrou e as autoridades de Calvino e do Consistório foram desafiadas. Juntamente com os pastores de Genebra, no dia sete de setembro, Calvino e os demais protestaram diante do PC solicitando a independência do poder eclesiástico. Repetiram o protesto no dia 15. No dia 18 de setembro, o PC decidiu “ater-se aos editos como era o costume anterior” (FARIA, 2008, p. 225).

Serveto, por sua vez, não se aquietava e ainda mandou ao PC um pedido para que Calvino fosse preso. Apoiava-se na lei de talião, e desejava retaliar aquele que o acusara “falsamente”. Acusava Calvino de heresia e exigia a condenação dele: “[...] até que a causa seja decidida, pela morte dele ou minha, ou outra pena”.

Foragido de Vienne, preso em Genebra, condenado à morte, deu essa última cartada, contando com a divisão da cidade e com o apoio daqueles que confrontavam Calvino. Serveto colocou em xeque o PC de Genebra: “a morte dele ou minha”!

A resposta das outras cidades suíças chegou a Genebra em 18 de outubro de 1553. Todas condenavam Serveto e sua heresia. Apoiavam Calvino e os demais pastores de Genebra. A morte de Calvino ou a de Serveto?

No dia 26 de setembro, o PC

de Genebra decretou a condenação de Serveto à morte na fogueira, já para o dia seguinte. Novamente Calvino escreveu a Farel, explicando-se: “Nós nos temos esforçado para mudar o tipo de morte. Foi em vão. Eu lhe direi de viva voz porque nada conseguimos” (FARRIA, 2008, p. 225).

A sentença foi dada pelo PC de Genebra, que condenou e executou Serveto, dando ganho de causa ao Consistório. Para fazê-lo, o PC pediu a opinião da liderança eclesial das demais cidades suíças e até da cidade católica de Vienne. Calvino e os demais líderes religiosos do Consistório foram confrontados pelo genebrino Berthelier e demais opositores. Calvino foi acusado por Serveto que queria sua condenação à morte. Serveto perdeu a batalha. Morte? Sim, a dele e não de Calvino, como ele mesmo sentenciara.

Assim, o PC resolveu o que somente a ele cabia fazer: executar a justiça própria da época e daquela cidade - executou Serveto. O PC, Calvino e os pastores de Genebra, as cidades suíças de Berna, Zurique e Schaffhouse, além da católica Vienne e do próprio Serveto: todos pediam a sua morte. Intolerância típica do século XVI.

Crueldade? Por parte dos executores houve, sim. Mas, não se pode continuar imputando somente a Calvino a condenação de Serveto, muito menos atribuir-lhe crueldade. Se houve alguém que intercedeu para que não queimassem Serveto vivo na fogueira, esse foi Calvino.

Depois, as acusações de crueldade continuaram sendo dirigidas justamente contra aquele que desejou poupar Serveto, ainda que este jamais desejasse isso para o próprio Calvino. Invertendo as posições, Serveto seria apoiado por Bethelier e outros opositores libertinos. Todos se deliciariam vendo Calvino arder na fogueira.

Crueldade? Sim, houve mesmo. Mas, não por conta de Calvino. Porém, como há requintes sempre lembrados, atribuem a crueldade à pessoa errada. Quem sentenciou Serveto foi o PC de Genebra, apoiado por Berna, Zurique, Schaffhouse, Vienne etc. O Consistório e Calvino ganharam a disputa: era Calvino ou Serveto. O PC deu ganho de causa a Calvino e condenou Serveto.

Após isso, aqueles que desconhecem a história condenaram Calvino e deram glórias de mártir a Serveto. Talvez isso se revista de crueldade histórica ou injustiça pe-

rante os fatos.

Reiterando, houve crueldade contra Serveto: uma coroa de espinhos com enxofre foi colocada sobre a cabeça do sentenciado. Foi usada lenha verde para que a fogueira durasse mais e para que o suplício fosse mais cruel e doloroso etc. Depois, some-se a isso o atribuir exclusivamente a Calvino a culpa por esse erro monumental. Na verdade, foi um erro infeliz e corriqueiro de uma cidade em seu contexto. Aliás, de várias cidades.

A católica Vienne já desejava fazer isso antes. Coube à protestante Genebra fazê-lo. Serveto morreu queimado duplamente: pelos católicos e pelos protestantes. Calvino foi o carrasco? A sentença foi cumprida pelo PC de Genebra, num local chamado Champel, nas proximidades da cidade, no dia 27 de outubro de 1553.

O nome de Miguel Serveto deveria estar definitivamente incorporado à história da medicina. Serveto foi um precursor de Harvey na descoberta da pequena circulação sanguínea. Foi Serveto quem primeiro descreveu a circulação pulmonar com exatidão, cem anos antes de Harvey. Curioso é que até mesmo a sua descoberta foi, por muito tempo, ignorada pela medi-

cina oficial.

Lembram-se da execução e morte de Serveto. Esquecem a sua vida. Ele foi um médico de alto nível. Também foi um homem que desafiou a sua época, confrontou a liderança eclesiástica católica e depois a protestante. Insistiu em combater a doutrina da Trindade e acabou sucumbindo, perdendo a batalha. Fudou morto e como a constante pedra no sapato de Calvino, como o pomo de discórdia entre os que admiram e os que detestam Calvino. Verdade ou mentira? Antes de perguntar-se isso, deve-se questionar: verdade de qual época?

Foi condenado pelo catolicismo ainda medieval e penou sob o poder de um protestantismo ainda nascente e que pretendia deixar de lado os erros religiosos do medievalismo. No caso de Serveto verificou-se que quem de fato o executou foi o PC de Genebra. Era o PC ainda dominado pelos libertinos, pelas famílias Perrin e Berthelier.

Após essa condenação erroneamente conduzida, os libertinos caíram em descrédito em Genebra. Os *guilherminos* formavam o partido que apoiava Calvino. Lutou pela volta do reformador à cidade em 1541. Agora, após o caso Serveto, em 1553, acabaram tomando o po-

der que pertencera aos libertinos ou *articulans* e favoreceram Calvino.

Como vingança, parece terem sido os próprios libertinos os primeiros a difamar Calvino e atribuir falsamente a condenação de Serveto ao reformador. Os libertinos o mataram. Caíram em descrédito. Perderam o poder do PC. Então, fizeram de Calvino o bode expiatório de sua incompetência. Para muitos o erro dos libertinos ainda vem sendo pago por Calvino.

O caso Serveto custou e ainda custa muito caro aos protestantes calvinistas. Até hoje, muitos deixam de estudar e conhecer a grandeza de Calvino devido ao polêmico episódio com os hereges, especialmente com Serveto. Muitos erraram, e somente o calvinismo ainda paga a conta.

Tal polêmica correu os séculos. Voltaire acusou Calvino por agir como o “papa dos protestantes”. Porém depois, Montesquieu reconheceu seu gênio e sugeriu que “os genebrinos deveriam tornar bendito o dia que Calvino nasceu”. Por mais contraditório que pareça, ao final Calvino se tornou um dos patronos dos direitos humanos, principalmente por ter lutado por algo maior que este erro compartilhado com os líderes de Genebra e

demais cidades.

O próprio PC de Genebra defendeu e implantou regras e pontos importantes que servem até hoje como referência mundial de democracia representativa. Calvino, em particular, defendeu a teoria do direito civil de resistir aos abusos do Estado, um problema filosófico-político de desobediência civil e do direito de revolta. Esse líder protestante, cujo destino se cruzou com o de Genebra, antecipou idéias que o colocaram entre os fundadores do pensamento político moderno.

Como uma pedra que se coloca sobre a questão, houve a corajosa atitude de reconhecimento do erro e o pedido público de desculpas por parte dos seguidores de Calvino, séculos após o trágico fato de 1553. Por ocasião dos 350 anos da morte de Serveto, em 1903, os protestantes de Genebra erigiram um monumento expiatório:

Filhos respeitosos e agradecidos de Calvino, nosso grande reformador, mas condenando um erro que foi do seu século, e firmemente ligados à liberdade de consciência, segundo os autênticos princípios da Reforma e do Evangelho, erigimos esse monumen-

to em 22 de outubro de 1903.⁹

Após 1553: a oposição do amigo Castellion

Serveto continuou como um *souvenir* em Genebra após o seu suplício. Bèze (1565) continuou relatando casos relacionados. Em 1556, Matthieu Antoine foi banido por defender as propostas de Serveto. Em 1558, o porteiro Jean Jacquement condenou aquele fim trágico que lhe deram. Catherine Cop sustentou que Serveto era “mártir de Jesus”.

Bèze o reputou como “espanhol de maldita memória”, “não um homem, mas um monstro terrível” com todas as heresias velhas e novas, blasfemador execrável contra a trindade e a eternidade do Filho de Deus (apud COTTRET, 1995, p. 235). Outros mais se revelaram contrários ao suplício de Serveto e o calvinismo continuou a ser responsabilizado por seu suplício. Entre eles estava uma pessoa que fora muito querida de Calvino: Castellion.

Sébastien Castellion (1515-

1563) era compatriota de Calvino, natural da região do Dauphiné francês, da cidade de Saint-Martin-du-Fresne, próxima à divisa com a Suíça (COTTRET, 1995, p. 237). Estudou no Collège de la Trinité em Lyon. Tornou-se grande conhecedor de grego, hebraico, italiano, alemão e latim.

Por volta de 1540 ele aderiu ao protestantismo em Lyon, onde presenciara muitas fogueiras contra os hereges. Abalado com isso, procurou refúgio em Estrasburgo, onde brilhava o espírito do jovem reformador Calvino, o autor das *Institutas*.

Após a volta de Calvino para Genebra, Farel indicou a seu amigo o ainda mais jovem Castellion, para lecionar na Academia de Genebra. Castellion foi aceito e acabou tornando-se também o diretor do *Collège de Rive*, pertencente à mesma instituição fundada por Calvino, em 1555. Foi o substituto do diretor Maturin Cordier que retornara a Neuchâtel e depois iria a Lausanne. Prosperou rapidamente devido ao seu grande talento.

Em Genebra, inicialmente hospedou-se na própria casa de Calvino. Sua competência pedagógica e a divulgação de seu livreto *Colloques* tornaram-no bem conhecido. Era

⁹ Disponível em: www.servetus.org.br. Acesso em 03 jun. 2008.

ainda o autor de *Dialogues sacrés* – diálogos sacros – em edição bilíngüe, latim-francês, combinando a educação religiosa com os ensinamentos clássicos.

Castellion resolveu candidatar-se também ao ministério. Tinha muitos filhos e o salário de professor lhe era insuficiente. Porém, tinha idéias teológicas que contrariavam Calvino e Genebra. Calvino, então, pediu que aumentassem seu salário de professor. Mas, não o recomendou para o ministério. Entre os pontos de divergência, Castellion rejeitava o livro canônico de Cântico dos Cânticos, por julgá-lo libidinoso, lascivo e obsceno. Também rejeitava o trecho do Credo Apostólico que menciona ter Cristo descido ao Hades. Ainda discordava da doutrina da predestinação.

Castellion fez uma tradução do Novo Testamento em linguagem popular. Nova rejeição, agora devido a erros crassos de linguagem e da própria tradução, inexata e grosseira (O.C., v. 11, p. 673-674, carta a Viret, 26 mar. 1544). Passou a se comportar feito um *enfant terrible*. Criticou os pastores de Genebra (Ibid., p. 719-722, carta a Farel, 31 maio 1544).

Calvino não suportou a desordem e pleiteou contra Castellion junto às autoridades civis de Gene-



Figura 2. Sébastien Castellion (1515-1563).¹⁰

bra. Além de interditar seu acesso ao ministério, foi-lhe cassado o direito de pregar. Calvino ainda simpatizava com Castellion, quando sugeriu que recebesse um aumento salarial. Mas, Castellion não aceitou ter sido reprovado para o ministério e resolveu partir de Genebra. Tinha ainda 29 anos.

Em janeiro de 1554 foi dispensado de suas funções de diretor no Collège (O.C., v. 11, p. 439). Dirigiu-se a Basileia, onde trabalhou como auxiliar na imprensa de Oporin. Lá ele reencontrou Thomas Platter e Francisco de Enzimas, co-

¹⁰ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sebastian_Castellion. Acesso em 23 jul. 2008.

nhecido como Dryander. Começou com eles a tradução da Bíblia (COTTRET, 1995, p. 238).

Platter havia sido aprisionado quando apresentou ao rei Carlos V o seu projeto de tradução do Novo Testamento (1543). Ele buscou refúgio na Inglaterra onde foi nomeado professor de grego na Universidade de Cambridge (1548). Em 1549 partiu para Basileia e depois Estrasburgo. Morreu em 1552, contaminado pela peste (COTTRET, 1995, p. 239, nota 89).

Também Castellion juntou-se ao grande jurista de Basileia, Boniface Amerbach. Finalmente, após dificuldades financeiras que enfrentou, Castellion conseguiu sua nomeação como professor de grego na Universidade da cidade. Em 1546 ele usou o pseudônimo Moses latinus para traduzir uma parte do Pentateuco. Em 1547 traduziu os Salmos.

Foi em 1551 que ele resolveu fazer a tradução latina da Bíblia para Eduardo VI. Buscou dar um conteúdo metodológico à distinção entre a letra e o espírito das Escrituras (Buisson, 1892 apud COTTRET, 1995, p. 239, notas 90-91). Porém, essa sua reforma ortográfica não foi bem aceita.

Castellion ao sair de Genebra, havia pedido uma carta de recomendação que atestasse seu bom

caráter e competência pedagógica. Calvino e os demais pastores da Venerável Companhia de Pastores de Genebra assinaram esse documento honroso recomendando-o para Basileia. Afinal, era amigo daqueles pastores.

Em Basileia acabou tornando querido e renomado, como era de se esperar. Porém, iniciou a enviar suas correspondências que combatiam indiretamente a Calvino. Logo após a morte de Serveto (1553), Calvino escreveu o *Tratado sobre a heresia* (1554). Castellion, então, saiu a campo atacando severa e diretamente Calvino. Verdadeiros ataques de cólera contra a “*bûcher de Servet*” – a fogueira de Serveto – que ainda ardia nas consciências.

Castellion acabou escrevendo um texto que apontava para a tolerância naquele século XVI. Mas, ainda não era a real tolerância que se desejava. Talvez mais a liberdade de consciência que propriamente a tolerância. É dele a frase: “Quando se mata um herege, não estamos matando uma doutrina, mas um homem” (apud ALMEIDA, 1996, p. 71).

Como o PC de Genebra sentiu-se atingido, dirigiu-se ao concílio de Basileia e à sua universidade. Exigiu a reparação do caso. Calvino não tratou pessoalmente a questão.

Embora Castellion fosse muito prestigiado em Basileia, a publicação de seu livro atacando Calvino foi impedida. Era o seu *Tratado dos heréticos, a saber se devem ser perseguidos, e como se deve conduzir com eles, segundo o conselho, opinião e sentença de muitos autores tanto antigos quanto modernos* (1554).

Castellion usou o pseudônimo de Martinus Bellius e publicou esse panfleto condenando as idéias de Calvino. *Bellius* vem de *bellum*, latim, e significa guerra. Ele queria combater o erro de terem condenado Serveto. Nessa guerra, posteriormente Bèze incluiu Castellion na sua galeria de monstros.

Com isso, Calvino partiu para o contra-ataque ferrenho e extremamente severo. Basileia sentiu-se ofendida com as acusações feitas por Calvino ao seu ilustre hóspede e mestre. Revogou a interdição e autorizou a publicação do livro de Castellion. Com muitos insultos violentos Castellion esconjurou Calvino.

Nesse ínterim, descobriram que Castellion mantinha relações sigilosas com um inimigo da causa evangélica e reconhecidamente herético: Ochino, um ex-franciscano convertido ao protestantismo, mas que escrevia obras que contrariavam a nova fé. Castellion traduzira uma das

obras de Ochino e todo o seu renome e lisura caíram por terra.

Em 1554 Bèze escreveu sua resposta a Castellion. A resposta teve sua versão francesa em 1560, com o título *Tratado sobre a autoridade do magistrado em punir os heréticos e seu modo de proceder*. Não foram tomadas providências pela universidade de Basileia. Mas, o Sínodo Geral das Igrejas Reformadas da Suíça o condenou por heresia e falsidade, em 1563. Porém, Castellion morreu prematura e repentinamente, antes de ser executado (ALMEIDA, 1996).

1545: solidariedade no caso do suicida Vachat – um verdadeiro furo de reportagem somente em 2008

Na contramão de tudo que vem sendo apontado com relação ao trato com os heréticos, há um verdadeiro furo de reportagem que resgata a imagem de Calvino. Tal furo de reportagem é de 2008 e tem relação com a carta escrita por Calvino em 1545.

Essa carta hoje se encontra entre as preciosidades do MIR – Mu-

seu Internacional da Reforma – em Genebra. É um manuscrito autografado por Calvino, de 1545, que mostra o reformador em seu ângulo mais humano. Para esse museu, o achado é mais do que uma preciosidade. Ele foi colocado em exposição sob a proteção de uma vitrine, protegido contra a exposição direta de luz, em uma das doze salas do MIR.

O manuscrito datado de 23 de janeiro de 1545 é a única carta conhecida de João Calvino sobre o suicídio. Nela, o teólogo conta que havia sido chamado à véspera por Jean Vachat, um cidadão que havia perfurado duas vezes o próprio abdômen com uma faca, para acabar com seus sofrimentos de tuberculoso e asmático.

O texto é surpreendente, raro e inesperado. “Eu o exortei com minhas palavras a armar-se de paciência e a consolar-se na graça de Deus”, escreveu Calvino nessa carta. Antes de morrer, o suicida foi visitado por Calvino e confessou a ele seu erro, como revela o documento. O reformador tratou a questão do suicida de um ponto de vista teológico e sua carta apresenta-o:

[...] confrontado à realidade dos sofrimentos físicos, sofrimentos que terminam se tor-

nando morais à medida que a pessoa tem a impressão de ter sido abandonada por Deus.

Apesar dos esforços de Calvino e dos barbeiros da cidade, que eram os cirurgiões naquela época, Jean Vachat morreu no mesmo dia. Na paisagem religiosa e ética da época, o suicídio era uma questão grave e exigia um procedimento da justiça penal que negava ao suicida até mesmo a sepultura cristã.

O procedimento penal começava com a entrega da queixa ou da constatação do delito. No dia seguinte, Calvino e os outros intervenientes no caso – um segundo pastor e dois cirurgiões – entregaram, conforme os costumes da época, seus relatórios ao Tenente da Justiça, que era o representante da polícia de Genebra. Mediante a autópsia do corpo, os investigadores chegaram à conclusão que Jean Vachat poderia ter sobrevivido aos ferimentos se ele já não estivesse enfraquecido pela asma, da qual sofria e que era origem do seu gesto desesperado.

Apesar desses elementos, o Tenente da Justiça considerou o caso “extremamente escandaloso”. Ele permaneceu insensível aos pedidos de Calvino e ordenou que o corpo do suicida fosse enterrado sob o cadafalso, sem se-

pultura cristã. Isabelle Graesslé analisa que “O relatório revela um lado humano de Calvino. Ele mostra que o mais severo dos teólogos não era aquilo que imaginávamos”.

Mas, esse retrato poderia não ter sido pintado e essa nova faceta “mais luminosa” da personalidade de Calvino poderia ter permanecido desconhecida para sempre. O motivo? A carta foi roubada e ficou desaparecida por mais de um século.

Na primeira metade do século XIX, James Galiffe, um funcionário auxiliar nos arquivos havia criado uma pequena coleção de peças não catalogadas. Ele roubou, então, a carta de Calvino que estava nos Arquivos do Estado de Genebra, assim como o dossiê completo do caso do suicida Vachat.

Os herdeiros do ladrão James Galiffe devolveram as preciosidades aos arquivos apenas em 1915. O único objeto que faltava era o documento assinado por Calvino, que provavelmente havia sido vendido ou dado a um colecionador particular antes dessa data. Ele só retornou à tona em 2003, quando foi leiloadado na famosa casa Sotheby’s, em Paris.

A reaparição do raro documento provocou consternação na cidade de Calvino, onde os Arquivos do Estado protestaram com firmeza,

mas sem ter sucesso em fazer valer seus direitos. A carta terminou sendo comprada por um colecionador, que morreu em 2005. Os descendentes do colecionador decidiram então revendê-la. Ela foi posta em leilão em julho de 2007, na Christie’s de Londres, onde passou para as mãos do seu novo proprietário pela soma de 70 mil libras. Foi comprada pelo grupo de mecenas que apoiou a construção do Museu Internacional da Reforma.¹¹



Figura 3. O documento inédito mostra a humanidade de Calvino para com um suicida.¹²

¹¹ Disponível em: <http://www.swissinfo.ch/por/swissinfo.html?siteSect=105&sid=8620853>. Acesso em 23 maio 2008.

¹² Manuscrito assinado por Calvino retorna à Genebra. Disponível em: http://www.swissinfo.ch/xobix_media/images/sri/2007/sriimg20071219_8549618_7.jpg. Acesso em: 23 maio 2008.

Em seus vários salões, o museu lembra sempre da evolução da Genebra de Calvino, do seu estatuto de “Roma protestante” ao desenvolvimento da cidade com grandes construções, promovidas para receber os huguenotes. E a história vem até os dias de hoje, como detalha Olivier Fatio, presidente do conselho da Fundação do Museu:

Das guerras religiosas até a resistência ao nazismo, da predestinação às mulheres assumindo postos na Igreja e trabalhando como missionárias no exterior, dos conflitos dogmáticos até ao ecumenismo e o diálogo entre as religiões.¹³

Esta é uma grande realização para Genebra, que precisou de mais de cem anos até concretizar o seu MIR. O museu não é apenas um local de memória. Sobretudo, quando as pessoas estão hoje entre o desencanto com a religião do passado e à procura de novas respostas às questões espirituais, a Reforma vira um tema extremamente atual.

¹³ Disponível em: <http://www.swissinfo.ch/por/swissinfo.html?siteSect=105&sid=8620853>. Acesso em 10 jun. 2008.

Considerações finais

O que se sabe de Calvino no Brasil ainda é muito pouco. Há a triste constatação de que nem mesmo os que se dizem fiéis calvinistas conhecem algo de substancial desse reformador universal. Isso chega a estarrecer. Há mesmo alguns que se dizem guardiães da herança deixada por Calvino, mas que não conseguem passar das meras citações a favor ou contra, com acusações pesadas ou defesas apaixonadas. Leitura e compreensão para acusar ou defender? Quase nada. Conhecimento? Praticamente nulo.

Há alguns bons conhecedores de Calvino. Mas, parece que guardaram tudo isso para si mesmos. Por que não pesquisam e escrevem? Por receio ou por descaso, há o risco de se perder o rumo da história e o de perder também o norte para o presente e para o futuro.

Quem sabe alguns retratos ajudem os leitores a visualizarem e a descobrirem a importância de Calvino para o seu tempo e para hoje. Retratos de um homem e de seu tempo. Pois, sem dissociar esse homem de seu tempo é possível aplicar as interpretações de seu mundo e contextualizá-las na busca

de soluções para os problemas de nossa própria época.

A opção por apresentar esse retrato de Calvino corresponde a apelar para algo não estático, mas sempre em movimento. No caso de Calvino, seus retratos congelam, condensam, identificam-se com a fugacidade do traço e com a verdade da alma. Portanto, se estão ainda em movimento, estão inacabados, e não poderão ser totalmente fechados ou concluídos. Calvino merece esse retrato em movimento.

Existem vários retratos contraditórios de Calvino. Mesmo que houvesse um só, ainda assim teria várias interpretações, de diferentes observadores. Todo personagem histórico passa por este crivo. O que se pode tentar é desenhar ou insistir em um retrato ainda inacabado do reformador.

Há vários detalhes e traços a considerar. Entre tantos, pode-se detalhar a primeira estada em Genebra e a tentativa fracassada de reforma por parte de Calvino e seu mentor Farel; ou a conseqüente expulsão de Calvino e o traçado de sua peregrinação por várias cidades como Basileia, Genebra, Estrasburgo, até regressar novamente a Genebra.

Outros traços podem delinear o amadurecimento desse líder religi-

oso e político, bem como as contribuições que posteriormente deu à cidade e ao mundo. Retratar Calvino é também fazer uma análise de seus escritos. Quando o foco é político, há que se privilegiar o que tange ao seu pensamento político, com todas as nuances possíveis.

Para a fase de elaboração desse retrato é preciso buscar um entendimento melhor do plano de fundo, da paisagem ou do palco dos acontecimentos: Genebra e a revolução religiosa ocorrida no século XVI. Partindo desse contexto de reviravoltas no cenário religioso e político da Europa renascentista, é possível desvendar alguns traços de sua personalidade e ainda tentar algumas pinceladas sobre o pensamento desse personagem que, por sua vez, foi descoberto por Genebra.

Também é preciso viajar no tempo e no espaço para pintar melhor o plano de fundo: Genebra. A partir da cidade se pode compreender o protagonista dessa história e descobrir o seu pensamento. A Genebra que ficou conhecida como cidade calvinista, no sentido próprio, era um lugar de refúgio para onde afluíam os insatisfeitos, os insaciáveis, os que amavam a Cristo, desejosos de construir uma sociedade cristã ideal, quinze séculos após a pregação de Jesus.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALMEIDA, Joãozinho Thomaz de. *Calvino e sua herança*. Vitória: [s.n.], 1996.
- AUBERT, Hyppolyte et al. (Ed.). Correspondence de Théodore de Bèze. In *Travaux d'Humanisme et Renaissance* 20, n. 318. Genève: Droz, 1998.
- BABEL, Henry. Le rayonnement theologique de Genève depuis Calvin. In *Informationes theologiae europae: internationales okumenisches Jahrbuch fur Theologie*. N. York, v. 3, p. 251-260, 1994.
- BAINTON, Ronald H. *Michel Servet, hérétique et martyr*. Genève: Droz, 1953.
- BAUMGARTER, Frederic J. The church: the protestant challenge. In: *France in the Sixteenth Century*. N. York: St. Martin's Press, 1995, pp. 135-150, 330.
- BERGIER, Jean-François. *Les foires de Genève et l'économie européenne de la Renaissance*. Paris : SEVPEN, 1980.
- BERRINGTON, B.S. *Life and times of Calvin*. Trad. do holandês por L. Penning. Kegan Paul, Trench, Londres: Trübner & Co Ltd., 1912.
- BÈZE, Theodore de. "Life of John Calvin". Trad. Henry Beveridge, in: *Tracts and treatises of John Calvin*. Michigan: Eerdmans, 1958.
- _____. *Du droit des magistrats*. Genève: Kingdon, 1970.
- BIÉLER, André. *L'homme et la femme dans la morale calviniste*. Genève: Labor et Fides, 1963.
- BOUWWSMA, W.J.. *John Calvin: a sixteenth-century portrait*. N. York: Oxford U. Press, 1988.
- BUISSON, F. Sébastien Castellion: sa vie et son œuvre, 1515-1563. Paris: Hachette, 1892.
- CALVINO, João. *Concerning scandals*. Tr. John Fraser. Michigan: Eerdmans, 1978.
- _____. Lettre à Sadolet. In: *La vraie piété*. Genève: Labor et Fides, 1986. [versão francesa de 1540].
- _____. *Œuvres complètes: Ioannis Calvini Opera quae supersunt omnia*. G. Braun; E. Cunitz; E. Reuss (Ed.). Berlin e Brunswick: Braunschweig, 1863-1900. [59 tomos em 58 v.].
- CARBONNIER-BURKARD, Marianne. Le droit de punir et le sens de la peine chez Calvin. In *Revue d'histoire et de philosophie religieuses* 54, n. 2, 1974, pp. 187-210.
- _____. *L'État chrétien calviniste à Genève au temps de Théodore de Bèze*. Genève : [s.n.], 1902.
- COTTRET, Bernard. *Calvin biographie*. Paris: Jean-Claude Lattès, 1995.
- _____. Tolerance et liberté de conscience? Épistémologie et politique à l'aube des Lumières. In *Études Théologiques et Religieuses*, n. 65, 1990, pp. 333-350.
- CROUZET, Denis. *Les guerriers de Dieu: la violence au temps des troubles de religion, vers 1525-vers 1610*. Champ Vallon: Seyssel, 2 v., 1990.
- _____. *La nuit de la Saint-Barthélemy: un rêve perdu de la Renaissance*. Paris: Fayard, 1994.
- CROSS, F.L.; e LIVINGSTONE, E.A. (Org.). *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. [S.l.: s.n.], 1989.
- DOUMERGUE, Emile. *Jean Calvin: les hommes et les choses de son temps*. Lausanne: G. Bridel, 7 v., 1889-1927.
- EICHENBERGER, Isabelle. *Calvino recebe museu em Genebra*. Trad. Alexander Thoele. Swissinfo.ch. 03 maio 2005. Disponível em: http://www.swissinfo.org/por/sobre_a_suica/guia_da_suica/turismo/Calvino_recebe_museu_em_Genebra.html?siteSect=361&sid=5753431&cKey=1115536513000&ty=st. Acesso em 08 jun. 2008.
- FARIA, Eduardo Galasso (ed.). *João Calvino: textos escolhidos*. Trad. Claude Emmanuel Labrunie, Maria Antonieta Mota Kanji e Eduardo Galasso. São Paulo: Pendão Real, 2008.
- FATIO, Olivier. *Confessions et catéchismes de la foi réformée*. Genève: Labor et Fides, 1986.
- FILLS, R. "The Lawes and statutes of Geneva, 1562". In: GEISENDORF, P.J. (Ed.). *Livre des habitants de Genève*, 2 v., v. I, 1957, pp. 1549-1560.
- FRIEDMAN, Jerome. *Michael Servetus: a case study in total heresy*. Geneva: Droz, 1978.
- FULPIUS, L. *Les institutions politiques de Genève*. Genève: Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève - GEORG, 36, 1965.
- GANOCZY, Alexandre. *Le jeune Calvin: Genève et évolution de sa vocation réformatrice*. Genève: Wiesbaden, 1966.
- HARKNESS, Georgia. *John Calvin – the man and his ethics*. N. York: Nashville, Abingdon Press, 1931.
- HOURTICQ, D. *Calvin, mon ami*. Genève: Labor et Fides, 1963.
- KINGDON, Robert McCune. *Registers du consistoire de Genève au temps de Calvin*. Genève: Droz, v. 2, 1992.
- LECLERC, J. *Histoire de la tolérance*. Paris: Aubier, 2 v., 1955.
- MENAGER, Daniel. *Théodore de Bèze, biographe de Calvin*. Genève: Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance, v. 45, 1983.
- PERRENOUD, A. *La population de Genève du seizième au debut du dix-neuvième siècle*. Étude démographique. Genève: GEORG, 1979.
- PERROT, A. *Le visage humain de Calvin*. Genève: Labor et Fides, 1986.
- SANTSCHI, Catherine. *Geneva, city of the reformation: the influence of Calvin on the city's institutions*. Geneva: Swissair Gaz., n. 5, 1987, p. 25-27.
- VOLTAIRE. *Mélanges*. Paris: NRF, Pléiade, 1961.
- WATT, Jeffrey R. "Calvin on suicide". *Church History* 66, n. 3, 1992, pp. 463-476.

O Discurso do Pão da Vida: fundamento bíblico da doutrina eucarística de João Calvino



Se perguntarmos a uma assembleia constituída por presbiterianos “Qual seria a doutrina sobre a qual Calvino mais escreveu?”, respostas mais prováveis seriam aquelas atinentes à Predestinação ou à Soberania de Deus. Apesar de não estarem longe da realidade, só raramente alguém votaria na doutrina da Eucaristia. De fato, o Reformador deteve-se mais na consideração da Santa Ceia, e por bons motivos.

Na época em que o jovem Calvino iniciou seu pastorado em Genebra, em 1536, as igrejas egressas do trabalho reformador dos pioneiros Martim Lutero em Wittenberg e Ulrico Zuínglio em Zurique,

Claude Emmanuel Labrunie*

encontravam-se em grande perigo. Afinal, todas as tentativas de reformar a igreja da Europa Ocidental, tentativas a partir do movimento dos Albigenses no sul da França nos séculos XI e XII, foram esmagadas pelos representantes do “sucessor de Pedro”. Constantino (falecido no ano de 337) foi o primeiro imperador romano a tornar a igreja cristã “oficial” em seus vastos domínios. A Igreja e o Estado romano tornaram-se, então, o que hoje chamaríamos, mal comparando, as duas instituições “multinacionais” da Europa. Multinacionais também devido a sua amplitude e poder. No século XVI, no ocidente europeu, as duas “multinacionais” prosseguiram no exercício do controle da sociedade. As duas entidades políticas dominantes ostentavam os nomes de “Sacro

* O rev. Claude é professor no Centro de Formação Teológica Richard Shaul, em Vitória, E.S., (Igreja Presbiteriana Unida – IPU). Palestra na Semana Teológica do Seminário de São Paulo.

Império Romano Germânico” e o de “Igreja Católica Romana”, também presumivelmente santa. As duas estavam bem determinadas em usar sua santidade para exterminar as igrejas nascidas da Reforma.

Os dois potentados do século XVI, o imperador e o papa estavam de mãos dadas neste intento. E como se tal ameaça não fosse suficiente, Lutero e Zuínglio haviam-se desentendido seriamente em 1529, durante o único encontro que tiveram, em Marburgo, porque suas formulações doutrinárias da eucaristia eram divergentes. Em consequência, as igrejas dos dois ramos do protestantismo estavam afastando-se umas das outras. A partir deste impasse o movimento reformador estava estrategicamente enfraquecido. Foi uma das ironias da história: o sacramento da comunhão e da unidade tornara-se o pomo de discórdia entre as famílias luterana e reformada (ou presbiteriana). Calvino (1509-1564) pertencia à segunda geração de reformadores. Era 25 anos mais jovem do que Lutero (nascido em novembro de 1483-1546) e também de Zuínglio (nascido em 1º de janeiro de 1484-1531). Calvino percebia claramente que era urgente encontrar uma formulação

eucarística que pudesse reaproximar as igrejas em fase de dispersão. Esta visão contextual mostra muito bem que a teologia de Calvino é o oposto de uma teologia de “torre de marfim”. Para o reformador de Genebra a teologia é atividade encarnada na realidade histórica e pastoral da comunidade da fé. A teologia é questão “de vida ou morte” para o cristão e para a igreja.

Calvino deparava-se com três modelos da eucaristia formulados, e que competiam pelo reconhecimento na igreja ocidental. O primeiro era o tradicional e oficial na igreja medieval. Chama-se transsubstanciação. Como o nome indica, no momento da consagração do pão e do vinho, pronunciadas as palavras apropriadas pelo padre, o pão deixa de ser pão e passa a ser o próprio corpo de Cristo. O vinho igualmente, tem a sua substância substituída pela própria substância do sangue de Cristo. Este milagre acarreta consequências práticas. Entre elas, o uso da hóstia em lugar do pão. Aquela é deglutida com facilidade, evitando-se a mastigação do pão, o que seria magoar o sacro-santo corpo do Senhor Jesus. A outra inferência é a necessidade de privar o povo do vinho. Só o padre tomava o vinho. Por quê? A transsubstanciação tornou-se

“de fide” (oficial e obrigatória) no IV Concílio do Latrão de 1215. Na Idade Média não raro os homens costumavam usar longos bigodes e barbas. Acontecia, então, que após beberem do vinho sagrado, gotas do mesmo caíam no chão durante o procedimento de voltar para seu lugar. Ocorria então o horror de outros pisarem inadvertidamente no próprio sangue de Cristo! Foi preciso limitar o beber do cálice ao oficiante. Esta providência, que contraria a ordem de Cristo. “Bebei dele todos”, foi instituída oficialmente no concílio de Constança em 1415.

O segundo modelo doutrinário do sacramento da Santa Ceia, havia sido formulado por Lutero, e recebeu o nome de consubstanciação. O pão continuava pão e o vinho, vinho. O modo da presença real de Cristo era concebido em termos do milagre, do mistério, da presença do corpo e do sangue do Senhor *com, no, sob* os elementos pão e vinho. As substâncias tanto do corpo e do sangue, quanto do pão e vinho, coexistem em união íntima. Para ilustrar o mistério, Lutero usou a analogia do ferro inserido no fogo, quando ambos, fogo e ferro estão unidos no ferro incandescente. Contudo, cada qual continua sem alteração. Alguns argumentam que a concep-

ção de Lutero da presença real de Cristo não pode ser confundida nem com a consubstanciação, nem com a interpretação similar de impanação, porque a visão luterana concebe a presença como real, porém não localizada, inclusa nos dois elementos. Tal presença fundamenta-se na onipresença da pessoa de Cristo, sendo, portanto, uma união sobrenatural e sacramental, não localizada. “Para provar a *possibilidade* desta presença deixou-se levar a procurar argumentos no arsenal da escolástica. Em virtude da *communicatio idiomatum*, a natureza humana de Cristo participa de todas as prerrogativas da natureza divina. Ela também possui a onipresença, a ubiqüidade, e pelo menos, a multivolipresença, a possibilidade de tornar-se acessível em todo lugar em que ela queria, inclusive na Ceia, segundo as palavras de instituição”. (STROL, H. *La pensée de la Réforme*, 1951, p. 232)

O terceiro modelo é adotado por Zuínglio. Ele não aceitou a visão da Santa Ceia de Lutero que anunciava a presença real do corpo e do sangue de Cristo no pão e no vinho. No último dia do colóquio em Marburgo, os participantes estavam sentados em volta de uma grande mesa. Ao iniciarem o diálogo sobre

a eucaristia. Lutero pegou um pedaço de giz e com ele escreveu na tampa da mesa “Hic est corpus meum”, “Este é o meu corpo”. Outra ironia, Lutero havia estabelecido antes do início do encontro, a condição de que todas as discussões teológicas se fizessem a partir do texto bíblico da tradução da Vulgata Latina, e não dos textos nas línguas originais. Ele sabia que Zuínglio era um erudito conhecedor do grego, e temia a superioridade do colega neste particular.

Acontece que Zuínglio já descobrira em Zurique a *interpretação simbólica* das passagens da Escritura que narram a instituição da Última Ceia. Esta exegese entendia a palavra de Jesus “Este é meu corpo”, como “Este significa meu corpo”, “Este significa meu sangue”. Não mais a interpretação literal escrita, mas o entendimento de que a forma verbal “é” pode e deve ser compreendida, nas passagens da instituição da Ceia, como “significa”. O resultado: pão e vinho passam a ser símbolos, sinais, não incorporando o que significam.

Podemos adiantar que Calvino pertencente à segunda geração de reformadores, não custa repeti-lo, irá de fato incorporar no seu quarto modelo da eucaristia, aspectos sig-

nificativos de ambos os antagonísticos enunciados de Wittenberg e de Zurique. Precisava ser um modelo mediador entre os dois anteriores. E de fato foi. Tradicionalmente tem-se afirmado que a eucaristia calviniana (aquela do próprio Calvino, por contraste com a tradição que o seguiu, à qual atribuímos o adjetivo “calvinista”) é mais dependente da concepção sacramental luterana do que da teoria anti-sacramental de mera “ordenança” zuingliana. Isto devido ao fato de que Calvino mantém a posição sacramental da presença real (porém “espiritual!”). O próprio Calvino deu a entender que era assim. Esquece-se, contudo, que a contribuição zuingliana avulta quando se leva em conta o aporte dos aspectos: ponto de partida bíblico em João 6 e a interpretação simbólica do pão e vinho. Não é, pois, de se admirar tanto, que Bullinger (1504-1575), o sucessor de Zuínglio em Zurique, acabasse entendendo-se com Calvino a respeito. Os luteranos, ao contrário, no que tange à Ceia, só se reconciliaram com os calvinistas por ocasião da Concórdia de Leuenberg, em março de 1573. É oportuno citar Calvino que escreveu carta a Bullinger em 1º de março de 1548, “Ainda que eu esteja

consciente de uma comunicação maior de Cristo no sacramento, do que aquela que você expressa, nem por isso cessaremos de ser um n'Ele".¹

Baseado em que a autoridade Calvino ousava propor o novo entendimento simbólico? A única autoridade aceitável para todos os reformadores: a Bíblia. Calvino reconheceu o ensino eucarístico contido no capítulo 6 do Evangelho de João, especificamente o "Discurso do Pão da Vida" ou "Discurso do Pão do Céu", contido nos versículos 23 a 71. Quando Jesus afirma para seus ouvintes "Eu sou o pão vivo que desce do céu. Quem comer deste pão viverá para a eternidade. E o pão que eu darei é a minha carne, dada para que o mundo tenha vida" – a presença de Cristo não está nos elementos materiais, pão e vinho, mas no coração dos crentes! A questão central da eucaristia não está mais na relação Cristo-elementos materiais, mas sim na comunhão do Senhor com os seus. O testemunho joanino dado à Ceia permitiu, portanto, um salto qualitativo na formulação da eucaristia de Calvino.

Qual a razão que permitiu a

Calvino sentir-se autorizado a reivindicar autoridade superior para o testemunho joanino dado à Ceia, sobrepondo-se ao ensino dos sinóticos e de Paulo na primeira epístola aos Coríntios, capítulo 11? Em todos os muitos textos do reformador de Genebra sobre a eucaristia, a primeira passagem bíblica invocada neles, como ponto de partida para tudo o que se vai expor em seguida, é sempre João 6!

É bom ouvirmos o próprio Calvino sobre este aspecto importante. "Quanto ao mais, não é por acaso que as quatro histórias que nararam como Cristo desempenhou o ofício de Mediador, receberam o título de Evangelho... Os outros livros do Novo Testamento expressam melhor do que estes (os quatro evangelhos) a virtude e os frutos de seu advento. E mesmo quanto a este assunto, há uma grande diferença entre São João e os outros três: é que aquele não faz quase outra coisa senão mostrar a virtude e o ofício de Cristo, em conjunto com o benefício que acarretam para nós. Os outros três detêm-se mais neste único aspecto: que nosso Cristo é o Filho de Deus, que havia sido prometido como Redentor do mundo". ("Argumento" no Comentário aos Sinóticos: *Commentaires de Jehan calvin sur le Nouveau*

¹ 1 - C.f. *João Calvino – Textos escolhidos*. São Paulo: Pendão Real, 2008, p. 203.

Testament. Vol 1, Paris: Librairie de Ch. Meyrueis et Compagnie, 1854-55, p. XVIII).

A discussão mais pormenorizada sobre a comparação entre o quarto evangelho e os sinóticos encon-

tra-se na congregação (reunião dos pastores às sextas-feiras) sobre a Divindade de Jesus Cristo, publicada em 1558 [Opera Calvini 47, 465-484)]. Encontramos ali o seguinte trecho:

“Se lemos São Mateus, São Marcos e São Lucas, não conheceremos tão bem a razão porque Jesus Cristo foi enviado ao mundo quanto após termos lido São João. Tendo lido São João, imediatamente conheceremos em que somos beneficiados pelo que o Senhor Jesus fez... conheceremos, digo, qual é o fim e a substância de todas essas coisas, ao lermos este Evangelho. Eis a razão porque este último não se detém tanto quanto os outros na narrativa histórica... o ofício de Jesus Cristo, a saber, que São João nos declara como ele foi enviado por Deus seu Pai a fim de perfar a salvação dos homens. (Opera Calvini 47, 468).

Nesta mesma direção, Calvino em várias passagens, acentua a superioridade do Quarto Evangelho afirmando que neste encontramos a doutrina a respeito de Cristo, enquanto nos sinóticos deparamos mais com a história do Salvador. Ele insiste que João descreve mais a “alma” do Mediador, e os sinóticos apenas seu “corpo”. A apreciação do

reformador de Genebra pelo último evangelho chega ao ponto de considerá-lo como a chave para a interpretação dos três primeiros. Perfeitamente coerente com esta postura hermenêutica, Calvino vai publicando seus comentários sobre os livros do Novo Testamento até chegar à etapa de estudar os evangelhos. Nesta altura as “congrega-

ções” dos pastores dedicam-se ao exame do quarto evangelho durante os anos de 1551 a 1553, quando Calvino publica seu Comentário de João. Em seguida os sinóticos são examinados todas as sextas-feiras de 1553 a 1555, ano da publicação do comentário calviniano que se intitula Harmonia dos Evangelhos (*Deux Congrégations et Exposition du Catéchisme*. PETER, Rodolphe, ed.. Paris: PUF, 1964, pp. IX e XV). Calvino fez questão de conhecer bem, primeiro, o Quarto Evangelho para, então, plenamente cômico da doutrina cristológica-sotereológica do mesmo, estar em condições de interpretar os sinóticos.

Seja-nos agora permitido traduzir algumas das conclusões, com modificações, que encerram nossa dissertação de doutorado no Seminário Teológico de Princeton, tese redigida em inglês, e cujo título traduzido para o português é “O Discurso do Pão da Vida, fundamento da doutrina eucarística de Calvino”, concluída em 1966.

1. O principal objetivo de Calvino e sua preocupação primacial em seus textos eucarísticos consistem em estabelecer a realidade da presença real e espiritual de Cris-

to na Ceia do Senhor. Ele alcança este objetivo ao fundamentar-se no Discurso do Pão da Vida.

2. A realidade da presença de Cristo inclui a participação de seu corpo (ou carne) na união redentora do Mediador com o crente, que ocorre na eucaristia. Para Calvino, esta inclusão da carne redentora de Cristo também é requerida por João 6. Esta participação da carne de Cristo, contudo, não implica nenhuma conexão entre seu corpo e os elementos eucarísticos. É graças à intervenção do texto de João 6 que Calvino pode ser perfeitamente coerente ao descrever o encontro divino-humano na eucaristia como “espiritual” (esta palavra indica, no vocabulário de Calvino, o que se expressaria hoje por “comunhão pessoal redentora”).

3. O mesmo Discurso do Pão da Vida constitui, além disso, a base bíblica que autoriza Calvino a considerar a relação de Cristo com o crente na eucaristia como funda-

mentalmente a mesma que ocorre na pregação do Evangelho, na oração, na leitura devocional da Bíblia, no culto comunitário. Acontece que a Ceia é dádiva do Deus que condescende em comunicar-se no nosso nível. Assim, na Ceia, por intermédio do pão e do vinho, todos os nossos sentidos são convocados a participar da apreensão do Cristo encarnado e ressurreto.

4. Chegamos agora à consideração da probabilidade de Calvino dever a Zuínglio a sugestão de que a adequada base exegética para a eucaristia é o discurso de João 6, mesmo que este último negue esta conexão. Calvino adota a descrição de Zuínglio da apreensão de Cristo pela fé, segundo consta na principal obra dogmática do reformador de Zurique, intitulada *De vera et falsa religione* (1525). Ali a exegese de João 6 interpreta o comer do pão da vida como descrição da fé. Em contraste com isto, Calvino considera esta passagem como um testemunho da uniformidade da participação

do Cristo encarnado, em sua comunicação a nós mediante a fé, e conseqüentemente, mediante a Ceia. A longa análise de João 6 nesta obra não foi esquecida por Calvino que, ao contrário, a aplicou à eucaristia. A dívida de Calvino para com Zuínglio parece, antes de tudo, concernir a possibilidade exegética de João 6, como base bíblica para entender a comunhão entre Cristo e o crente na fé. Esta última é decisiva para a comunicação que ocorre na Ceia.

5. Cristo, na qualidade de pão que concede vida eterna, é a imagem bíblica que melhor sintetiza a Promessa da Ceia. Este sacramento deve estar estruturado de acordo com o esquema “símbolo-exibição”, porque a revelação de Cristo ocorre na Palavra (a Promessa formulada no discurso de João 6) e na fé, os quais pertencem ao cerne deste sacramento.

6. A própria interconexão das realidades soteriológicas (Deus o Pai, a pessoa encarnada de Cristo, o Espírito

Santo, a fé, o crente) que intervém no encontro divino-humano descrito pelo Discurso do Pão da Vida, como interpretado na exegese de Calvino (Cf. seu Comentário *in loco*), constitui o padrão soteriológico que determina a estrutura e conteúdo da Ceia.

Concluiremos com quatro considerações finais.

A) Quando se analisa a contribuição do Discurso do Pão da Vida (João, capítulo 6) na compreensão da eucaristia no século XVI é imperioso destacar a ênfase que Zuínglio e Calvino deram ao versículo 63: “A carne para nada serve, é o Espírito que vivifica. As palavras que eu vos disse são espírito e vida”. “A carne para nada serve”: se é assim, a discussão escolástica e metafísica sobre a relação entre a substância (“carne”) do corpo e a substância (“carne”) do pão é irrelevante.

B) Não se deve esquecer que o conceito mais importante que a antropologia no nosso século XXI da realida-

de do ser humano é o conceito de “pessoa”. Este conceito é eminentemente relacional. Cada pessoa é o resultado, além de outras realidades, das relações interpessoais vivenciadas por cada um. É preciso lembrar que este conceito não existia na Antiguidade. Os autores do Antigo e do Novo Testamento não dispunham do vocábulo “pessoa”. Exegetas de hoje perceberam que inúmeras passagens da Bíblia, que contêm as palavras “corpo” e “carne”, designam o ser humano integral, e devem ser melhor traduzidas por “pessoa”. Um exemplo seria a tradução que um exegeta católico propôs para “Isto é o meu corpo”: “Isto sou eu”.

C) Um estudioso de Calvino afirma: “Lutero é o fim da Idade Média, do Escolasticismo. Calvino é o desabrochar da Idade Moderna” (Cf. o DVD *Jean Calvin – portrait sensible*. REUSSNER, Caroline, diretora. Paris: Présence Protestante, 2006, 183 minutos) esta opinião parece confirmada, ao me-

nos em parte, pela concepção da eucaristia do reformador de Genebra. Ele teria inaugurado a era moderna da compreensão da Santa Ceia como comunhão interpessoal de Cristo com o cristão.

D) Cabe, então, uma indagação de cunho pastoral para hoje. Não seria o caso dos presbiterianos cogitarem, na celebração da Santa Ceia, de inserirem a leitura de alguns versículos do discurso do Pão da Vida, além das palavras da instituição?

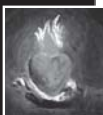
Zuínglio assim procedeu em sua liturgia eucarística (KLEIN, Carlos Jeremias. *Os sacramentos na tradição reformada*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 68).

O esforço ingente de Calvino para elaborar doutrina da eucaristia que pudesse unir as igrejas protestantes alcançou parcialmente seu objetivo. Isso aconteceu quando o mestre de Genebra assinou com Bullinger, em 1549, o Acordo de

Zurique ou Consensus Tigurinus. O Acordo consistia em texto de 26 artigos sobre a Ceia (*João Calvino – textos escolhidos*. Pp. 212-214). Dois anos após a celebração desse consenso, todas as igrejas das regiões protestantes da Suíça haviam aderido. Pouco a pouco ocorreu o mesmo com as igrejas calvinistas espalhadas pela Europa.

O Acordo de Zurique atesta que, na prática histórica concreta, Calvino confirmou o que escrevera ao bispo anglicano Cranmer em abril de 1552: “Entre os grandes males de nossa época, precisamos levar em conta o fato de que nossas igrejas estão de tal maneira separadas umas das outras, que mal subsiste entre nós apenas uma sociedade humana. Não se vê triunfar aquela santa comunhão dos membros de Cristo, que todos confessam de boca, mas que poucos procuram sinceramente. E assim, tendo os membros retalhados, o corpo jaz sangrando. No que me concerne, se minha presença fosse considerada útil, não temeria atravessar dez oceanos, caso fosse necessário, para tratar de tal questão” (Ibidem, p. 141).

Calvino sobre a vida cristã



Falar do ensino de João Calvino sobre a vida cristã ou a vida do cristão é buscar compreender seu pensamento teológico e ético, especialmente no que se refere à concepção de *piiedade* dentro da espiritualidade cristã do século XVI..

Para o reformador, o tema está ligado à história da criação e queda do ser humano. Pelo pecado a imagem de Deus nele foi distorcida e, em consequência, não pode fazer um claro discernimento entre o que é o bem e do que é o mal. Ao contrário dos filósofos e teólogos escolásticos que afirmavam na razão como guia suficiente para se alcançar a virtude, Calvino sustentou que a razão havia sido obscurecida pelos efeitos do pe-

Eduardo Galasso Faria*

cado de modo a criar obstáculos insuperáveis em sua busca de Deus. Em oposição ao ensino humanista de Erasmo, a razão não tem condições de governar a vida humana mas sim o Espírito Santo.

Esta imagem distorcida entretanto, pode ser restaurada pela comunhão verdadeira com o Senhor Jesus. É certo que Calvino também afirma a possibilidade do ser humano ainda possuir noções acerca do bem do mal, que ficaram impressas em seu coração, possibilitando-lhe alguma compreensão da lei moral. Em razão disso, existe uma ética natural que se manifesta na capacidade para cumprir parte dos mandamentos. Se existe alguma possibilidade do ser humano realizar a vontade de Deus, ela está na dependência da ação redentora de Jesus Cristo.

* O rev. Eduardo é professor no Seminário Teológico de São Paulo (IPIB). Palestra na Semana Teológica do Seminário.

O objetivo da *vida cristã* portanto, é a restauração da imagem de Deus dentro do ser humano. Com isso, passamos a partilhar a vida do próprio Cristo, sua morte e ressurreição, sendo moldados por sua atuação em nós. É na participação em sua morte que podemos morrer para o pecado, da mesma forma que na sua ressurreição experimentamos, pela ação do Espírito, uma vida nova que nos garante a comunhão com Deus, de quem estamos desgarrados.

O princípio básico do pensamento de Calvino sobre as possibilidades do homem mudar o seu coração e cumprir a vontade de Deus está fundamentado naquilo que ele denomina *união com Cristo*, realizada pela ação regeneradora do Espírito Santo. E é pela fé que ela ocorre. Só assim os cristãos poderão gozar os benefícios da santificação e da graça justificadora. Essa união mística resulta da ação de Cristo, realizada não de uma vez por todas, mas a cada dia.

O impulso para viver uma vida cristã é acima de tudo, uma decorrência do viver em Cristo. Participando do corpo de Cristo, ele passa a viver em nós e, pelo seu Espírito, vivemos nele. Ele toma conta do nosso ser e é a partir daí que a regeneração nos alcança. A imagem de

Deus em nós, um dia corrompida, é transformada e recuperada. Por um lado participamos na morte de Cristo e, por outro, somos regenerados pelos efeitos de sua ressurreição. Ao participarmos de sua morte, nosso velho homem é crucificado, diz Calvino, e ao participarmos de sua ressurreição, somos vivificados para uma nova vida. Todavia, não estamos livres dos efeitos do pecado e nem possuímos a santidade. Se alguma coisa conseguimos nesse campo, é unicamente pela ação de Cristo em nós. Tudo o que podemos ser então, provém da união com Cristo.

Para o reformador a *piiedade* não significa, “em primeiro lugar, um conjunto de práticas ou exercícios, mas uma disposição interior fundamental da alma vivendo em contato com Deus” (GANOCZY, 194). Ela resulta do amor filial para com Deus que se torna conhecimento vivo, direto e confiante nele. É o que Calvino chama de “religião verdadeira” e que consiste na obediência à lei divina que manifesta a glorificação de Deus, em espírito e verdade. Ou seja, estamos falando de uma espiritualidade que vem do coração e que é enfatizada em diversos de seus escritos, seja quando expõe os mandamentos, trata dos sacramen-

tos ou comenta o livro dos Salmos.

Pode-se dizer que a grande delimitação do pensamento teológico de Calvino e sua ética é favorecer a *verdadeira piedade*, a que as pessoas devem ser conduzidas. Fazer brotar o temor filial, a fé salvadora, o louvor do coração, a justiça divina, o amor filial e reverente é o seu propósito, dentro do objetivo maior de glorificar a Deus pela obediência à sua Palavra.

Calvino chegou à sua concepção de piedade, desenvolvendo, à semelhança dos demais reformadores, uma *visão crítica* da piedade de seu tempo. Contra a justiça das obras era necessário afirmar a fé confiante. Era deplorável o quadro religioso do século XVI, que não incluía apenas superstição, idolatria, adoração do sacramento da eucaristia, mas também uma prática comercial, praticada especialmente com a venda das indulgências, em substituição ao verdadeiro arrependimento. Era preciso afirmar por conseguinte, contra a justiça das obras, a natureza divina da adoração “em espírito e verdade”.

Também a *moderação* é elemento importante para a vida cristã. É por intermédio dela que se chega ao uso devido dos dons recebidos de Deus. É com a moderação que o

cristão pode evitar o abuso pecaminoso no trato com a criação, uma lição valiosa quando enfrentamos a devastação da terra e a crise ecológica atual. Como diz ele:

“Sobriedade não denota duvidosamente tanto a castidade e a temperança, quanto o puro e frugal uso dos bens temporais” (*Institutas* III, VII, 32).

Ela evita a luxúria e o desperdício das riquezas, uma memória atualíssima diante da crise financeira global e a consequente quebra das bolsas de valores.

Antes de falar do tratamento dado por Calvino ao tema da vida cristã, é bom mencionar a questão teológica provocada por ele ao tratar da regeneração antes de falar da justificação (*Institutas*, III, XI), provocando uma ruptura (LÓPEZ, 187) com o ensino dos demais reformadores. No que refere à ação do Espírito na salvação, o reformador de Genebra primeiro trata da vida cristã, colocando-a não como fruto da justificação, mas como sucedendo a ela. Enquanto para Lutero, é o medo provocado pelo pecado que prepara o caminho para o aparecimento da fé, para Calvino, inversamente, a pessoa pri-

meiro vive a experiência da fé para então, se tornar consciente do pecado e ter consciência da necessidade de arrependimento. Em 1536, com a 1ª. edição da *Instituição da Religião Cristã (Institutas)*, ele ainda partilhava a idéia de Lutero de que a penitência abre o caminho para o conhecimento de Cristo e que o sofrimento causado pelo pecado o antecede. No entanto, em 1559, com a edição definitiva da *Instituição*, seu autor afirma que o homem não pode conhecer sua real condição antes de ser alcançado pelo dom da fé. Se assim não fosse, certamente a santificação seria utilizada pelo ser humano para se justificar diante de Deus, o que de fato ocorreu muitas vezes na história da religião cristã.

O homem é pois, levado à penitência e renúncia apenas pela fé. É interessante observar também o que diz Alexandre Ganoczy (195) sobre o método utilizado por Calvino para o desenvolvimento desta matéria, recusando-se a dar-lhe qualquer traço de sistematização. Na verdade ela é uma questão de vida. Foi notória a importância dada pelo reformador a este tópico, que passou a fazer parte da *Instituição* desde a sua segunda edição, em 1539. Na verdade, ele se tornou tema fun-

damental e de amplo alcance pastoral. Em 1550 foi preparada uma edição dele como separata, para ser amplamente lida nos lares e pelas pessoas. Foram inúmeras as reedições deste opúsculo publicado e avidamente lido em várias línguas, onde quer que o interesse pela obra de Calvino tenha se desenvolvido. No Brasil também temos uma edição deste livrinho precioso, símbolo maior da espiritualidade desenvolvida pelo reformador francês, publicado pela primeira vez no ano 2.000 e reimpresso algumas vezes.

Discute-se também se ao tratar de questões éticas na forma em que estão colocadas, Calvino não se deixou influenciar em demasia pela moral estoíca. Como sabemos, antes da conversão, Calvino não só foi influenciado pelo filósofo romano estoíco Sêneca como publicou um *Comentário sobre De Clementia* desse autor, que inclusive é mencionado no texto das *Institutas*.

O estoicismo foi um movimento filosófico do século III d.C., que teve entre seus expoentes o imperador romano Marco Aurélio. Muito influente no século XVI, ensinava que a felicidade e a virtude deveriam estar centradas na consciência individual e no hedonismo (o prazer é o único bem possível),

desconsiderando qualquer oposição entre o que é natural e o sobrenatural. Existe uma lei natural que fornece uma regra de conduta para todos os seres humanos, que são irmãos e provêm de um mesmo Deus. O dever supremo é seguir a razão. O mal é relativo e o universo bom, sendo a indiferença o caminho – aí está a felicidade - já que os esforços transformadores da realidade são inúteis. Tanto o estoicismo como o humanismo colocavam em relevância o homem como homem, em igualdade, superando divergências nacionais e religiosas. Na ética estoíca existe a idéia do bem como tranquilidade de espírito, sendo o dever e a autodisciplina as virtudes maiores.

Calvino entretanto, não era um admirador cego do estoicismo. Os métodos para o estudo dos autores antigos, empregado por Sêneca e no século XVI por Erasmo, foram aproveitados por ele em suas obras e, de maneira especial, em seus comentários exegéticos. Apesar disso, Calvino manteve sua independência e criticava a indiferença estoíca, incapaz de tornar seus seguidores solidários com os que sofrem. Valeu-se sim, tanto da moral estoíca como do humanismo, considerando-os em muitos pontos harmônicos com

a religião cristã. Do estoicismo manteve a noção de direito natural, juntando-o a concepções teológicas e políticas. Evitando os perigos de cada um, ele os colocou a serviço do evangelho. O que certamente há em Calvino é um ascetismo relativo em que transparece o descontentamento com este mundo em comparação com a vida futura. Todavia, está bastante distante dele o considerar este mundo e seus valores como alheios a nós.

O grande desafio que vem de Calvino é muito maior do que simplesmente nos esmerarmos em fazer uma apresentação bem elaborada das doutrinas cristãs. O empenho para que a fé se expressasse no viver diário sempre teve para ele a primazia, sendo seus ensinamentos apurados pelo crivo da prática cristã a fim de que a tentação de uma fé elaborada de forma intelectualista não subisse à cabeça em um dualismo reducionista. A questão de viver conforme a Palavra foi a sua preocupação. Calvino, em seu labor pastoral, manifestou a preocupação de que a Palavra se manifestasse claramente na vida das pessoas e da comunidade. Para isso, as pessoas deveriam se dispor à autonegação e a levar a cruz. A contrapartida seria a falta de fé e a centralização das aten-

ções em si.

Na elaboração de seu ensino sobre a vida Cristã, Calvino menciona em primeiro lugar a apropriação interior da fé, que ele chama de *autonegação*. Sua manifestação exterior é o *levar a Cruz*. A isto se acrescenta a ressurreição, que se baseia no Cristo glorificado. Em consequência, passamos a meditar na *vida futura* que nos dá horizonte para perseverar nas situações enfrentadas, por mais adversas que sejam.

Autonegação

A autonegação é tida como estando intrinsecamente ligado à “dimensão sacrificial da piedade” e constitui fruto da *união com Cristo*. Para Calvino o resumo da vida cristã é a renúncia pessoal. Como diz, seguindo de perto o ensino de Paulo, o primeiro passo é que o homem se desprenda de si mesmo:

“estamos consagrados e dedicados a Deus, para que não cogitemos nada além disso... se não nos pertencemos, mas ao Senhor, faz-se patente que se deva evitar não apenas o erro... não nos pertencemos em nossos planos e ações, nossa razão não deve estar no

comando... portanto, não nos pertencemos, e, até onde seja exequível, esqueçamos a nós mesmos e a tudo *que é* nosso. Pelo contrário, somos de Deus; logo, vivamos e morramos para ele Assim deve ser, de sorte que o homem em si já não viva, mas deixe Cristo viver e reinar em sua vida (Gl 2.20)”. (*Institutas*, III, VII, 1) “...Convém que o homem cristão esteja disposto e preparado, que reflita sobre o que tem a ver com Deus em toda a vida... Vivamos no presente mundo sóbria, justa e piamente, aguardando a bendita esperança e manifestação da glória de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo”. (*Institutas*, III, VII, 2)

A leitura destas palavras, mostra que a real perfeição para Calvino está marcada pela sobriedade, justiça (equidade) e piedade (desvencilhados das corrupções do mundo, unidos com Deus em verdadeira santidade). Para o reformador, nenhuma regra é mais certa do que esta:

“todos os dons de que somos possuidores são dádivas de Deus, creditadas à nossa con-

fiança com esta condição: que sejam administradas em benefício do próximo (I Pe 4.10)”... “Seja a regra para a benevolência e beneficência: tudo quanto Deus nos dispensou com que possamos assistir ao próximo e disso somos mordomos, *mordomos* que estão obrigados a prestar conta de *nossa* mordomia.” (*Institutas*, III, VII, 5)

O cristão, dispensado das preocupações consigo mesmo deve estar pronto para se dedicar à justiça, bem como ao serviço ao próximo, em amor.

“O Senhor preceitua que se deve fazer o bem a todos, os quais em grande parte são muitíssimo indignos... deve-se levar em conta a imagem de Deus em todos, à qual devemos toda honra e amor.” Diante do estranho e desprezível alguém talvez não faça o mínimo esforço para o socorrer. No entanto, “digna é a imagem de Deus, pela qual *ele* te é recomendado para que te ofereças, *a ti mesmo* e a tudo que tens.” “Mesmo que te haja provocado com injus-

tiças e malefícios, na verdade, este não é um motivo justo por que o deixes de abraçar com amor e cumulá-lo com os benefícios de tua estima...” (*Institutas*, III, VII, 7).

A mortificação que se requer ocorrerá quando forem cumpridas as leis da caridade. Entretanto, “cumpre-as aquele que o faz de sincero senso de amor.” (*Institutas*, III, VII, 7). Calvino deseja “tratar mais plenamente o aspecto principal da negação de nós *mesmos*, a qual diz respeito a Deus” que nos convoca a abdicar de todas as nossas coisas para que a “ele tragamos, para serem domados e subjugados, os afetos de nosso coração.” (*Institutas*, III, VII, 8) Aquele que permite que o Senhor cuide de todos os aspectos de sua vida, “não importa o que lhe sobrevenha, não se considerará desafortunado, nem se queixará com animosidade diante de Deus acerca de sua sorte.” Mesmo que veja sua morada reduzida à solidão ou subtraídos os familiares “certamente nem assim deixará de bendizer ao Senhor...” (*Institutas*, . III, VII, 10)

Todavia, é necessário esclarecer que, como afirma Wendel (248), “a *negação* de nós mesmos, na qual Calvino baseou toda a sua ética, é

impossível exceto pela fé em Cristo.” Daí que a *renúncia a si mesmo* não pode ser uma atitude pessoal simples e negativa, baseada apenas em esforço próprio. Renuncia-se a si mesmo a fim de confiar a conduta da vida a Cristo. Além disso a negação de si mesmo deve vir acompanhada de uma atitude positiva de amor para com o próximo. A renúncia a si mesmo deve dar lugar a sentimentos de amor fraterno.

Levar a cruz

No capítulo VIII do livro III, Calvino trata da mente piedosa que deve levar a sua cruz, ou seja, aqueles que o Senhor adotou para participar do que é seu “devem preparar-se para uma vida dura, laboriosa, agitada e repleta de muitas e variadas espécies de males.” São exercícios para provar os servos de Deus. Quanto mais sofrermos mais partilhemos a condição de Cristo. Aqui Calvino segue a tradicional imitação de Cristo sem dar a ela o caráter meritório, como ocorreu na I. Média. Em si o sofrimento não tem valor. Para o homem natural sofrer é apenas ser castigado por Deus. No entanto, sofrer por Cristo e com ele resulta em fortalecimento da comunhão com ele.

Calvino não vai ao exagero de

afirmar que a vida cristã deveria consistir apenas de sofrimento e tribulação, mas pode-se notar que muitas vezes é o que predomina. A luta continua sempre. “Se somos banidos de nosso país, estamos mais prontos para ser recebidos na família do Senhor.” (*Institutas*, III, 8,7). “Se temos opróbrio e ignomínia... isso não nos traz méritos...”

Compartilhamos os sofrimentos de Cristo da mesma forma que seremos conduzidos à sua glória. A cruz é o melhor meio utilizado por Deus para abater nossa arrogância, mostrando-nos nossa fragilidade. Na experiência com a debilidade “tiramos proveito na humildade para despojar-nos da indevida confiança na carne e nos acolhermos na graça de Deus.” (*Institutas*, III, VIII, 2) Nas tribulações é gerada a paciência e, reclinados somente em Deus, não sucumbimos pois “o Senhor, executando o que prometeira, estabelece sua verdade para o futuro.” (*Institutas*, III, VIII, 3). Pela cruz somos adestrados a viver, “não conforme o próprio desejo, mas *segundo* a vontade de Deus.” (*Institutas*, III, VIII, 4) No entanto, nas agruras, é preciso reconhecer a benignidade do Pai para conosco

“...O próprio Senhor, quando

acha conveniente, se apressa, subjuga e refreia a crueldade da nossa carne com o remédio da cruz. Daí ser necessário que uns sejam provados por um tipo de cruz, outros o sejam por outro. (*Institutas* III, VIII, 5) “porquanto aflige não para levar à ruína ou fazer perecer: antes, para livrar da condenação do mundo.” ... “Deus castiga aquele a quem ama e, como um pai ao filho, o abraça.” (*Institutas*, III, VIII, 6)

Há muitas calamidades que nos assolam e a morte é a maior delas, “mas quando o favor de Deus nos acalenta, nada há nessas *coisas* que não se converta em grande bem e em nossa felicidade.” “Envergonhemo-nos, pois, em não estimar o que o Senhor tem em elevada conta, como se fosse inferior aos vãos deleites da presente vida, que num instante desaparecem como a fumaça.” (*Institutas*, III, VIII, 7)

Todavia, levar a cruz “não significa tornar-se absolutamente insensível e ser privado de toda sensação de dor, da maneira como outrora os estóicos...” “como uma pedra”. O próprio Senhor lamentou e chorou por seus infortúnios e isso não pode

ser qualificado de incredulidade. (*Institutas*, III, VIII, 9) A causa principal para suportar e levar a cruz é a consideração da vontade divina e rebelar-se contra ela é ir contra a justiça divina. Na verdade, “o Pai boníssimo nos consola, enquanto declara que no próprio fato que nos aflige com uma cruz, contempla a nossa salvação.” Se as “tribulações nos são salutares, por que não as suportamos com espírito agradecido e sereno?” (*Institutas*, III, VIII, 11)

A vida futura

Em qualquer situação, por mais difícil que seja, é preciso “que nos acostumemos ao menosprezo da presente vida e daí sejamos despertados à meditação da *vida* futura” a fim de que não tenhamos um amor animalizado por este mundo. Deslumbrada pelo fútil fulgor das riquezas, do poder, nossa mente se entorpece e também o coração não pode elevar-se mais alto. Por isso,

“o Senhor ensina aos seus acerca da futilidade da presente vida” e nos sacode o desânimo para que, desprezado o mundo, nos apliquemos de todo o coração, à meditação sobre a vida futura. Assim, temos pro-

veito da disciplina da cruz quando aprendemos que a vida presente, estimada em si mesma, é inquieta, turbulenta, “em nenhum aspecto absolutamente feliz...” (*Institutas*, III, IX, 1) “ante a imortalidade futura, desprezemos esta vida e, em vista da servidão do pecado, escolhamos renunciar a ela, sempre que ao Senhor agradar mais.” (*Institutas*, III, IX, 3)

É preciso no entanto, que não nos apressemos em tirar conclusões falsas, que desprezem de forma unilateral sua apresentação através de um jogo dialético. O fato é que as palavras acima, que parecem indicar o desprezo a este mundo, são sucedidas por outras bem diferentes, em uma forma constantemente utilizada pelo nosso autor, que concilia verdades aparentemente contraditórias: “Com efeito, esta vida, por mais que seja saturada de infinitas misérias, contudo, é merecidamente contada entre as bênçãos de Deus que não se deve desprezar.” (*Institutas*, III, IX, 3) Outros textos chamam a atenção nessa leitura. Referindo-se ao pavor da morte por parte de muitos, fala sobre o corpo: “este tabernáculo instável, maltratado, corruptível, efêmero, descarnado,

flácido” que no entanto, será “renovado dentro em pouco a uma glória firme, perfeita, incorruptível, celeste...” (*Institutas*, III, IX, 5)

Mesmo que vejamos nessas palavras a busca de equilíbrio, é espontânea a associação que fazemos com as idéias platônicas que influenciaram o reformador. Teria ele se descuidado da ênfase paulina na ressurreição do corpo? Ou estaria utilizando essas palavras como decorrência natural de uma vida marcada por sofrimentos, especialmente nas enfermidades tantas?

No capítulo X deste livro III, ele trata do uso correto dos bens terrenos.

“Ora, se é preciso viver, também é preciso usar os recursos necessários à vida, nem tampouco podemos também furtar-nos àquelas *coisas* que parecem servir mais ao prazer que à necessidade.”... “Seja para o deleite ou necessidade... “*que os usemos com uma consciência pura.*” E, por isso, não é sem razão que Paulo persuade dizendo que se deve usar deste mundo de modo que é como se *dele* não usássemos, ou se devem adquirir as posses com a mes-

ma *disposição* de ânimo com que são vendidas (1 Co 7.30,31).” Mesmo assim, Deus criou os alimentos levando em conta não só a necessidade, mas também o deleite e alegria. “Assim, na indumentária, além da necessidade, foi seu propósito *fomentar* o decoro e a dignidade.” (*Institutas*, III, X, 1, 2)

Nesta questão, a experiência histórica mais prejudicada do puritanismo com usos e costumes, não pode deixar de ser associada. É bom considerar no entanto, a opinião do reformador ao mencionar a simples condenação por parte de alguns tidos por bons e santos acerca da imoderação e da suntuosidade. Estes ensinavam que apenas as necessidades materiais deveriam se impor. Embora Calvino visse nessa opinião até um certo aspecto piedoso, considerou seus conselhos “rígidos demais, pois feriram as consciências com laços mais apertados do que *aqueles* de que seriam estreitados pela Palavra do Senhor, o que é muito perigoso.” Com tal orientação o que se possibilitaria na verda-

de, seria apenas viver a “pão e água”. (*Institutas*, III, X, 1) Ou seja, atitudes extremas desse tipo não correspondem ao ensino da Palavra de Deus.

Nesta linha dialética, ele continua:

“onde ficam as ações de graças, se com iguarias ou com vinho a tal ponto te fartas que ou te embotes ou sejas deixado inapto para os deveres da piedade e de tua vocação? “A primeira regra é ...que os que usam deste mundo sejam dispostos exatamente como se *dele* não usassem... os que compram, como se não comprassem...” A lei é esta: “amputar toda ostentação excessiva e supérflua abundância...” (*Institutas*, III, X, 3, 4)

Todos devem aprender com Paulo “a desfrutar da fartura, a passar fome, a ter abundância, a sofrer penúria.” Deus é aquele que “como tanto recomendou a abstinência, a sobriedade, a frugalidade, a moderação, também abomina o luxo, a soberba, a ostentação, a vaidade...” (*Institutas*, III, X, 5)

Conclusão

Sem dúvida, o desafio é grande. Como nos valer do ensino de Calvino e confrontá-lo com um mundo que caminha irresponsavelmente em direção oposta, muitas vezes voltado apenas para a “curtição” da vida presente com os confortos e prazeres do mundo consumista? Em uma época ligada à exaltação do provisório, como valorizar a vida futura? Como suportar o sofrimento quando em tudo se busca a fuga dele?

Mais e mais o ser humano de hoje afirma-se a si próprio e se apega egoisticamente aos seus direitos. Persegue o prazer e foge do sacrifício. Muitas vezes os cristãos são levados a tomar decisões face a situações ambíguas e pouco salutares, mas bastante atrativas. O dilema entre ceder aos apelos do tempo, ajustando-nos às suas seduções de maneira pouco responsável no trato com o próximo necessitado parece se justificar e aparenta tocar nos limites da resistência – afinal, também merecemos! - e então a fuga para um mundo próprio, sectário, acomodado e egoísta se mostra sedutor e imperioso. E com cores religiosas!

O ascetismo medieval e as ênfases puritanas acerca da vida cristã, em termos de atitudes proibitivas e negativistas acabou marcando a história dos seguidores do reformador de Genebra, inclusive favorecendo críticas sobre o “medo à liberdade” (Erich Fromm) ou sua atuação ditatorial, contrária à vida e à livre consciência (Stefan Zweig).

Além de uma incontida reação prevenida à desconhecida mas rotulada proposta de Calvino para a vida cristã, será que teríamos a possibilidade de levantar pertinentes questões face aos prejudiciais exageros e mal-entendidos do passado? Poderíamos nos valer de uma nova chave interpretativa para sua proposta ética, que levasse em conta os diversos entraves enfrentados no mundo contemporâneo, que se impõem pela pressão social, principalmente aos jovens em sua tantas vezes tímida afirmação de personalidade?

Mesmo assim, se por um lado temos uma posição sustentada e confirmadora dos ensinamentos tradicionais sobre a vida cristã na igreja e no mundo, por outro somos sensibilizados para ouvir e dialogar com os questionamentos dos mais no-

vos. Muitas vezes desorientados, buscam os seus próprios caminhos de vida no mundo competitivo que os cerca e que pede eficiência a qualquer custo. Como considerar a questão de se ajustar ao mundo das competições egoístas diante de uma proposta que aparenta ser irracional, mística, normativa e medieval? Como tornar válida uma espiritualidade que foi tão vigorosa no século XVI, mas que hoje requer um novo entendimento, com todos os riscos envolvidos neste processo?

Evidentemente, ao considerar a seriedade desta pertinente problemática, estamos diante dos grandes desafios para a fé. No entanto, como evitar questionamentos que se impõem se eles poderão constituir os passos iniciais para a renovação da contribuição de Calvino para a vida no mundo contemporâneo, marcado pelo acentuado traço pluralista que o acompanha?

A pertinência do pensamento de Calvino quanto à vida cristã só será reconhecida quando, motivados por força espiritual interior, estivermos sob o poder do Espírito na conversão diária e no arrendimento. Só isto trará libertação para um viver diário afir-

mativo, pleno de alegria, mas também sujeito aos sofrimentos inevitáveis, à semelhança do Jesus de Nazaré, como forma de servir ao próximo e ao mundo. Embora essa expressão de fé de modo geral tenha se tornado rara, não é difícil encontrá-la. Nos últimos cinquenta anos, especialmente na América Latina, o mundo cristão pôde contemplá-la com alguma freqüência, mesmo em sua forma mais dura, ou seja, no martírio.

Embora, como cristãos protestantes e reformados, nos falte o principal, que é o estudo aplicado e popular, a discussão conjunta e a busca de um conhecimento maior do pensamento do reformador de Genebra, fica o registro da carência de uma nova e séria leitura de suas obras, renovadora e responsiva às necessidades do mundo atual. Nem é preciso ressaltar quanto o leitor atento é surpreendido pela encontro direto com os escritos deste mestre e pastor teólogo, servo do Senhor Jesus Cristo.

Atualmente temos acessíveis vários de seus escritos em língua pátria. É preciso que nos apropriemos de seu legado, que lamentavelmente conta no mundo ocidental, ao lado do reconhecimento de sua

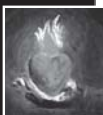
obra, com uma visão estereotipada e preconceituosa. O que sentimos, ao lê-lo, mesmo que de maneira necessariamente crítica, em um novo tempo, é o impulso es-

pontâneo para glorificar a Deus por esta notável proposta de compreensão da prática da fé, que brota do mais puro evangelho de Cristo. Portanto, Soli Deo gloria!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CALVINO, João. *As Institutas*. Edição clássica. vol.3. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 2a. edição.
- GANOCZY, Alexandre. *The Young Calvin*. Philadelphia: Westminster, 1987.
- LEITH, John H. *John Calvin's Doctrine of the christian Life*. Louisville: Westminster / John Knox Press, 1989.
- LÓPEZ, Salatiel Palomino. *Introducción a la vida y teología de Juan Calvino*. Nashville: Abingdon Press, 2008.
- MCKIM, Donald K.(ed). *The Cambridge Companion to John Calvin*. Cambridge: N. York, 2004.
- WENDEL, François. *Calvin. The origin and development of his religious thought*. London/ N.York: Collins, Harper, 1965.

Karl Barth, Leitor de Calvino



Na efervescência dos preparativos para a comemoração dos 500 anos do nascimento de João Calvino, que se dará em 2009, certamente precisamos dar coroa à memória de Karl Barth para participar desta grande celebração. Nenhum teólogo leu e interpretou os escritos de Calvino melhor que Barth.

Neste ano de 2008 há pelo menos três datas marcantes que nos fazem lembrar teólogo da Basileia. O dia 23 de agosto lembra os 60 anos de existência do Conselho Mundial de Igrejas, de cuja assembléia de fundação em Amsterdã, no ano de 1948, Barth participou. No próximo mês de dezembro deste ano completa 100 anos que Karl Barth

Adilson de Souza Filho*

recebeu o título de graduação em teologia. E também neste ano, no próximo dia 10 de dezembro, completará 40 anos de sua morte.

Karl Barth era filho de um pastor reformado que também foi catedrático nas áreas de história eclesiástica e Novo Testamento, em Berna. O desejo de estudar teologia nasceu ao ficar intrigado com as aulas do curso de catecúmenos, em 1901. Decidido e orientado pelo pai a estudar teologia, Barth cursou o primeiro semestre em Berna e depois outro semestre na vizinha Alemanha, precisamente em Tübingen. Logo após, foi para Berlim onde teve entre os mais expressivos mestres o ilustre Harnack. Mais tarde, ainda como estudante, foi atraído pelas obras de Kant e Schleiermacher. Neste período conheceu

* O rev. Adilson é pastor da IPIB.

Eduard Thurneysen, o colega que também se tornaria grande amigo e confidente ao longo de sua carreira¹. Conhecedor e apreciador da teologia liberal efervescente na época, após receber o título de bacharel em teologia em 1909, foi ordenado pastor da Igreja Reformada.

Designado pastor auxiliar em Genebra, aproveitou para ler minuciosamente as *Institutas* de Calvino². Em 1911 assumiu a paróquia na vila de Safenwil, Suíça. Tratava-se de uma comunidade de camponeses e operários e Barth passou a interessar-se e a lutar por melhores condições de vida daquela vila. Ele pastoreou a comunidade de Safenwil por dez anos. A experiência pastoral lhe mostrou a incongruência entre o que havia aprendido de modo entusiasmado com os grandes mestres liberais e as exigências da vida cristã. Quando subia ao púlpito, percebia a inutilidade dos estudos histórico-críticos sobre a vida de Cristo e o Evangelho³. A necessidade do povo era da pregação que correspondesse aos problemas colocados pela industrialização, pela socialização, pela luta de classes⁴. A irrupção da guerra em 1914 destruiu suas esperanças políticas e sua teologia. O mundo novo idealizado pelos social-democratas esta-

va em derrocada. O otimismo de seus mentores liberais parecia deslocado numa Europa dilacerada pela guerra⁵. Resguardado pela neutralidade suíça frente à guerra, Barth se vê abalado a cada explosão das bombas, com os gritos dos moribundos e participa, mesmo à distância, ativamente de cada fase da luta⁶.

Frente ao caos estabelecido Barth, em conversa com o amigo Thurneysen em 1916, conclui que chegara o momento de fazer teologia com outro enfoque e a melhor maneira de se fazer isso seria voltar ao texto das Escrituras⁷. Aí se encontram duas das mais importantes características da teologia que Barth começava então a elaborar: profunda inspiração bíblica e ilimitada abertura para os problemas do homem moderno⁸. Vale lembrar que esta postura de Barth em retroce-

¹ GONZALEZ, Justo, L. *A Era inconclusa*. S. Paulo: Vida Nova, p. 67.

² Idem.

³ BOSCH, J. & CARREZ, M. & DUMAS, A. *Teólogos Protestantes Contemporâneos*. Salamanca: SIGUEME, 1968, pp.50-51.

⁴ MONDIN, Battista. Op.cit., p.17

⁵ GONZALEZ, Justo, L. *A Era Inconclusa*. Op.cit. p.68.

⁶ MONDIN. Op.cit. p.17.

⁷ GONZALEZ. *A Era Inconclusa*, p.68.

⁸ MONDIN. Op. cit.p. 17.

der especialmente ao texto bíblico para dar resposta aos questionamentos de sua época é semelhante à atitude tomada pelos reformadores por ocasião da efervescência religiosa do século XVI. Barth segue a trilha dos reformadores, inclusive usando a mesma fonte metodológica de Calvino, isto é, o *Proslogion*⁹ de Anselmo de Cantuária.

O texto preferido para suas meditações era o da Carta aos Romanos. A assídua leitura deste texto teve sobre Barth o mesmo efeito que tivera sobre Lutero. Ali ele reencontrou substancialmente a mesma mensagem: *sola fide*, mas, desta vez, não enquanto contraposta às obras, mas sim enquanto oposta à razão¹⁰. A obra *Der Römerbrief*¹¹ (*Carta aos Romanos*), originalmente escrita para uso pessoal de um pequeno grupo de amigos e depois, o estudo minucioso da Carta aos Romanos ligou ainda mais Barth aos reformadores Lutero e Calvino.

Inspirando-se em Kierkegaard, para quem existe uma “infinita diferença qualitativa” entre Deus e o homem, Barth profere um protesto apaixonado, denunciando todas as tentativas de aprisionar a Palavra de Deus dentro das grades da razão humana. Barth ainda afirmou a opo-

sição substancial entre Deus e tudo aquilo que é humano, vale dizer, a razão, a filosofia, a cultura¹². Diz Barth que os teólogos liberais, com sua pretensão de tornar a fé popular com a ajuda da ciência das religiões, do método histórico crítico e ainda da filosofia, injuriaram a transcendência de Deus¹³. Barth afirmou que Deus é o *totaliter alter* (totalmente outro), sendo inútil pensar em alcançá-lo com a razão, com a filosofia, com a religião ou com a cultura: Deus é o *Deus absconditus*; o totalmente outro não pode ser encontrado por nenhum conceito e nenhuma realidade humana¹⁴.

À semelhança dos reformadores, Barth interpreta incisivamente os textos bíblicos para formular sua teologia. Na sua obra *Römerbrief* insiste na necessidade de se retornar

⁹ *PROSLOGION*. Anselmo de Aosta (1033-1109).

¹⁰ Idem..

¹¹ BARTH, Karl. *Die Römerbrief*. München, 1919. No Brasil, foi publicada em 1999 pela editora Novo Século, com o título *Carta aos Romanos*.

¹² GIOVANNI, Reale, DARIO, Antiseri. *HISTÓRIA DA FILOSOFIA*. S. Paulo: Paulinas, Vol.3, p.742. Cabe aqui dizer que esta obra de REALE e ANTISERI, cita os ditos dos autores entre aspas, porém, não é indicada a fonte. Esta obra não trabalha com citações bibliográficas.

¹³ Idem.

¹⁴ ILLANES, José, Luis & SARANYANA, Josep, Ignasi. *Historia de la Teología. Sapientia Fidei*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p.344.

à exegese fiel, em lugar das interpretações baseadas nos métodos histórico-crítico e filológico. Barth reagiu contra o subjetivismo religioso que aprendera de seus mestres e seguindo a mesma idéia de Calvino, diz que o Deus das Escrituras é transcendente e jamais será objeto de especulação humana; somente por meio do Espírito Santo é possível fazer teologia. Afirmou que sem o auxílio do Espírito Santo a teologia acaba girando em torno de si mesma, ou seja, historicizando, ou psicologizando, ou racionalizando etc¹⁵. Para Barth, por mais corretas que sejam as teses teológicas, certamente serão mortas se não forem sustentadas pelo Espírito Santo¹⁶. Ao introduzir a função do Espírito Santo no labor teológico, Barth está também afirmando que a fé é basilar para o exercício teológico.

Ao contrário dos teólogos liberais, seus ex-mestres, Barth dizia que a fé não se apóia na força da razão; ela é muito mais o milagre da intervenção radical de Deus na vida do homem¹⁷. Esta idéia de que Deus é quem vai ao encontro do homem é mais um elemento característico na teologia de Calvino acerca do conhecimento de Deus, do qual Barth se utiliza peculiarmente. A possibilidade do conhecimento de Deus baseia-

se no próprio Deus e não na razão humana. Para Barth, contrariando a *analogia entis* (analogia a partir do ser), a fé deixa de ser fé quando procura suportes racionais. Ele parte da *analogia fidei* (analogia a partir da fé), afirmando que só assim será possível compreender as verdades cristãs¹⁸. Barth estudou exaustivamente a obra de Anselmo, intitulada *Fides Quaerens Intellectum* (Fé em busca da compreensão) e até publicou em 1931 um ensaio sobre tal obra¹⁹. Semelhante a Calvino, Barth rejeitou completamente a idéia da teologia natural. Calvino aplicava a Deus a palavra *numem* (numinoso), significando um Deus inatingível. Rudolf Otto redescobriu esse mesmo conceito de *numem* e o empregou magistralmente em sua obra *O Sagrado*²⁰. Barth, na *Römerbrief*,

¹⁵ BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p.39.

¹⁶ Idem, p.40: Barth nesta afirmação repete a mesma idéia de Calvino quanto ao auxílio do Espírito Santo para se fazer teologia. Ver: *INSTITUCION de la RELIGION CRISTIANA*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1967, Libro I, Cap. VII, 33.

¹⁷ *HISTÓRIA DA FILOSOFIA*. Op.cit. p.742.

¹⁸ Idem, p.743.

¹⁹ BARTH, Karl. *FIDES QUAERENS INTELLECTUM*. Traduzido por: *Fé em busca de Compreensão*, publicado em português pela editora Novo Século, São Paulo, 2000.

²⁰ OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo: IEPG-Metodista, 1985.

utiliza o mesmo conceito de *numem* extraído de Rudolf Otto para falar do *Deus absconditus*, o totalmente outro.

Nos moldes da teologia de Calvino sobre a majestade de Deus, Barth diz que a história do homem é história de pecado e de morte e está sob o juízo de Deus, sob o *não*, mas trata-se do *não* dialético, superado no *sim* que Deus pronuncia em Jesus Cristo²¹. Esta afirmação de Barth quanto à dependência do Espírito Santo para fazer teologia corrobora ainda mais para justificarmos a sua ligação com a teologia de Calvino. Aliás o próprio Barth, citando Calvino, dizia que o evento teológico fundamental se inicia e se encerra por meio do seguinte dado: *Omnis recta cognitio Dei ab oboedientia nascitur* (todo conhecimento reto de Deus nasce da obediência²²). Logo, entendemos que a preocupação de Barth é pastoral, ou seja, ele quer fazer teologia para atender as demandas de suas muitas dúvidas em meio às crises sociais de sua época. Daí se justifica a sua repulsa ao método racionalista para o labor teológico. Mas, por mais que Barth quisesse relutar contra a razão, ele dependia dela para fazer teologia, mesmo a sua teologia evangélica.

A partir da influência de Anselmo, Barth passou a estudar melhor a função e a natureza da teologia. Compreende que sua tarefa não era tanto acentuar a distância entre homem e Deus, mas, penetrar no significado do conhecimento de Deus colocado à disposição do homem na Revelação²³. Com a publicação de seu ensaio *Fides Quaerens Intellectum*, sobre o *Proslogion* de Anselmo, Barth define sua epistemologia teológica, que deveria guiá-lo em seu novo empreendimento, isto é, na elaboração de sua obra intitulada *Die Kirchliche Dogmatik*²⁴ (*Dogmática Eclesiástica*), publicada em 13 volumes, contendo mais de 9.000 páginas, não tendo chegado ao seu final. Nessa obra volumosa, maior até que a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, Barth elaborou sistematicamente seus conceitos sobre a Revelação, utilizando-se do método da *analogia fidei*²⁵. A obra consumiu

²¹ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p.23.

²² BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*. São Leopoldo: Sinodal, 6ª edição, 2001, p.19.

²³ MONDIN, Battista, op.cit.p.18.

²⁴ BARTH, Karl. *Die Kirchliche Dogmatik*. München: 1932.

²⁵ Idem, p.19.

o resto do tempo teológico de Barth, que começou a escrevê-la em 1932 e foi até 1968, ano de sua morte.

Outro ponto que destaca a semelhança teológica e pastoral de Barth com Calvino é o fato de que a sua *Dogmática Eclesiástica* tenha se prestado ao papel de expressar à comunidade da Igreja Reformada, assim como as *Institutas* se prestaram ao papel de guia bíblico e teológico da nova comunidade cristã do século XVI. Ataques verbais também são semelhantes entre Barth e Calvino pois ambos pronunciavam frases radicais atacando a fé católica romana. Barth disse que a *analogia entis* praticada pela teologia católica era uma invenção do anticristo, e dizia que por causa disso não era possível tornar-se católico²⁶.

Em 1933, ano em que Hitler subiu ao poder, Barth era professor de teologia em Bonn, Alemanha. O acontecimento teve repercussão entusiástica, até mesmo no meio dos responsáveis pela Igreja Evangélica da nação alemã. Barth denunciou tacitamente tal postura de uma ala da Igreja Evangélica. Crescia também nessa época, por força do nazismo, o movimento dos “cristãos alemães” que impulsionava para a nova e recém criada Igreja Evangé-

lica a idéia expressa nas seguintes palavras-chave²⁷: *Nação, Raça, Führer*. Muitos protestantes liberais apoiaram a absurdidade da perfectibilidade da raça humana. Isso soava como apoio incondicional à semelhante idéia nazista defendida e levada a sério por Hitler. Havia a crença, em razão da mistura de evangelho e cultura, de que a Alemanha fora chamada a civilizar o mundo. Essa idéia ecoou em muitos púlpitos alemães e cátedras acadêmicas²⁸. No projeto político de Hitler incluía-se a unificação de todas as igrejas protestantes na Alemanha, o que resultou em aumento da força do partido dos chamados “cristãos alemães”.

À medida que a Igreja Evangélica se misturava cada vez mais com a força política e anti-semítica alemã, os teólogos contrários a tal postura tendiam ao afastamento. Em 1934, Barth e Bultmann assinaram um protesto contra os rumos que a Igreja Evangélica havia tomado. Neste mesmo ano, precisamente, de 29 a 31 de maio de 1934, o Sínodo

¹ BARTH, Karl. *Die Kirchliche Dogmatik*. I/1 (1932).

² MONDIN, Battista. Op.cit. p.19.

³ GONZALEZ, Justo, L. *A Era Inconclusa*, .p.71.

Confessional da Igreja Evangélica Alemã reuniu-se na cidade de Barmen. Faziam-se presentes ainda representantes de todas as igrejas confessionais alemãs, reformadas, luteranas e unida em um concílio livre. Não havia interesse por parte das igrejas confessantes, conforme declarado na introdução da Confissão de Barmen, de romperem com a Igreja Unida Alemã mas havia o incômodo devido aos rumos tomados por causa da influência do Führer sobre esta Igreja. Desta reunião sinodal nasceu à chamada Confissão de Barmen, redigida com a colaboração de Barth e Martin Niemöler.

A Confissão de Barmen reafirmou teologicamente o Credo de que Jesus Cristo é o único Senhor da Igreja. Dentro das declarações ali encontradas temos a rejeição à falsa doutrina de que o Estado poderia ultrapassar sua missão específica, tornando-se diretriz única e totalitária da existência humana, buscando cumprir, desse modo, a missão confiada à Igreja²⁹. A reação do Reich não demorou muito. Prisões foram efetuadas e quase todos os pastores que criticavam o governo foram recrutados pelo exército. Exigiu-se de todos os professores das universidades que assinassem decla-

ração de apoio incondicional ao Reich. As aulas deveriam sempre começar com a saudação nazista e a manifestação de fidelidade a Hitler. Mas Barth recusou todas essas imposições do Führer e por isso foi expulso da Alemanha, retornando à Basileia, Suíça. Seu retorno à Alemanha se deu logo depois da segunda Guerra em 1945, para participar de algumas reuniões eclesiais³⁰. É também neste mesmo ano que ele publica o terceiro volume de obra *Dogmática Eclesiástica*, sobre a doutrina da criação.

Em 1946 Barth se tornou professor visitante em Bonn. Neste ano foi novamente concedido a ele o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Münster. Em 1948 participou na Assembléia de fundação do Conselho Mundial de Igrejas. Em 1952 recebeu a Condecoração Britânica do Mérito pela Paz. Em 1954 recebeu mais uma vez o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Budapest, Hungria. Em 1956 recebeu o mesmo título pela Universidade de Edinburgo,

¹ O LIVRO DE CONFISSÕES. S. Paulo: 1969. Missão Presbiteriana do Brasil Central, capítulo 8.23.

² BARTH, Karl. *Dádiva e Louvor*. Artigos Selecionados. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p.5.

Escócia. Em 1959 recebeu novamente esse título pela Universidade de Estrasburgo, França. Em 1961 foi jubilado, mas ainda foi encarregado das preleções que deram origem ao seu livro *Introdução à Teologia Evangélica*. Em 1962 viajou aos Estados Unidos e recebeu novamente o mesmo título pela Universidade de Chicago. Em 19 de abril de 1963, lhe foi concedido o Prêmio Sonning, em Copenhagen, Dinamarca, por méritos especiais em favor da cultura européia. Neste mesmo ano recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade da Sorbonne, Paris, França. Em 1966 foi nomeado Senador Honorário da Universidade de Bonn, Alemanha. Neste ano Barth viajou ao Vaticano.

Em 1968 Barth ainda proferiu uma palestra acerca dos “Discursos” de Schleiermacher. Neste mesmo ano, já sofrendo por longa data de várias enfermidades, em 10 de dezembro, faleceu na cidade da Basileia, Suíça. Cabe ainda acrescentar sobre a sua paixão pela música clássica. Em 1956, quando proferiu uma palestra sobre “A Humanidade de Deus”, Barth assim escreveu sobre a música clássica: *Talvez os anjos, quando desejam entoar louvores a Deus, executem a música de Bach, mas tenho minhas dúvidas; de uma*

*coisa, porém, tenho certeza: em seus momentos de lazer, certamente tocam Mozart, e então até o Senhor se compraz em ouvi-los*³¹. Cabe ainda mencionar a homenagem feita por Hans Küng por ocasião do funeral de Barth, na Catedral de Basileia; falando como teólogo católico: *Nosso tempo precisa urgentemente do doctor utriusque theologiae, perito em ambas as teologias, evangélica e católica*. E se alguém agiu de maneira exemplar em nosso século, este é Karl Barth³².

É por causa da brilhante biografia de Karl Barth, um dos mais expressivos teólogos reformados do século XX e ainda por causa de sua aproximação teológica com o reformador João Calvino, que precisamos nos lembrar dele nesta festa que está sendo preparada para Calvino em 2009.

¹ BARTH, Karl. *Wolfgang Amadeus Mozart*. (1956), pp.14-15.

² Encontram-se registradas tais palavras, também, na obra de GIBELLINI, já citada anteriormente, p.31.

João Calvino, intérprete das Escrituras: o homem e o seu contexto



“A respeito da minha doutrina, ensinei fielmente e Deus me deu a graça de escrever. Fiz isso do modo mais fiel possível e nunca corrompi uma só passagem das Escrituras, nem conscientemente a distorci.”

Calvino¹

* O rev. Lysias é pastor e professor do Seminário Teológico de São Paulo (IPIB).

¹ Apud Costa, Hermisten M. P. “Prefácio” in Calvino, João. *Comentário de Romanos*. S. Paulo, Paracletos, 1997, p. 17.

² Claude E. Labrunie, “Cronologia de João Calvino” in *João Calvino, textos escolhidos*. Eduardo Galasso Faria (ed). S. Paulo: Pendão Real, 2008.

³ Holder, R. Ward, “Calvin as commentator on the Pauline epistles” in McKim, Donald K. e outros, *Calvin and the Bible*. N. York: Cambridge U. Press, 2006, p. 255.

Lysias Oliveira Santos*

No curto período que vai do seu Prefácio à tradução do *Novo Testamento*, a primeira tradução reformada da Bíblia, feita por seu primo Olivetano (1535), até a sua morte (1564)², Calvino “passou a sua vida trabalhando, com o uso de vários instrumentos, na exposição da Bíblia ...”³. Ele expôs as Escrituras em seus sermões, conferências e comentários. Comentou quase todos os livros do Novo Testamento e, nos sermões e conferências, além de alguns comentários propriamente ditos, tratou também de quase todo o Antigo.

Para uma avaliação de tão grande produção é preciso considerar as condições nas quais realizou seu trabalho. Ela se referem às suas limitações pessoais: seu estado de saúde, disponibilidade de tempo, conhecimentos específicos no desempe-

nho de seu trabalho, recursos para a produção e edição de suas obras, decisão sobre as prioridades das tarefas a cumprir. Têm a ver igualmente com as condições culturais próprias de seu tempo, ou seja, as encruzilhadas para os que pretendiam aventurar-se na pesquisa e exposição da Bíblia: a encruzilhada entre o medievalismo e o humanismo; entre a especulação filosófica e a exposição pragmática; entre a análise histórica e a atualização interpretativa, entre o estilo erudito e a simplicidade de expressão, entre a liberdade de expressão e o comprometimento político. As condições referem-se finalmente à situação em que se encontrava no seu tempo o material específico de seu trabalho: a posição da crítica textual, os métodos de exposição bíblica, as exigências da tradução, a escolha das formas nas quais iria expressar o seu pensamento.

Sabemos que para desenvolver um trabalho pessoal e independente sobre os Comentários de Calvino é, logicamente, necessário lê-los. Mas este texto pretende ser realmente um material introdutório ao estudo da literatura do grande Reformador na sua tarefa de interpretar a Bíblia. Por isso procuramos os autores que já empreenderam

antes de nós esta tarefa e nos deparamos com a obra minuciosa e fartamente documentada de T. H. L. Parker, exposta nos livros *Calvin's New Testament Commentaries*⁴, *Calvin's Old Testament Commentaries*⁵ e *Calvin's Preaching*⁶. Estes livros serão as principais referências mas outras obras, logicamente, serão também usadas.

As limitações pessoais

Os problemas com a saúde - É do conhecimento de todos o estado de saúde de Calvino. Basta lembrar como estava nos últimos quinze anos de sua vida (1550-1564), quando se dedicou ao estudo sistemático do Antigo Testamento. Para dar cumprimento às aulas e sermões era muitas vezes transportado pelos amigos a pé ou a cavalo até ao local do seu trabalho. Quando não mais teve condições de ir até à Igreja de

⁴ Parker, T.H.L. *Calvin's New Testament Commentaries*. London: SCM Press, LTD, 1971 (a partir daqui: Parker, *New Testament*).

⁵ Parker, T.H.L. *Calvin's Old Testament Commentaries*. Edinburgh: T & T, Clark Ltd, 1986 (a partir daqui: Parker, *Old Testament*).

⁶ Parker, T.H.L. *Calvin's Preaching*. Louisville: Westminster / John Knox Press, (a partir daqui: T. H. L. *Calvin's Preaching*).

São Pedro, onde pregava ou à Academia onde proferia suas conferências, ele recebia os alunos em seu leito de enfermidade e ali transmitia suas lições. Colladon, amigo de Calvino, dá estas informações, com referencia aos comentários dos Profetas Menores: “Estavam faltando apenas duas ou três aulas sobre Malaquias. Quando o impressor terminou o seu trabalho. Calvino, para que a tarefa não ficasse incompleta, deu estas aulas em seu quarto para o número de alunos que o espaço comportava (por causa de sua febre, e por ser inverno, não seria bom para ele sair ao ar livre) e assim estas aulas foram anotadas enquanto ele as proferia, reunidas e impressas junto com a parte que já estava pronta”.⁷

Como o comentário de *Romanos* permaneceu por anos como uma promessa solitária do anúncio de Calvino, de escrever comentários, primeiramente das Epistolas de Paulo, até completar todos os livros da Bíblia, seus amigos ficaram horrorizados ao perceber, mais tarde, que Genebra e o ato de escrever eram

tarefas dificilmente conciliáveis para ele. Mesmo assim, Farel que moralmente constrangeu-o a trabalhar em Genebra, ordena agora friamente para que ele continue com suas escritas: “Continue, diz ele, a tornar Paulo familiar a todos, de acordo com a graça que lhe foi dada”. Calvino responde pacientemente: “Quanto a sua exortação para eu continuar a escrever, somente desejo que eu tenha mais tempo e melhor saúde”.⁸

Apesar destas dificuldades, Calvino continuava a escrever em um ritmo que espantava a todos os seus amigos. Vendo com que rapidez saiam as Epistolas Paulinas, Teodoro Beza escreveu admirado: “Calvino não sucumbe a nenhum destes transtornos mas escreve comentários cada vez mais profundos, como se tivesse muito tempo para isso”.⁹

E até o final da vida continuou enfrentando seu precário estado de saúde. Durante muitos anos sofreu constantemente com febres, enxaquecas, gota. Mas trabalhou sem cessar até o fim. Em 1559, já em grande sofrimento, preparou a última edição em vida das *Institutas*, em latim, bastante ampliada e em seguida a verteu para o francês. Quatro meses antes da sua morte,

⁷ Parker, *Old Testament*, p. 17.

⁸ Parker, *New Testament*, p 12.

⁹ Parker, op. cit..

ocorrida em 27 de maio de 1564, deu sua última aula na Academia e pregou seu último sermão na catedral de São Pedro.¹⁰

■ *As limitações do tempo disponível* - Em carta ao rei Eduardo VI da Inglaterra (1551), Calvino declara: "Ainda que o desempenho de minhas obrigações me deixe muito pouco tempo, contudo, por mais curto que seja este tempo, determinei devotá-lo a este tipo de trabalho escrito (os comentários das Escrituras)".¹¹ Contudo, confessa: "Eu não tenho muito tempo para escrever".¹²

Na verdade, o tempo de Calvino era todo tomado. No período entre 1539 e 1541 esteve envolvido nas discussões entre os católicos e protestantes em Frankfurt, Hagenau, Worms e Ratisbona, atividade que tomava muito tempo nas viagens e na preparação dos temas das conferências. De volta a Genebra pregava duas vezes todo o domingo, e, em semanas alternadas, durante todos os dias da semana. Proferia aulas também em semanas alternadas, com mais de uma hora de duração. Considerando que ministrava seus sermões e suas aulas sem anotações¹³, é de se imaginar, apesar de sua extraordinária memória, o tem-

po necessário para o preparo destas tarefas. Colladon observa que ele não dispunha de tempo suficiente para preparar suas aulas. Por mais que quisesse, ele não tinha oportunidade, geralmente dispendo de menos de uma hora para se preparar. Atividades estas por si mesmas suficientes para "fazer com que uma pessoa sentisse que havia cumprido um dia completo de trabalho".¹⁴

Além disso havia a preocupação no atendimento à igreja e à formação de pastores aptos ao desempenho de seu trabalho. A política eclesial e todas as atividades do serviço pastoral, a correspondência excessiva que tinha necessidade de manter, envolvendo réplica nas polêmicas mantidas com os adversários, deixavam-lhe realmente pouco tempo para escrever sobre aquilo que não era imediatamente necessário. Um de seus secretários,

¹⁰ "Cronologia de Calvino", in *João Calvino: Textos Escolhidos*. S. Paulo: Pendão Real, 2008.

¹¹ Parker, *New Testament*, p. 4.

¹² Parker, *New Testament*, p. 20.

¹³ "Quando estava lecionando, ele tinha apenas o texto da Escritura, e, contudo, vejam quão bem ordenava o que dizia!" Colladon, in Parker, *Old Testament* p. 21, nota 225.

¹⁴ Id. ib. p. 21, notas 25,26.

Nicholas des Gallars disse que para conferir seu trabalho com Calvino era preciso aproveitar as poucas horas de folga que dispunha, e mesmo assim após ler dois ou três versos, Calvino já era importunado pelos seus colegas.¹⁵

Por isso escrevia sobre mais de um assunto ao mesmo tempo. Por exemplo, em 1538, em Estrasburgo ao mesmo tempo em que redigia seu comentário sobre Romanos, preparava também as conferências sobre I Coríntios, que seriam proferidas no ano seguinte.¹⁶

■ *Estava Calvino preparado para ser um comentarista da Bíblia?*
- Fala-se da capacidade de Calvino no cumprimento específico da tarefa de comentarista da Bíblia. Ele mesmo reconhece as limitações de seu trabalho. No prefácio das Epístolas Paulinas avisa: “Não tomem nossos comentários como oráculos divinos. É humano errar.” Declara ainda que tem em vista preparar os que vão se iniciar no estudo das Escrituras e por isso seu trabalho pode pecar pela brevidade e pelo esforço em seguir de perto as Palavras do apóstolo.¹⁷ Por isso age com muita humildade e pede desculpas por tentar por em ordem os textos bíblicos a fim de que sejam melhor entendi-

dos. “Não há qualquer dúvida de que o que foi dito por Moisés era por si mesmo excelente e adaptado perfeitamente para a instrução do povo... Não tive outra intenção ao estabelecer esta ordem, a não ser a de ajudar aos leitores inexperientes a se familiarizarem de maneira mais clara, conveniente e aproveitável, com os escritos de Moisés”.¹⁸

Os críticos estão lembrando sempre as suas deficiências em algumas áreas específicas, necessárias para o bom entendimento do texto bíblico. Põe-se em dúvida, por exemplo, os seus conhecimentos em geografia. Ele mesmo confessa: “Eu já disse que não sou muito diligente na procura e na identificação de nomes e lugares Particularmente confesso, não me especializei em topografia e geografia, principalmente porque tal esforço de minha parte seria de pouco proveito para o leitor”.¹⁹ Igualmente tem-se discutido a sua competência no campo da história. Uma avaliação ponderada contudo, é que “embora

¹⁵ Id. ib. p 24.

¹⁶ Id. ib. p 11.

¹⁷ Parker, *New Testament*, p. 41.

¹⁸ Parker, *Old Testament*, pp. 93, 94.

¹⁹ Parker, id., ib. p.36, nota 71.

Calvino não tenha atingido os cânones da historiografia moderna, e esperar tal coisa seria um anacronismo, ele usa instrumentos de grande poder no esforço de chegar ao conhecimento das Escrituras no seu sentido pleno, bem como a tradição da interpretação da Igreja”.²⁰

Calvino está ciente de que o comentarista tem de possuir uma mente enciclopédica para poder tratar dos variados assuntos presentes no texto analisado, mesmo sem ser um especialista na matéria em questão. Ao tratar, por exemplo, do caso da lepra no Antigo Testamento, fala da doença declarando, porém, “Confesso que não sou médico, capaz de discorrer a respeito dos pontos mais exatos. Por isso, deliberadamente esquivo-me de uma investigação mais precisa por estar seguro de que a forma particular da doença aqui mencionada foi muito espalhada entre os israelitas, mas é hoje desconhecida”.²¹ Tem igualmente coragem suficiente para declarar suas dúvidas e seu desconhecimento na hora de optar por uma interpretação.²²

Discute-se também o seu domínio das línguas originais, principalmente o hebraico, porque as suas traduções são aparentemente imprevistas e podem variar cada vez

que ele traduz o mesmo verso bíblico. Com respeito, por exemplo, às traduções dos comentários de *Gênesis e Isaías*, fica-se em dúvida se ele mesmo traduziu, se alguém anotou de suas conferências, se foram tomadas de uma edição impressa, tal é a profusão de versões nos comentários, nas conferências e nos sermões.²³

Contudo, dada a sua formação humanista e sua experiência no comentário de clássicos latinos²⁴, consegue bom domínio nas línguas grega e hebraica e no latim, língua na qual redigiu a maior parte dos seus escritos. Sobre este assunto escreve R. Ward Holder: “Fica claro também que Calvino sente-se em casa no trato com o grego, discutindo frequentemente com Erasmo a respeito da apropriada tradução para o latim”.²⁵ Seu grande aprendizado, porém, aconteceu enquanto comen-

²⁰ Holder, R. Ward, “Calvin as commentator on the Pauline epistles” in McKim, D. K. e outros, *Calvin and the Bible*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

²¹ Parker, *Old Testament*, p. 96.

²² Parker, *New Testament*, pp. 132,134.

²³ Parker, *Old Testament*, p. 37, nota 72.

²⁴ Por exemplo, o seu comentário a *De Clementia de Sêneca*, publicado em 1532, Parker, *New Testament*, p. 49.

²⁵ Holder, R. W, op. cit., p. 247.

tava²⁶, aí demonstrando possuir as qualidades próprias de um grande comentarista: respeito à fala do autor, percepção do sentido total do texto analisado e sua relação com as partes componentes e a habilidade em comunicar o que ele mesmo ouviu.²⁷ E estas qualidades foram se completando com a experiência de quem passou a vida examinando o texto sagrado, discutindo, trocando informações com os colegas e mestres que se mostravam mais capazes nas diversas áreas das atividades que envolvem a interpretação de textos, lendo e revisando para que tudo saísse da forma a mais perfeita possível.

■ *Precariedades da época no campo da editoração* - Eram grandes também as limitações relacionadas à produção e impressão do material escrito. Quando escreveu o Comentário de Romanos, tudo indica que ele mesmo redigiu o texto completo. Multiplicando, porém, suas atividades e com o agravamento de suas enfermidades, Calvino teve de lançar mão de auxiliares para registrar sua volumosa produção.²⁸ Ele contava com o auxílio de secretários contratados para esta tarefa. Devido à guerra e às perseguições religiosas, muitos refugia-

dos chegavam a Genebra. Na falta de trabalho, eram também chamados para auxiliar Calvino na redação dos textos.²⁹ Até alunos eram aproveitados nesta atividade.³⁰

Os secretários seguiam um plano: cada um estava a postos com o papel e tinta necessários e tomava as notas em grande velocidade e se uma palavra escapava de um deles, era conferida depois com o outro. Imediatamente após a leitura, um deles pegava as anotações dos outros dois e as comparava com as suas próprias e depois ditava para um outro secretário aquilo que eles escreveram apressadamente. Lia mais uma vez antes de conferir o texto com Calvino, queixando-se do pouco tempo que o Reformador dispunha para fazer este acerto final.³¹

Enquanto Calvino redigiu praticamente a totalidade dos comentários do Novo Testamento, quase todos os do Antigo Testamento foram redigidos com a ajuda de secretários.

²⁶ Holder, R. W, op. cit., p. 225.

²⁷ Parker, *New Testament*, p. 26.

²⁸ Parker, *New Testament*, p. 20.

²⁹ Parker, *Old Testament*, p. 11.

³⁰ Parker, id. ib, p. 26.

³¹ Parker, *New Testament*, pp. 21, 22.

os. Calvino queixava-se e até mesmo se desculpava por não poder ter apresentado o trabalho como³² gostaria de fazer. Curiosamente chegava a censurar o excesso de fidelidade dos escribas, achando que deveriam melhorar a qualidade literária do texto.³³

A estas dificuldades crescem os problemas ligados à publicação de seu trabalho. Seu primeiro editor, ainda em Estrasburgo era Wendelinus Rihelius, o qual socorreu Calvino em uma época de privações financeiras, ajudando-o não apenas na publicação de seus livros mas também na solução de seus compromissos. Em gratidão ao amigo, Calvino ofereceu a ele a publicação dos comentários que ainda viria a escrever.

Mudando, porém, para Genebra, a mais de duzentas milhas de distância, as dificuldades de comunicação dificultaram em muito as publicações. Exemplo disto é o que aconteceu com o comentário da 2ª. Carta aos Coríntios, cuja copia extraviou-se por um período de mais de um ano. Por conta disto aconteceu algo que os historiadores ainda não sabem explicar, O Comentário de 2ª. Coríntios foi publicado primeiro em francês e depois em latim, ao contrário do que aconteceu

com os outros comentários. Calvino passou em seguida a imprimir seus livros em Genebra, com João Girard, que, entre outras vantagens, possuía tipos em caracteres hebraicos.³⁴

■ *Dificuldades na definição das prioridades* - Mediante tantas dificuldades, Calvino relutou durante bom tempo a dedicar-se à produção de comentários bíblicos. Embora consciente de que suas atividades literárias, desde quando abraçou a causa da Reforma, o encaminhassem para uma dedicação específica na exposição da Bíblia³⁵, somente mais tarde é que se rendeu ao apelo de sua vontade. Algumas razões alimentaram a sua indecisão.

A primeira foi a sua profunda convicção de que estava a serviço da Igreja. Ele tinha no pastado a sua tarefa imediata e relutava em assumir outra atividade que não estivesse ligada imediatamente às necessidades da Igreja. Só quando sentiu que a Igreja necessitava de uma exposição clara das Escrituras para

³² Parker, *Old Testament*, p. 25.

³³ Parker, *id. ib.* p. 27.

³⁴ Parker, *id. .ib.* pp. 12-16.

³⁵ Parker, *New Testament*, p.6.

alimentar nos fiéis a fé propagada pela Reforma é que sentiu a importância de uma exposição clara e objetiva da Bíblia.³⁶

Nesta perspectiva estava preocupado com o tipo de exposição bíblica que era mais útil para a instrução dos fiéis. Procurou então em seus sermões e aulas desenvolver uma atividade doméstica, em linguagem simples e adaptada às circunstâncias de vida de suas igrejas locais. Para isso em vez do latim, a língua dos grandes tratados, optou pela língua do povo, o francês, pois o que ensinasse era para ser entendido e era nesta língua que o povo entendia. Optou também por uma exposição que ele mesmo considerava de qualidade literária inferior à dos grandes tratados.³⁷ Mais tarde, quando passou a produzir em latim a sua obra, procurava mesmo assim traduzi-la para o francês a fim de que o povo também dela participasse.

Várias vezes também ele fez referência ao fato de já existir desde os primeiros tempos do cristianismo e, principalmente nos seus dias, grandes eruditos que deixaram importantes exposições dos livros do Antigo e do Novo Testamento. Ele hesitou em escrever um comentário dos Salmos, “porque o mais fiel doutor da Igreja de Deus, Martin

Bucer antecedeu-me neste trabalho, com a sua sólida cultura, diligência e fidelidade e, então, não havia muita necessidade de minha participação nesta tarefa”.³⁸ Igualmente, quanto ao comentário de Romanos, está consciente do valor dos comentaristas da Igreja Antiga, Idade Média e dos seus contemporâneos como Melancthon, Bullinger e sobretudo Bucer. “De início temi ser tomado por imprudente e arrogante se tentasse tal empreendimento depois de outros tão excelentes trabalhos”. De início pensou em escrever apenas resumos mais simplificados, mas depois tomou coragem e seguiu em frente com o seu projeto.³⁹

Logo que tomou ciência dos “esplêndidos e duradouros dons”⁴⁰ outorgados por Deus a Calvino, no entendimento das Sagradas Escrituras, a liderança do movimento reformado começou a cobrar dele a publicação dos comentários. Eles esperavam impacientes que Calvino

³⁶ Parker, id. ib.

³⁷ Parker *Old Testament*, p 30.

³⁸ Parker, op.cit. p. 30.

³⁹ Parker, *New Testament*, pp. 9 e 27.

⁴⁰ Parker, op. cit. p 24.

saísse de sua indecisão e iniciasse de imediato tão importante tarefa. Ficavam horrorizados ao testemunharem o desperdício de tão urgente oportunidade. Perceberam que o material produzido por Calvino era excelente subsídio para a difusão dos princípios da Reforma, especialmente nos redutos de resistência. Diante de tal pressão, Calvino percebeu que a sua produção seria publicada sem a sua supervisão e até mesmo sem o seu consentimento, e por isso assumiu definitivamente a tarefa.⁴¹

As limitações culturais

Para uma avaliação do trabalho de Calvino na exposição da Bíblia tem de se levar em conta as grandes mudanças que se operavam em seu tempo em todos os ramos da cultura e do conhecimento. É preciso notar as transformações no campo da história, do pensamento, da interpretação da religião cristã, da política e do desenvolvimento ético e social.

■ *Encruzilhada histórica.* Os intelectuais que estavam saindo da milenar cultura medieval para no-

vas experiências no campo do conhecimento recebem o nome geral de humanistas. O humanismo, no contexto do século XVI busca uma aproximação do estudo às fontes e não a um axioma particular de uma dada disciplina.⁴² Os ideais humanistas estão bem ilustrados nas instruções de Bullinger, amigo e sucessor de Zuínglio a um jovem que deseja se preparar de acordo com os ideais da Renascença. A resposta, em resumo, é que o jovem deve dividir os seus dias com prudência, reservando tempo para alimentar-se, dormir e descansar. Sua leitura deve ser seletiva, os melhores assuntos e os maiores autores, com destaque para Sêneca e Cícero. Seguem instruções de como ler filosofia, poesia, oratória, etc., para chegar à orientação sobre o estudo da Bíblia.

“Calvino foi treinado por humanistas, usou os instrumentos dos humanistas e nunca deixou o campo dos humanistas”.⁴³ Contudo nem todos os estudiosos de Calvino concordam que ele se comporta como um autêntico humanista

⁴¹ Parker, op cit. pp. 25, 12 e 18.

⁴² Holder, R. W, op. cit. p. 238.

⁴³ Holder, R. W, op. cit, p. 236.

em suas exposições e comentários da Bíblia. Alguns acham que ele balança entre dois pólos, um profundo impulso tradicional representado por um esforço no sentido de construir instrumento de controle cultural e espiritual e, do outro lado, trabalha contra isto, com obstinada originalidade, rebelando-se ao extremo contra estas mesmas estruturas. Outros pesquisadores, ao examinar o humanismo de Calvino e sua maneira de comentar a Bíblia, acham que ele opta conscientemente por uma retórica de interpretação bíblica que critica a retórica humanista. Outros acham que em sua hermenêutica Calvino limita-se a uma postura mental essencialmente medieval.⁴⁴

Contudo é difícil colocar Calvino em uma moldura cultural determinada, por causa da variedade formal e qualitativa de sua produção escrita. Esta variedade em primeiro lugar está implícita no próprio material examinado, quer seja o conteúdo dos textos bíblicos ou as diferentes interpretações que ele precisa comentar, refutar, complementar. Também decorre das diferentes origens de seus comentários, vindas de seus sermões, aulas, pesquisas diretas e criadas também em situações diversas de produção. Por isso

em vez de tentar o enquadramento de Calvino bem como de outras autoridades da Reforma dentro de uma definição acadêmica, é preciso saber o que cada reformador lia, em que foram formados, para quem estavam escrevendo, qual a posição anterior da igreja sobre o que estavam interpretando,⁴⁵ incluindo a interpretação medieval. Ao aplicar este teste a Calvino concluiremos com Bernard Cottret, biógrafo do Reformador, que ele tinha “um pé no século quinze e outro no século dezesseis”.⁴⁶

■ *Encruziliada filosófica* - Com respeito ao posicionamento filosófico, Calvino, junto com os outros intelectuais da Reforma usa os ensinamentos dos filósofos de uma forma prática, aplicando-os em situações específicas de seus comentários. Aristóteles é lembrado por causa de seu método que é largamente usado pelos intelectuais do Renascimento.⁴⁷ Melanchthon o usa desde seus tempos de juventude, nos seus documentos bíblicos e

⁴⁴ Holder, R. W, op cit. p. 250.

⁴⁵ Holder, R. W. op. cit p. 245.

⁴⁶ Holder, R.W. op. cit. p. 251, nota 105.

⁴⁷ Parker, *New Testament*, p. 29.

seculares.⁴⁸ Em seu livro de teologia sistemática, *Loci Communes*, aplica-o na sua análise de *Romanos*.⁴⁹ Bucer alia este método com outros para explorar os axiomas (*loci*) presentes nos textos⁵⁰.

Calvino não rejeita o método aristotélico em si, mas critica seu uso indiscriminado, pois leva o comentarista a concentrar-se apenas nos pontos principais (*loci*), deixando de lado muitos pontos que podem ser de interesse do leitor.⁵¹ Os intelectuais do Renascimento viam em Sócrates uma autoridade em filosofia, assim como Paulo foi uma autoridade em teologia. Calvino rejeita esta comparação, afirmando que a autoridade do Apóstolo vem da iluminação que recebeu do Espírito Santo.⁵² Os pensamentos de Platão são usados no mesmo pé de igualdade com porções bíblicas nos livros para o ensino da língua grega. Calvino recorre muitas vezes a

Platão e a outros clássicos para a interpretação de alguns textos gregos.⁵³

O uso que Calvino faz das categorias filosóficas pode ser ilustrado com o termo *substância*. Ele define substância assim: “Por ‘substancia’ eu entendo o ensino (*doctrina*), pois no Evangelho Deus traz às claras nada mais do que aquilo que está contido na Lei”⁵⁴. A partir daí ele emprega o termo no sentido platônico para explicar que a Lei era a sombra de uma realidade posterior⁵⁵. Ao tratar das diferenças entre o Antigo e o Novo Testamentos ele emprega o termo para opor as formas de exposição e o sentido único dos dois Testamentos⁵⁶; usa ainda como o oposto da forma⁵⁷; no sentido espiritual em oposição ao rito cerimonial⁵⁸ e à natureza intrínseca do ser humano.⁵⁹

Calvino introduz na exposição das Escrituras o termo “filosofia

⁴⁸ Parker, op. cit. pp. 29, 30.

⁴⁹ Parker, op. cit. p. 34.

⁵⁰ Parker, op. cit. p. 45.

⁵¹ Parker, op. cit. pp. 49, 50.

⁵² Parker, op. cit. p. 75.

⁵³ Parker, op. cit. p. 81.

⁵⁴ Parker, op. cit. p. 51.

⁵⁵ Parker, op. cit. p. 52.

⁵⁶ Parker, op. cit. pp. 50, 62.

⁵⁷ Parker, op. cit. pp. 137, 151.

⁵⁸ Calvino, João. *Romanos*. São Bernardo do Campo: Paracletos, 1997, p. 103.

⁵⁹ Id. ib. p. 117.

Cristã”. Já Erasmo fala de uma *philosophia Christi*, uma forma de misticismo e faz uma chamada a todas as pessoas para estudar a filosofia cristã, uma aproximação a Cristo, o verdadeiro professor. O Cristo de Erasmo é filósofo divino que expõe a sabedoria do Pai.⁶⁰ Embora não tenha este pensamento, Calvino entende a filosofia cristã como uma sorte de hermenêutica.. Ele declara que escreveu as *Institutas* para resumir os principais assuntos da filosofia cristã. Para os que estudam as Escrituras é crucial que se armem com o conhecimento da filosofia cristã, com todos os seus axiomas, pois “o conhecimento de todas as ciências não passa de fumaça quando separado da ciência celestial de Cristo”.⁶¹

■ *Encruzilhada teológica* - A análise bíblica se defrontou, desde os seus inícios, com o problema da relação que a comunidade cristã tinha de estabelecer entre os dois Testamentos, polarizada de um lado pela posição marcionita e do outro pelos judaizantes. No século dezesseis a questão estava mais ou menos assim: a tradição cristã oficial aceitava os dois Testamentos, os livre pensadores desconfiavam de ambos e os anabatistas oscilavam

entre uma posição marcionita de aceitar só o Novo Testamento e uma supervalorização do Antigo.⁶²

Calvino, já que se decidiu por ser um intérprete da Bíblia, tinha de tomar posição sobre o assunto. Em linhas gerais, como os demais reformadores, sustentou a posição tradicional da aceitação dos dois Testamentos. Quanto à composição do Cânon ele é menos crítico do que seus contemporâneos Erasmo e o próprio Lutero, não reconhecendo a autoridade dos Concílios para definir a matéria⁶³ e deixando ao Espírito Santo não apenas a delimitação do Cânon, mas também a solução de problemas mais complicados como a autoria de Hebreus. Por isso as razões para não comentar alguns livros da Bíblia nada têm a ver com a sua aceitação ou não como canônicos.⁶⁴

Quanto à linha interpretativa, Calvino, seguindo também a tendência dos reformadores, aproximase mais dos Pais e dos teólogos con-

⁶⁰ Parker, *New Testament*, p 67.

⁶¹ Holder, R. W. op. cit. pp. 234, 252, 255; Calvino, *Romanos*, pp. 13, 109.

⁶² Parker, *Old Testament*, p. 44.

⁶³ Parker, *New Testament*, p. 71.

⁶⁴ Parker, op. cit. p. 73.

temporâneos, opondo-se em geral ao pensamento da Escolástica.⁶⁵ Isto reflete-se mais claramente em dois posicionamentos quanto ao comentário da Bíblia: o estudo em seqüência dos livros completos e não de pequenas porções do texto e a exposição direta do conteúdo dos livros e não sua redução aos chamados axiomas da fé. Os Pais preferidos são: Crisóstomo, Agostinho, Orígenes, Jerônimo e Ambrósio. Para ele, Orígenes é o maior dos comentaristas⁶⁶. Isto não o impede, porém, de discordar dos Pais ou de aceitar a interpretação de um escolástico⁶⁷. Seus contemporâneos preferidos são Bucer, Bullinger e Melancton, embora também elogie largamente a Escolampádio.⁶⁸ Quanto a estes comentaristas, voltaremos na parte final ao compararmos o trabalho de Calvino com o dos outros comentaristas do século dezesseis.

A opção pela leitura cristológica da Bíblia, Calvino já a manifesta no plano de composição das *Institutas*. Não é sem propósito que o título do Segundo Livro é *Sobre o Conhecimento do Deus Redentor em Cristo, primeiro manifestado aos Pais sob a Lei e em seguida a nós no Evangelho*.⁶⁹ Assim toda a Lei: os sacrifícios, as cerimônias, o sacerdócio, o

reinado, os preceitos morais, tudo, aponta, de uma maneira ou de outra para Cristo.⁷⁰ O procedimento metodológico de Calvino para desenvolver esta interpretação teológica da Bíblia, principalmente o confronto entre a interpretação literal e a interpretação alegórica será analisado na terceira parte deste trabalho. É importante observar aqui que a as próprias prioridades estabelecidas por Calvino nos seus Comentários revelam esta posição teológica. Ele começa pela parte central do “tutano” da Bíblia, na linguagem de Lutero, o livro de *Romanos*,⁷¹ passando aos outros livros do NT Para depois chegar ao AT. Além disso escreveu os comentários completos do NT, ao passo que a maior parte do AT foi composta por secretários a partir de notas.

■ *Encruzilhada política* -

Logicamente o ambiente tumultuado pelo panorama político da Euro-

⁶⁵ Parker, op cit. p. 88.

⁶⁶ id. ib. p. 62.

⁶⁷ Parker, op. cit. pp. 73 e 90.

⁶⁸ Parker, op cit. pp. 87, 88.

⁶⁹ Parker, *Old Testament*, p. 45.

⁷⁰ Id. ib.

⁷¹ Parker, *New Testament*, p.71.

pa na época de Calvino interferiu no desempenho de seu trabalho. Para ficarmos com três exemplos, podemos lembrar os transtornos causados com o seu exílio forçado em Estrasburgo (1538-1541) e a sua volta para Genebra, o que dificultou principalmente o serviço de impressão de seus comentários.⁷²

As guerras que agitavam a Europa também interferiram diretamente em seu trabalho. Calvino queixase a seu amigo M. de Falais, residente em Estrasburgo: “Se a guerra não tivesse dado umas férias às casas impressoras, eu já teria enviado (para Rihelius, seu editor em Edimburgo) *Gálatas*. Mas como *Corintios* ainda está dormindo preguiçosamente em sua mesa, não há necessidade de pressa de minha parte”.⁷³ Um acontecimento de ordem político-religiosa, porém, foi favorável à produção dos Comentários. Algumas pessoas perseguidas que acharam abrigo em Genebra serviram de secretários na compilação de seus sermões e aulas.⁷⁴

Calvino, utilizando-se de um recurso comum nos tempos de perseguição, dedica os seus livros a pessoas de grande prestígio político, no intuito de conquistar simpatia e proteção. Na esteira da dedicatória das *Institutas* a Francisco I,

“cristianíssimo rei da França”, ele dedicou os seus comentários também a pessoas importantes. Um caso curioso refere-se à dedicatória do *Gênesis*. Quando publicado em separado (1554) foi dedicado a João Frederico, João Guilherme e a um segundo João Frederico, duques da Saxônia e à eterna memória de ainda outro João Frederico, também duque da Saxônia. Mas quando, mais tarde, foi publicada a coleção do *Pentateuco*, as necessidades de apoio político mudaram e a obra foi dedicada ao duque de Navarra, o futuro Henrique IV da França.⁷⁵ No caso de *1 Corintios*, contudo, não houve motivação política, pois o livro foi dedicado a Melchior Wolmar, seu antigo professor de grego em Bourges.⁷⁶

Suas preocupações políticas aparecem no tratamento de diversos temas relacionados com o assunto. Ao falar da honestidade de José no Egito, no cumprimento de seus deveres, comenta “Meu desejo é que os nobres de hoje mostrem o mes-

⁷² Parker, *New Testament*, p. 14.

⁷³ id. ib.

⁷⁴ Parker, *Old Testamen*, p. 11.

⁷⁵ Parker, op. cit., p. 32.

⁷⁶ Parker, *New Testament*, p. 14.

mo espírito”.⁷⁷ Ele recorre ao Direito Romano para condenar a corrupção, o não cumprimento de contratos, os falsos pesos e medidas, as atitudes que “destroem a sociedade dos homens”.⁷⁸ Há diferenças entre os tributos devidos na legislação mosaica e os impostos pagos ao Estado. Aqueles são provas do reconhecimento do senhorio de Deus e devem ser feitos com plena consciência e consentimento. Estes nem sempre apresentam tal reconhecimento da autoridade superior e em consequência nem sempre são um ato voluntário.⁷⁹

Com respeito à forma de governo que tenta imprimir em Genebra, Calvino pensa em um Estado “cujas leis políticas não se referem aos problemas terrenos, pois elas existem para que as pessoas sejam treinadas para a veneração de Deus”. Assim ele não separa as leis do Estado das Leis da Igreja. As leis políticas mosaicas que ainda fazem sentido na realidade contemporânea devem ser aplicadas por este Estado Cristão, pois, “Leis políticas não se relacionam apenas com os afazeres terrenos”.⁸⁰ Enfim, Calvino queria fazer com que a Bíblia parecesse muito com a sua Genebra.⁸¹

■ *A encruzilhada ético-social* - Três aspectos, pelo menos, estão presentes hoje, na avaliação do modelo da Reforma implantada sob a liderança de Calvino em Genebra: a orientação sócio-econômica, os rigores da moral exigida da população e a atitude em relação às minorias marginalizadas.

Os assuntos relacionados com a economia sempre despertaram o interesse de Calvino.⁸² Um exemplo, extraído de seus comentários, é o tratamento que dá à questão da posse da terra na lei mosaica. Aqui parece que Calvino apresenta duas interpretações diferentes. Por um lado trata o assunto dentro da realidade do seu tempo: Deus é senhor da terra, um investidor, e os judeus seus arrendatários, daí a necessidade lógica do pagamento de tributos. Por outro lado, Deus é o pai amoroso que dá a seus filhos a boa terra para nela livres viverem e dela se

⁷⁷ Parker op. cit. p. 111.

⁷⁸ Parker, op. cit. p. 158.

⁷⁸ Parker, *Old Testament*, p. 139.

⁷⁹ Parker, op. cit. p. 152.

⁸⁰ Parker, op. cit. p. 39.

⁸¹ Parker, *Old Testament*, p. 139.

⁸² Parker, op. cit. p. 141.

alimentarem.⁸³ Na prática, Calvino aceita a situação vigente, concorda, por exemplo, com a cobrança de juros, exigindo, porém, o fiel cumprimento dos contratos estabelecidos, condenando os falsos pesos e as falsas medidas, o desrespeito à propriedade do outro, o enriquecimento às custas do próximo ou por meio de artimanhas ilícitas.⁸⁴

Tratando-se das observâncias da lei moral, Calvino declara que o amor é o centro da sua interpretação bíblica,⁸⁵ pois o amor é o fim da Lei⁵, e, portanto, a livre afeição é o fundamento, a forma principal da perfeita observação da Lei, e aquilo que é arrancado pela força ou por temor servil não pode agradar a Deus,⁸⁶ embora em alguns casos estabeleça restrições à lei do amor priorizando os direitos individuais.⁸⁷ Além disso, o Novo Concerto, com o livre perdão em Jesus Cristo transforma a consciência de quem, segundo a Lei sentia-se transgressor da lei moral, assustado pelas ameaças de punição com a consciência atormentada, impossibilitado de obter a vida eterna, em uma situação onde a alegria substitui o medo, a consciência passa ver na Lei uma bênção e um livre dom do amor de Deus.⁸⁸

O rigoroso modelo de conduta cristã imposta por Calvino na comunidade de Genebra, contudo, parece estar mais longe desta lei conduzida pelo amor e que leva a um ambiente de alegria e de liberdade. Aproxima-se, isto sim, mais do rigor imposto pela Lei mosaica, com o seu tom ameaçador, que induz as pessoas ao seu cumprimento pelo medo da condenação. Um exemplo tirado de seus Comentários: sobre a purificação da mulher após o parto, embora, por um lado condene como estúpida e fora do contexto, a interpretação da Escolástica segundo a qual Deus assim o exigia porque a prática sexual era apenas por prazer e não para a procriação, por outro lado, afirma que a relação sexual por si mesma sem o ideal da procriação é obscena e vergonhosa.⁸⁹

Calvino analisa os textos bíblicos que falam dos marginalizados, os

⁸³ Parker, op. cit. pp.. 157-159.

⁸⁴ Parker, op. cit. p. 157.

⁸⁵ Parker, op. cit. p. 156.

⁸⁶ Parker, op. cit. p. 121.

⁸⁷ Parker, op. cit. p. 159.

⁸⁸ Parker, op. cit. pp. 54, 124.

⁸⁹ Parker op. cit. p. 141.

órfãos, as viúvas, o escravo, o leproso, mais em seu sentido espiritual. Quanto à situação da mulher, por exemplo, ele explica que o tempo da purificação da mulher é maior quando ela dá à luz uma menina, e isto não por questões médicas, mas religiosas. E ele cita três interpretações correntes, todas, realmente, de sentido religioso.⁹⁰

Restrições no campo da exposição bíblica

Além das limitações impostas pelas suas condições de trabalho e pelo universo cultural que o rodeava, Calvino enfrenta também as limitações dos instrumentos de trabalhos à disposição no seu tempo. Dada a complexidade da Bíblia: livro escrito em outras línguas, há alguns milênios atrás, com um sem número de interpretações já feitas, as tarefas a serem enfrentadas e os instrumentos à disposição referem-se: à relação entre exegese e hermenêutica, à determinação dos melhores textos nas línguas originais, aos métodos de tradução, aos métodos de interpretação exegética e à linguagem a ser adotada no trabalho.

■ *Calvino entre a exegese e a hermenêutica* – Os críticos estrangeiros que, na análise dos documentos bíblicos, Calvino se encontra bem avançado para a sua época, ao passo que, na interpretação dos mesmos pareça bastante conservador.⁹¹ A exegese, entendida como a tarefa de alcançar o mais completo sentido do texto,⁹² consistia, dadas as limitações a serem expostas nas páginas seguintes, em tarefa árdua para Calvino, ao passo que a hermenêutica (do grego *hermeuein*, explicar, interpretar), também entendida como o conjunto de princípios desenvolvidos para a exposição da Bíblia,⁹³ exercia uma forte pressão sobre Calvino e todos os que se aventuravam a explicar a Bíblia no começo do século XVI.

Esta pressão começa com o próprio texto bíblico, que propõe ser uma mensagem aplicada a cada situação. Sobre Paulo, Calvino escreve que o apóstolo “seguiu a versão grega (*Septuaginta*), a qual também adaptou ao seu melhor propósito. Sabemos que ao citar a Escritura,

⁹⁰ Parker, op. cit. p. 142.

⁹¹ Holder, R. W. op. cit. p. 250.

⁹² Holder, R. W. op. cit. p. 252, nota 113.

⁹³ Holder, R. W. op. cit. p. 251, nota 110.

os apóstolos às vezes usavam uma linguagem mais livre do que a do original, desde que ficassem satisfeitos se o que citavam se aplicasse bem ao seu tema, e daí não se preocupavam muito com o uso (rigoroso) das palavras”.⁹⁴ Este costume é já encontrado na Patrística, até em Agostinho um dos dois Pais preferidos de Calvino⁹⁵ e se torna de largo uso na Escolástica, quando em geral a exposição direta do texto é substituída pelos axiomas de fé. Melancton, o grande comentarista bíblico da Reforma, exercitava os seus alunos na procura dos breves tópicos (*loci*) que representassem genuinamente o significado do documento.⁹⁶

O papel que Calvino desempenha na implantação da Reforma e na administração da cidade de Genebra faz com que seus escritos estejam profundamente marcados pela polêmica religiosa e pela sua atuação pastoral e administrativa. Por exemplo, ao comentar Dt 23. 9-14, fala da importância da construção de latrinas como treinamento para o combate às impurezas físicas, morais e espirituais.⁹⁷

R. W. Holder propõe uma solução para se entender o porquê da diferença entre os níveis hermenêutico e exegético na obra de

Calvino. Embora os dois níveis se interpenetrem, eles se desenvolvem separadamente. É como se o nível interpretativo se apresentasse quase inconscientemente, como um pressuposto para o resultado final da análise. Assim, na hermenêutica, Calvino mostra-se mais conservador, mais próximo de Agostinho, seu teólogo preferido, ao passo que no afazer exegético Calvino escolhe conscientemente seus instrumentos de trabalho, aproximando-se mais de João Crisóstomo, seu intérprete preferido da Patrística.⁹⁸

■ *Manuscritos bíblicos à disposição de Calvino* - Desde os tempos de Orígenes, colecionador de manuscritos do Antigo Testamento,⁹⁹ a crítica textual bíblica, tarefa de colecionar, comparar e avaliar documentos antigos da Bíblia, vai apresentar um grande impulso, principalmente na área do Novo Testa-

⁹⁴ Calvino, João, *Exposição de Romanos*. S. Bernardo do Campo: Pasracles, 1997, p 110.

⁹⁵ Holder, R. W., op. cit. p. 251.

⁹⁶ Parker, *New Testament*, p. 32.

⁹⁷ Parker, *Old Testament*, p. 147.

⁹⁸ Holder, op. cit., pp. 251, 252.

⁹⁹ Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*. S. Paulo: Novo Século, 1999, p. 206.

mento, exatamente nos tempos de Calvino quando, depois do pioneirismo de Lourenço de Valla (1405 -1457),¹⁰⁰ aparecem três grandes especialistas empenhados na publicação do texto grego do Novo Testamento: Erasmo de Roterdam, cujo texto de seu *Novo Testamento Grego* alcançou 29 edições no período de 1516 a 1560,¹⁰¹ Roberto Estêvão, o qual “editou o primeiro *Novo Testamento Grego* genuinamente crítico”¹⁰² e Simão Colineu, que publicou em 1534 “o mais interessante e avançado texto grego do Novo Testamento no século XVI”.¹⁰³ Além disso, começa o tempo do aparecimento dos grandes manuscritos Maiúsculos, com os dois documentos divulgados por Beza (“D”) em 1582, tempo que só será superado com a descoberta dos papiros do Novo Testamento a partir dos fins do século XIX aumentando também a preocupação com o desenvolvimento do aparato crítico para o estudo dos manuscritos.

Contudo, interferências de ordem econômica e de política eclesial dificultaram o livre aproveitamento de todas estas oportunidades. Desde 1522 estava pronta a chamada *Poliglota Complutense*, reconhecida como excelente texto tanto hebraico como grego. Mas os li-

vreiros da Basileia aproveitando a burocracia papal na aprovação da obra, fizeram com que Erasmo se apressasse na preparação do seu texto, no qual reconhece, ele mesmo, muitas falhas. Além disso ele, cumprindo promessa aos editores, incluiu o famoso “coma joanino” sobre a Trindade (I Jo 5. 6-8), presente só em alguns manuscritos do seu tempo.¹⁰⁴ Beza, que em uma edição própria do *Novo Testamento Grego*, não incluiu os Maiúsculos que conhecia, fez duras críticas ao trabalho de Colineu, impedindo sua divulgação. Posteriormente as grandes autoridades no assunto, Bengel e Gregory afirmaram que se não fosse a intervenção de Beza, a crítica textual teria encurtado caminho e produzido um bom texto grego há cem anos atrás.¹⁰⁵ Calvino criticou o Concílio de Trento por oficializar a *Vulgata* como a tradução autorizada da Bíblia,¹⁰⁶ contudo uma edi-

¹⁰⁰ Epp, E. J, “Textual Criticism!”, in *The New Testament and his Modern Interpreters*. Atlanta: Scholars Press, 1989, p.76.

¹⁰¹ Parker, *New Testament*, p. 93.

¹⁰² Parker, op. cit, p. 38.

¹⁰³ Parker, op. cit. p. 97.

¹⁰⁴ Parker, op. cit. p. 96.

¹⁰⁵ Parker, op. cit, p. 100, nota 2.

¹⁰⁶ Parker, op. cit. p. 3.

ção da obra iniciada por Erasmo (1633) foi considerada o texto oficial (*textus receptus*) para as traduções nas Igrejas Reformadas.¹⁰⁷

Quando Calvino começou a escrever seus Comentários havia várias edições impressas do texto grego: cinco de Erasmo, a *Complutense*, a de Colineu, além de mais algumas, e outras foram impressas ao longo do período do seu trabalho. Parker faz um aprofundado trabalho de comparação para concluir que, apesar das dificuldades de verificação, Calvino seguiu mais de perto o texto de Erasmo, com quem mantinha diálogo sobre o assunto, divergindo às vezes deste e se aproximando dos outros textos. Calvino, além dos textos impressos, ia também diretamente aos manuscritos. A dificuldade é saber quais os manuscritos que usou e como os usou, em época anterior ao desenvolvimento das técnicas como a determinação das famílias de manuscritos e separação dos diferentes tipos de texto. Apesar das dificuldades, podemos dizer que Calvino fez um trabalho avançado para a época em que viveu.

■ *Calvino e as dificuldades de um tradutor* – Se Calvino tivesse vivido um século mais tarde, teria

convivido com três fatos importantes ligados à sua vida e à sua obra. Ele veria na sua França nascer um movimento que iria revolucionar a prática da tradução e contribuir para que a língua e a literatura francesas se tornassem universais. Foi o movimento das chamadas “belas infiéis”, uma tradução livre que destacava a beleza do texto original, em oposição à tradução “palavra por palavra”, ou seja, uma tradução estritamente literal. O outro fato era a aproximação deste movimento com o calvinismo do século dezessete. O principal nome nesta revolução da tradução, Pierre D’Ablancour, tornou-se adepto da Reforma e foi convidado para assumir o lugar antes ocupado por Teodoro Beza em Genebra. O terceiro fato, porém, era que o calvinismo iria exercer forte pressão sobre os tradutores, ao ponto de os mesmos abrirem uma exceção no método para a tradução da Bíblia e se dedicarem à tradução de textos religiosos, justificando que os textos profanos eram traduzidos para o ensino escolar. Mesmo assim sua profissão era considerada mundana e o método das “Belas infiéis”,

¹⁰⁷ Epp, F. J., op. cit., p. 7.

uma tentação diabólica.¹⁰⁸

Calvino vai iniciar seu trabalho com a Bíblia diante de si. Mas qual Bíblia? A francesa, a latina, a grega, a hebraica?¹⁰⁹ Isto dá a dimensão de Calvino como tradutor. Aparecem questões a resolver tanto na língua de partida como na de chegada. Ele vai traduzir a língua de Deus ou a dos homens? Calvino crê na inspiração da Bíblia e chega falar em Deus como o seu autor, mas não crê em uma interpretação inspirada diretamente pelo Espírito Santo, por isso tem de estudar muito para fazer uma boa tradução.¹¹⁰ Mas, com sua formação humanista, ele não pensa em separar um método para traduzir a língua de Deus e outra para traduzir a língua dos homens, como vai acontecer no século seguinte. Ele precisa da bíblia hebraica? Seus companheiros desde há mil anos atrás abandonaram os judeus e a sua língua, como um povo desprezado, e adotaram o latim, língua nobre do Império, para falar das coisas de Deus.¹¹¹ Os contemporâneos usavam diretamente a *Vulgata* latina. E ele mesmo se dedica a traduzir e escrever em latim. Mas, admirador que era mais da Patrística do que da escolástica, segue o mestre Jerônimo que não aceitou a sugestão de Agostinho para usar a

Septuaginta e foi aprender hebraico para traduzir o Antigo Testamento. Em suas aulas Calvino lia o texto primeiro em hebraico e depois em latim, procurando ao vivo mostrar a sua preocupação com uma boa tradução do hebraico.

Qual é a língua de chegada nas traduções de Calvino, o latim ou o francês? Calvino escrevia seus comentários e fazia as suas conferências em latim e os sermões geralmente em francês. Havia questões teológicas e culturais para determinar a superioridade de uma língua sobre a outra. Os tradutores das bíblias castelhanas do século XVI¹¹² e os eruditos franceses do século XVII se esforçaram para provar que as línguas castelhanas e francesas estavam à altura de receber o conteúdo da literatura clássica religiosa e secular. Para Calvino, porém, as opções entre o latim e o francês vêm das duas tare-

¹⁰⁸ Santos, Lysias O. *Qual das Bíblias é a certa?* Dissertação de Mestrado junto ao Instituto Metodista de Ensino Superior, 1987, inédita, pp. 47 e 48.

¹⁰⁹ Parker, *Calvin's Preaching*, Westminster, John Knox Press, Louis ville, EUA, p.80.

¹¹⁰ Parker, op. ci.t. p. 81.

¹¹¹ Parker, *Old Testament*, p. 4.

¹¹² Stokwell, B. Foster (ed). *Prefacios a las Biblias Castellanas del Siglo XVI*. B. Aires: Aurora, 1939, pp.24, 25.

fas. Seu trabalho de origem em Genebra era o de conferencista, defensor dos principais pontos da Reforma. Aí a sua formação humanista o levava a priorizar o latim em suas exposições. Mas na verdade ele veio a se identificar como pastor da cidade e por isso era preciso ensinar em francês, a língua do povo.

■ *A interpretação da Bíblia no tempo de Calvino* – Pelo que foi visto, Calvino participa da interpretação cristológica da Bíblia. Mas como ver Jesus e a sua igreja nos textos tão estranhos aos propósitos de Cristo, tanto do ponto de vista histórico como teológico? A explicação que começou a surgir nos primórdios da Igreja era que, além do sentido literal do texto, há um outro sentido espiritual ou místico, pelo qual os fatos, por mais absurdos que pareçam ser, transformam-se em ensinamentos racionais, morais e religiosos.¹¹³ Este procedimento atravessa a Escolástica esquematizado no método dos “quatro sentidos” das Escrituras. Além do seu sentido *literal e histórico*, há aquele que Deus transmite diretamente à alma do indivíduo (*tropológico*), o que Deus transmite à Igreja (*alegórico*), e o que se refere às coisas eternas, no céu (*anagógico*). Os reformadores e al-

guns humanistas rejeitaram este método por razões teológicas ou literárias. Calvino afirma que a Bíblia tem um só sentido, objetivo (*germanus*), simples (*simplex* e não *duplex*) e ancorado no próprio texto (*literalis*).¹¹⁴

Mas os eruditos da Reforma não puderam livrar-se totalmente das alegorias. Erasmo penetrou profundamente na pesquisa do Novo Testamento, mas na hora de comentar o sentido do texto prendia-se a este método, o que levou Parker a qualificá-lo como figura central nos estudos do Novo Testamento, destemido acadêmico, mas um tímido teólogo.¹¹⁵ Comentando Gl 4. 22-24, Calvino redige um longo período contra o método alegórico, que a partir de Orígenes continuou até ao seu tempo, dando liberdade para os comentadores, instigados por Satã, diz ele, inventarem jogos de palavras que substituem as objetivas e simples palavras do texto sagrado. Ele quer ser um instrumento de Deus para enterrar esta distorção interpretativa.¹¹⁶ Mas ele admite as

¹¹³ Parker, *Old Testament*, p. 70.

¹¹⁴ Parker, *New Testament*, p. 64.

¹¹⁵ Parker, op. cit., pp. VIII, 62 e 70.

¹¹⁶ Parker, op. cit. pp. 63, 64.

alegorias que saem diretamente do texto. Na prática, porém ele se deixou levar pela “serpente que nos atrai à primeira vista”,¹¹⁷ e é inventor de algumas interpretações bem engenhosas.

Vejamus como Calvino usa alguns termos consagrados dos métodos interpretativos: *Analogia*: deve ser usada como uma rápida lembrança de que, no texto bíblico estamos diante de um sentido único, mas sentido que oscila dentro de um “escuro e claro” (*umbra-veritas*), e que só se faz entender se tomado dentro deste conjunto. *Signos, símbolos*, Calvino admite que alguns textos só podem ser entendidos com o auxílio de algumas comparações e escolhe dentre as interpretações já dadas, por outros teólogos, aquela que mais se ajusta a sua compreensão. *Anagoge*, figura simbólica e alegórica dos livros sagrados, que Calvino entende como uma transferência ou aplicação de um evento ou personagem bíblico para alguma verdade teológica, aplicação esta demandada pelo próprio texto. *Tipos, figuras, imagens*. Algumas pessoas e instituições judaicas são visões antecipadas de Cristo e daquilo que se inclui na sua missão redentora: O Espírito Santo de Cristo, O Evangelho, a Igreja.

Alguns tipos da interpretação de Calvino: Israel é a Igreja; Moisés, o profeta, corresponde a Cristo; a Páscoa e o cordeiro pascal são tipos da Santa Ceia; os sete braços do castiçal e o óleo de oliva puro para a lâmpada são figuras para o Espírito Santo, o tabernáculo é o tipo da Igreja. O princípio que conduz a determinação de todas estas figuras bíblicas é este: sendo Cristo o fim, o alvo da Lei, tudo na Lei, entendida como um sistema religioso, com sacerdotes e cerimônias, seu reino sagrado centrado em Davi e seus descendentes e o ofício profético que interpreta o todo do sistema, devem ser entendidos a partir de Cristo.¹¹⁸

■ *Os condicionadores do estilo de Calvino* - Holder afirma ser Calvino possuidor de um estilo admirável. “Ele é criativo, sua linguagem é tanto precisa como melíflua e sua gama de expressão enorme, abrangendo desde uma larga e amarga sátira, uma franca discussão da fragilidade humana e uma ternura apaixonada. Calvino demonstra aqui e ali ser um excelente estilista.”¹¹⁹.

¹¹⁷ Parker, *Old Testament*, 71.

¹¹⁸ Parker, op. cit., pp. 72-75.

¹¹⁹ Holder, R. W., op. cit, p. 243.

Um exemplo desta “amarga sátira” pode ser sua investida contra os preladados católicos, qualificados como “cães raivosos, cuja mitra, bastão e pretensões similares são as suas únicas marcas distintivas, mas cuja vanglória consiste em que são eles os sucessores dos apóstolos”.¹²⁰

Como todos os demais aspectos da obra de Calvino até aqui examinados, seu estilo também é profundamente marcado pelas circunstâncias do seu trabalho. Ele tem de dialogar com o texto e com seus leitores, tarefas nem sempre fáceis de conciliar. Referindo-se à primeira tarefa Calvino diz que o intérprete tem de revelar a mente do escritor.¹²¹ Quanto aos leitores e ouvintes ele é um pregador e professor que tem de falar para os auditórios mais heterogêneos e ensinar para os diferentes graus de sua escola.¹²² Ele tem também de conversar com Deus e sabe que o “Espírito Santo usa livremente figuras de linguagem, metáforas, alegorias, metonímias, parábolas, imagens”¹²³. Mas a doutrina da “acomodação”, adotada por Calvino ensina que Deus “traduz” o seu pensamento e a sua linguagem para o pensamento e a linguagem das pessoas visando o cumprimento de sua revelação. Mas esta palavra, assim “acomodada”,

continua sendo palavra de Deus e deve ser tratada com toda a seriedade devida.¹²⁴

Em seus Comentários, Calvino procura penetrar nesta linguagem de Deus, para desvendar todos os recursos, todas as figuras de linguagem nela contida. Uma figura da qual Calvino gosta é a *hapálage*, que consiste no intercâmbio de dois elementos de uma proposição, revertendo a relação normal entre ambos.¹²⁵ Embora inspirados por Deus, os autores bíblicos conservam a sua maneira própria de escrever e Calvino precisa dialogar com eles também. Ainda bem que eles também se expressam em linguagem acessível. “Moisés acomoda-se a si mesmo em estilo simples e cru, adaptado à capacidade comum”¹²⁶. Paulo é às vezes confuso, como os demais apóstolos também. Mas é preciso aceitar o “estilo literário singelo, carente de refinamento e bus-

¹²⁰ Calvino, *Exposição de Romanos*, p. 40.

¹²¹ Parker, *New Testament*, p. 55.

¹²² Parker, *Old Testament*, pp. 15 e 63.

¹²³ Parker, *New Testament*, p. 44.

¹²⁴ Parker, op. cit., p. 58.

¹²⁵ Holder, R. W., op. cit. p 249, nota 96. Calvino, *Exposição de Romanos*. Pp. 43, 63, 102.

¹²⁶ Parker, op. cit., p. 100.

car tão somente a sabedoria espiritual".¹²⁷ Um dos inibidores de um estilo mais livre na comunicação de Calvino com os leitores é a necessidade de se fazer entender. Ele mesmo declara que "a principal virtude do intérprete é a clara brevidade". Ele prefere agradar a mente dos ouvintes com bons ensinamentos do que os seus ouvidos com um amontoado de palavras vazias.¹²⁸ Ele escreve em latim e francês. O latim é um desafio para que ele se expresse em linguagem mais refinada. Mas, com Erasmo, ele prefere que a sua língua não seja tão elegante, mas que seja lúcida e fiel. Então esforça-se para que os autores bíblicos falem a língua familiar ao seu povo e tratem dos problemas peculiares ao século XVI.

Avaliação do trabalho de Calvino como comentarista das Escrituras

Se é possível dizer que em todos os escritos de Calvino encontramos uma uniformidade na forma de apresentação, na abordagem da matéria, no estilo¹²⁹, podendo dizer também que desde 1539 até 1559 sua mente não muda sobre as questões doutri-

nárias.¹³⁰ O mesmo não podemos dizer da uniformidade e conseqüente qualidade de seus Comentários.

A primeira razão para que isto aconteça vem da própria natureza dos livros bíblicos. Percebendo isto, Parker pensou em iniciar seu trabalho sobre os Comentários do Antigo Testamento, de Calvino, comparando cada Comentário com um outro escritor que o antecedeu na interpretação do mesmo livro da Bíblia. Assim ele compararia os *Salmos* com Lefrèvre e Agostinho, o *Gênesis* com Lutero, e alguns outros com Nicolau de Lira e André de São Vítor, mas desistiu da idéia porque o livro se tornaria muito extenso e fugiria dos objetivos que ele traçou.¹³¹

Alem disso, como vimos, os Comentários de Calvino têm três origens diferentes. Eles podem ter sido aproveitados de anotações de seus sermões, de resumos de suas aulas e de escritos propriamente intencionais. Também grande parte dos

¹²⁷ Calvino, op. cit., p. 85..

¹²⁸ Parker, *Old Testament*, p 20.

¹²⁹ Parker, *New Testament*, pp. 49, 50.

¹³⁰ Parker, op. cit, p. 89.

¹³¹ Parker, *Old Testament*, p. 2.

seus textos foram redigidos por alunos, secretários e amigos, nem sempre com uma boa revisão de sua parte. E o próprio Calvino reconhece esta diferença qualitativa.

Há textos que ele faz questão de publicar e se contraria com as dificuldades relacionadas à sua edição.¹³² Há alguns a respeito dos quais ele pede desculpas por não ter saído do jeito que gostaria que fosse.¹³³ E há outros ainda cuja divulgação ele lamenta. Quanto à publicação do *Comentário de Oséias*, ele faz uma longa reclamação, dizendo que até mesmo os textos que ele preparava com cuidado, com tempo para melhorar os pensamentos e a linguagem, eram acusados de inoportunos. Por isso, as anotações feitas apenas para o uso de suas aulas nunca, por sua iniciativa, deveriam ser divulgadas. Ao deixar que suas palavras transmitidas diretamente para os seus ouvintes fossem publicadas ele já prevê que os maus e invejosos iriam acusá-lo de crime. Mas, por insistência dos amigos e por falta de tempo de fazer uma nova redação deixou, a contra gosto, que o *Comentário* chegasse ao público¹³⁴.

Calvino foi, ao longo de sua carreira, um constante estudioso da Bíblia como alguém que deseja en-

tender cada vez mais o seu significado. Assim lia e levava em consideração outras interpretações dadas ao texto. Como resultado, ele fazia constantes revisões na medida em que seu pensamento mudava sobre interpretações dadas anteriormente. Por isso é possível que haja sensíveis mudanças entre a primeira e a última edição de um texto por ele publicado. Por exemplo, na revisão que fez em 1556 ele corrige a interpretação que dera para Gl 4.25: “Porque Paulo compara a presente Jerusalém com o Monte Sinai? Mesmo que em outra ocasião eu mantive opinião oposta, concordo agora com Crisóstomo e Ambrósio, os quais disseram tratar mesmo da Jerusalém terrena”.¹³⁵

■ *Calvino e os biblistas de seu tempo* – Parker bem observou que o século XVI foi a idade da Bíblia. Ele viu o nascimento dos modernos estudos bíblicos, firmados na necessidade do melhor exame das linguagens originais, na busca pela recuperação de textos sólidos, no levan-

¹³² Parker, *New Testament*, p. 7.

¹³³ Parker, *Old Testament*, pp. 24, 25.

¹³⁴ Parker, op. cit., p. 28.

¹³⁵ Parker, *New Testament*, p. 90.

tamento das circunstâncias históricas, na necessidade de uma teologia firmada na Bíblia, na tradução para diferentes línguas modernas. Isto fez ressurgir grandes estudiosos que, a partir do pioneirismo de Erasmo de Roterdã, se dedicassem à interpretação do texto sagrado. Faremos uma rápida comparação entre Calvino e três dos que mais se destacaram como estudiosos da Bíblia na época: Melanchton, Bullinger e Bucer.

Felipe Melanchton lecionava grego em Witemberg em 1518 e logo depois começou a lecionar sobre *Romanos*, e se dedicou com tal afinco, que esta é a sua obra principal para a observação da metodologia que empregou em suas interpretações. Como apareceu algum material publicado a partir de anotações de alunos, sem seu consentimento, ele resolveu, a partir de 1529 editar os seus Comentários. Por redação direta ou a partir de anotações, no todo ou em partes foram publicados comentários seus sobre Rm, 1 e 2 Co, 1 e 2 Tm, Mt e Jo. Aproximando-se dos escolásticos João Damasceno e Lombardo, tornou-se adepto do método aristotélico que resume o conteúdo bíblico em pequenos tópicos (*loci*).¹³⁶ Calvino não fez do método do ponto de alto

suas interpretações,¹³⁷ e por isso prendeu-se mais à exegese do texto do que sua reformulação representada pelos *loci*.

A interpretação bíblica de Henrique Bullinger é a menos conhecida dos Reformadores. Em Zurique a partir de 1525, publica farto material didático, ensinando os alunos a estudar os assuntos seculares e a Bíblia. Seus comentários são mais dogmáticos do que exegéticos, embora faça questão de dizer que nada há de sagrado em suas opiniões. Cuidadoso com a linguagem, substituiu muitos hebraísmos por paráfrases elucidativas.¹³⁸ Calvino, prendendo-se, como vimos, mais à exegese, separa-se em muitos pontos da interpretação de Bullinger.

Os comentários de Bucer são considerados sua principal obra teológica. Em exposições bíblicas feitas em Estrasburgo (1523-1529) e em Cambridge (1559-1561) ele comentou os Evangelhos, *Salmos*, *Sofonias* e *Efésios*. Pretendia comentar todas as Epístolas, mas qual seria a extensão de suas obras, se os

¹³⁶ Sobre Melanchton, Parker, *New Testament*, pp. 28-36.

¹³⁷ Parker, *op. cit.*, 49.

¹³⁸ Sobre Bullinger, Parker, *op. cit.*, pp. 36-42.

três primeiros capítulos de *Romanos* tomaram mais de 500 paginas! Bucer combateu veemente as alegorias, mas usou paráfrases para esclarecer os hebraísmos e as idiosincrasias. O trabalho de Bucer é ao mesmo tempo comentário e teologia sistemática, diferentemente de seus colegas que publicaram em textos separados a interpretação bíblica e a suma de seus pensamentos da teologia reformada.¹³⁹ Neste sentido Calvino trilhou também caminho inverso. Primeiro escreveu as *Institutas*, para depois produzir os seus Comentários.

■ *Críticos dos Comentários de Calvino* – A principal crítica que a moderna interpretação faz a Calvino é que ele não soube se equilibrar na encruzilhada em que se encontrava, entre o antigo e o moderno. Muller, autor de *The Unaccommodated Calvin*, vê o Reformador premido por duas forças, um impulso profundamente tradicional que o pressiona a produzir elementos de controle cultural e espiritual, enquanto o outro estimula-o à forte originalidade e rebeldia contra aqueles instrumentos, o que gera algumas dificuldades para a sua compreensão à luz do pensamento do século XVI. B. Cottret, recente

biógrafo de Calvino, compara o seu humanismo com os Comentários que escreveu e conclui que ao escolher conscientemente um diferente estilo de retórica, ele critica a retórica do humanismo com uma retórica bíblica. R. C. Gamble, outro crítico de Calvino, procurando definir a sua escolha hermenêutica, conclui que ele estava comprometido com uma propensão mental essencialmente medieval.¹⁴⁰

As críticas a Calvino, porém, já aparecem logo após a publicação de seus Comentários. É verdade que estas são bem mais contextualizadas, envolvendo motivos que ultrapassam as normas devidas a um crítico literário. O Luterano Hunnius publicou um livro (1593) acusando Lutero de judaizante por causa das suas interpretações do Antigo Testamento, as quais, segundo ele, contrariam alguns pontos básicos do pensamento cristão como a doutrina da Trindade. É possível inquirir sobre a influência do Antigo Testamento na teologia e na prática de Calvino, mas a impressão que se tem é que a sua interpretação no geral

¹³⁹ Sobre Bucer, Parker, op. cit. pp. 42-48.

¹⁴⁰ Holder, R. W., op. cit., p. 150.

dissolve o Antigo Testamento pela leitura cristológica, mesmo que se possa percorrer muitas páginas de seus Comentários do Antigo Testamento encontrando só interpretações históricas sem aparecer o nome de Cristo.¹⁴¹

Calvino ficava feliz quando soube que um casal ilustre havia apreciado seu Comentário de *1 Coríntios*. Mas houve alguém que não o apreciou tanto assim. João Hooper, futuro bispo de Gloucester e Worcester, queixou-se a Bucer: “O Comentário de Calvino sobre *1 Coríntios* desagradou-me profundamente.” Possivelmente porém, porque, como bom zuingliano, ele discordava de Calvino a respeito da eucaristia.¹⁴² Crítica curiosa vem do editor do Gênesis. Ele diz que Calvino omite aqueles textos que podem ruborizar os rostos dos mais jovens. Diz que ele omite totalmente os textos sobre a relação sexual das filhas de Ló com o pai e sobre o pecado de Onã. (Gn 19. 31ss; 38. 10).¹⁴³ Na verdade esta não parece ser uma prática definitiva de Calvino, porque, comentando Rm 1.32, ele transcreve Ez 16. 25: “A cada canto do caminho edificaste o teu altar e profanaste a tua formosura, abristes as tuas pernas a todo que passava e multiplicaste as

tuas prostituições”.¹⁴⁴

Uma das dificuldades para avaliar as falhas dos Comentários de Calvino, precisamente os do Antigo Testamento, refere-se à precariedade de suas edições. A uma grande falta de notas de rodapé, ou quando as há, são ingênuas e irrelevantes, salvando-se raras exceções. As traduções são insatisfatórias, não tanto quanto a incorreções, mas quanto a sua imprecisão. O pior é que estas imprecisões muitas vezes parecem ser liberadas para enquadrar Calvino em um contexto que não é mais o seu, notas são inseridas para restaurar o “verdadeiro” sentido da passagem exposta. Há, por exemplo a possibilidade de um esforço deliberado para identificá-lo como um dos “evangelicais” dos meados do século dezenove.¹⁴⁵

■ *Admiradores da obra de Calvino* - Apreciações positivas aos Comentários de Calvino aparecem ainda no século XVI. O título do pre-

¹⁴¹ Parker, *Old Testament*, p. 2 e Parker, *New Testament*, p. 66.

¹⁴² Parker, *New Testament*, p. 13, nota 4.

¹⁴³ Parker, *Old Testament*, pp. 2 e 3.

¹⁴⁴ Calvino, *Exposição de Romanos*, p. 77.

¹⁴⁵ Parker, id. ib.

fácio de Teodoro Beza ao Comentário a *Romanos*, de Calvino é: “O mais excelente Comentário de Calvino entre todas as Epístolas, incluída a *Epistola aos Hebreus*”.¹⁴⁶ Um aluno de Reuchlin, de Bratislava, que procurou Calvino para resolver alguns problemas de exegese, assim se expressou. “Ainda que Erasmo seja considerado o príncipe dos teólogos, em muitos aspectos parece não ter atingido como o senhor o pensamento de Paulo. Eu o felicito pelo dom notável que Deus lhe deu para interpretar as Escrituras com tanta facilidade. Tenho lido e relido seus trabalhos e nunca me canso. O senhor adornou os escritos de Paulo com os seus mais santos pensamentos”.¹⁴⁷ Jacó Armínio (1560-1609), professor da Universidade de Leiden, que se opôs ao pensamento de Calvino em vários pontos, surpreendentemente aconselha: “Eu exorto aos estudantes que, depois das Escrituras, leiam os Comentários de Calvino, pois eu lhes digo que Calvino é incomparável na interpretação das Escrituras”.¹⁴⁸

Dos autores mais recentes, Donald McKim, declara que Calvino usou, como ninguém, de todas ferramentas disponíveis no seu tempo para uma boa exegese. C. Greeg Singer, pelo fato de Calvino dispor

o seu material de forma clara, lógica e simples, o chamou de príncipe dos expositores. Os editores das obras de Calvino em Brunswick concordam com ele. Comparando Calvino com outros reformadores concluem que com justiça ele pode ser chamado de “príncipe e guia dos teólogos”. Jorge P. Fisher reconhece que Calvino é o exegeta por excelência da Reforma. “A palma pertence a Lutero como tradutor; a Calvino, como intérprete da Palavra”.¹⁴⁹ T. H. L Parker, declara que em todos os aspectos Calvino é o maior dos exegetas do século dezesseis, lembrando que “a época produziu vários estudiosos que nos surpreendem pela sua energia intelectual, pelo seu discernimento, seu incrível conhecimento da Bíblia e acima de tudo, pela aproximação humilde e reverente da Escritura, pela faminta busca da verdade, pela confiança e certeza em seu trabalho”.¹⁵⁰

Espaço especial é aqui reservado para a opinião de Karl Barth sobre Calvino, a sua atividade constata-

¹⁴⁶ Parker, *New Testament*, p. 19.

¹⁴⁷ Id. ib.

¹⁴⁸ Maia, Hermisten M. P., Prefácio de: Calvino, *Exposição de Romanos*, p. 18.

¹⁴⁹ Id. ib.

¹⁵⁰ Parker, *Old Testament*, ps 6, 7.

tante e o grande acúmulo de suas obras. Barth Diz que Calvino é "uma catarata, uma floresta primitiva, um poder demoníaco, alguma coisa vinda diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, um estranho, um ser mitológico".¹⁵¹ Sobre a atualidade dos comentários de Calvino ele diz: "Por exemplo, colocando lado a lado os trabalhos de Jülicher e de Calvino, quão energicamente Calvino, depois de estabelecer o que o texto contém, começa, ele mesmo a repensar o material em seu conjunto e discutir com ele até as paredes que separam o século dezesseis do primeiro tornarem-se transparentes! Paulo fala e as pessoas do século dezesseis ouvem.

A conversa entre o documento de origem e o leitor circula em torno do objeto em questão, até que a distinção entre ontem e hoje se torne impossível. Se alguém persuadir-se de que o método de Calvino se desfaz com o antiquado moto "A Compulsão da Inspiração", ele trai a si mesmo como alguém que jamais trabalhou na interpretação da Escritura".¹⁵² Barth ainda declara ter ficado em dúvida se deveria escrever alguma coisa sobre *Romanos* depois do estupendo trabalho de Calvino. Nesta atitude, Barth segue o grande Reformador que também teve a

mesma dúvida.

■ *A importância dos Comentários de Calvino* - Desde tempos antigos ecoa o grito: *Calvinus homo unius libri*, Calvino, o homem de um único livro, Calvino, o Tomás de Aquino protestante.¹⁵³ Nesta perspectiva os Comentários seriam leituras dispensáveis para uma compreensão do pensamento de Calvino. No que pese, porém, a grande importância das *Institutas*, a "obra prima da teologia protestante", segundo Albrecht Ritschl,¹⁵⁴ os Comentários de Calvino desempenham um papel fundamental na formação do pensamento protestante. Esta importância pode ser resumida na grande contribuição que dá para uma compreensão mais profunda do tão falado e também tão distorcido princípio da Reforma, a doutrina da *Sola Scriptura*. Calvino, com os seus Comentários, contribuiu para o aprofundamento da *Sola Scriptura* em três direções diferentes. Primeiro, ao mostrar a seriedade e o comprometimento daqueles que optam por ter na Escri-

¹⁵¹ Parker, op. cit. p. 7.

¹⁵² Holder, R. W. op. cit. p. 249.

¹⁵³ Parker, *New Testament*, p. 2.

¹⁵⁴ Costa, Hermisten P. C., op. cit. p. 9.

tura a base de sua fé. Segundo por apontar a estreita ligação da escritura com toda e qualquer definição dos princípios da fé cristã. Terceiro, por defender o comprometimento pastoral da mensagem que vem da Bíblia.

As páginas anteriores deste artigo tentaram mostrar o que era para Calvino passar a vida expondo a Bíblia. São suas palavras: “Se eu dirigir-me ao púlpito sem ter olhado para um livro e imaginar frivolamente: ‘Muito bem! Quando chegar a hora Deus me dará o suficiente sobre o que eu devo falar’, e não me dedicar a ler, ou a pensar a respeito daquilo que eu tenho de declarar, e chegar sem ponderar cuidadosamente como eu devo aplicar a Santa Escritura para a edificação do povo, então eu serei um presunçoso charlatão e Deus me porá em confusão por causa da minha audácia”¹⁵⁵ Infelizmente não muito tempo depois este princípio tão caro aos reformadores tornou-se base para uma visão superficial da Bíblia, para uma adoração de suas letras, para pretexto de acusações e condenações recíprocas. Só atinge o âmago do pensamento contido na *Sola*

Scriptura aquele que penetra nos seus meandros de língua, de história, de cultura, de conhecimentos, e só homens que se dedicam como Calvino conseguem fazer isto.

Calvino é herdeiro de um passado que, na ânsia de extrair da Bíblia o seu pensamento teológico destruiu a Bíblia, ficando só com o pensamento teológico. Ao começar também pelo pensamento teológico, Calvino logo descobriu que por trás de tudo está a própria Bíblia. Ao escrever primeiro as *Institutas* e passar o resto da vida comentando as Escrituras, ele percorre um caminho aparentemente inverso, mas que é o caminho do grande descobridor. Passando por todos os *loci*, todos os axiomas, todos os dogmas ele chega à fonte de todo este amontoado de resumos e conclusões. Este é o caminho que na prática percorreu seu amigo Bullinger, como vimos páginas atrás. Infelizmente logo também seus seguidores continuaram no caminho que conduziu à Escolástica e puseram na base de sua fé princípios rígidos, fechados, dogmáticos. Os Comentários de Calvino são um apelo para voltarmos a uma teologia bíblica onde a pesquisa documentária, a exegese, as boas traduções são serviços diretos na definição dos princípios que

¹⁵⁵ Parker, *Preaching*, 81.

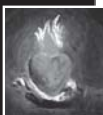
norteiam a vida cristã.

Mas acima de tudo, os Comen-tários de Calvino são uma demons-tração de que a exegese é um ser-viço para a Igreja. Às voltas com as múltiplas atividades, sem saber o que escolher, se pregar, escrever, pastorear, polemizar, administrar, Calvino talvez não estivesse dando conta de que penetrar nos mistéri-os da *Sola Scriptura* é engajar-se de corpo e alma no serviço da Igreja. O lugar da Escritura é dentro da Igreja, pois para Calvino a Igreja é a *Schola Dei* e o seu currículo são as Escrituras.¹⁵⁶ Calvino viveu tam-bém tempos em que por séculos a Bíblia havia sido tirada do povo. A

língua da Bíblia não é a língua do povo, o tempo da Bíblia não era o tempo do povo, os interesses da Bíblia não eram os interesses do povo, tempos enfim, em que o mundo da Bíblia não era o mundo do povo. O reformador, ao contrá-rio, vive este vai-e-vem entre a Bí-blia e o povo, entre a cátedra e o púlpito, entre o estudo e o pastorado, entre o hebraico, o gre-go, o latim e o francês. Infelizmen-te, os seus seguidores optaram por uma erudição que não mais serve à igreja, não mais serve ao povo. É tempo de pensarmos com Calvino que toda a interpretação da Escri-tura deve ser feita para a Igreja.

¹⁵⁶ Holder, R. W., op. cit. pp. 252, 253.

O Comentário de Calvino ao livro de Daniel



Considerações iniciais

João Calvino foi grande comentarista das Escrituras, o que se esquece freqüentemente.¹ Sua primeira atividade em Genebra foi *Lecteur de la Sainte Ecriture*. A tarefa principal do seu ministério era a exegese bíblica e, segundo ele, se quisermos aprender quem é Deus e o que somos, devemos buscá-lo nas Escrituras. Calvino afirma também que a Escritura deve ser lida com o objetivo de nela encontrarmos Cristo, mas sua interpretação do Antigo Testamento

José Adriano Filho*

não é tão cristológica quanto a de outros teólogos. Na verdade, ele se opõe a uma interpretação do Antigo Testamento que enfatize somente o aspecto cristológico, pois a exegese bíblica é somente um aspecto do processo de interpretação. Há passagens do Antigo Testamento que podem ser lidas como referências a Cristo, mas nem por isso perdem seu valor histórico. Calvino, assim, dá continuidade a uma tradição anterior, pois os teólogos católicos e os reformadores antes dele viam o Antigo Testamento como imagem e sombra de Cristo, neste ponto seguindo os autores do Novo Testamento que interpretaram Jesus a partir do Antigo Testamento e o Antigo Testamento a partir de Jesus.² Os problemas trazidos a Genebra pelos anabatistas e antinomistas,

* José Adriano é professor no Seminário Teológico Rev. Antonio de Godoy Sobrinho, de Londrina (IPIB).

¹ BERG, Jan van den. "O trabalho exegético de Calvino", pp.46-49; PUCKETT, David L. *John Calvin's Exegesis of the Old Testament*, pp.56-59.

que afirmavam que o tempo da Lei passara e rejeitavam toda Igreja e disciplina, levaram-no a demonstrar que a redenção de Cristo, a Lei e o Evangelho não eram antitéticos, pois há unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, na medida em que não há senão uma única revelação de um único Deus.

Nas *Institutas da Religião Cristã*, no capítulo “Da Similaridade entre Antigo e Novo Testamento”, Calvino demonstra que os dois Testamentos apresentam uma mesma substância, que Cristo está presente no Antigo, mas de longe e de forma obscura, que há vida espiritual e esperança de imortalidade por adoção no Antigo Testamento, e que a Aliança estabelecida por Deus com os Pais não se baseia nos méritos deles, mas na sua misericórdia. A Aliança feita com os pais é semelhante à Aliança feita conosco, pode-se dizer uma mesma com ela, pois difere somente na ordem em que foi outorgada.³ A diferença maior percebida por Calvino entre o Antigo e o Novo Testamento pode ser resumida na seguinte afirmação: o Antigo Testamento faz conhecer a promessa que o Novo Testamento apresenta como realidade presente.⁴

Os profetas do Antigo Testamento tinham grande significado para

Calvino. Tanto em suas prédicas quanto preleções, podemos falar de um projeto de interpretação dos profetas. Seus comentários aos profetas do Antigo Testamento estão entre suas últimas publicações expositivas. A série começa com o comentário a Isaías, publicado primeiro em 1550, mas revisado subsequentemente, em 1559. Então, após Gênesis (1554) e Salmos (1557) seguem as exposições a Oséias (1557), aos doze Profetas Menores (1559) e Daniel (1561), Jeremias e Lamentações (1563) e, publicado postumamente, os primeiros vinte capítulos de Ezequiel (1565). Destes, somente a exposição de Isaías é um comentário no sentido moderno do termo. Os outros não foram escritos por Calvino, mas são compilações que seus amigos fizeram das *Preleções* feitas na Academia de Genebra. Eles são transcrições, publicadas nas *Preleções*, não *Comentários*. Dessa forma, os comentários de Calvino so-

² AUERBACH, Erich. *Figura*, pp.13-64; DAWSON, John David. *Christian Figural Reading and the Fashioning of Identity*, pp.83-137.

³ *Institutas da Religião Cristã*, Livro II, capítulo 10, parágrafo 2.

⁴ PUCKETT, David L. *John Calvin's Exegesis of the Old Testament*, pp.88-91.

bre os profetas do Antigo Testamento estão à parte de suas outras exposições das Escrituras que foram publicadas. Com exceção do comentário de Isaías, seu caráter como *Preleções* e a natureza particular do público ao qual foram dirigidas revelam-nos como era a leitura feita por Calvino dos profetas.⁵

1- A audiência de Calvino

As preleções de Calvino, especialmente sobre os profetas (1555-1564), tinham como principal público “os estudantes”, “os ministros” e “outros ouvintes”, grupos que estavam associados aos esforços empreendidos na difusão da pregação reformada na França.⁶ É provável que os estudantes fossem os ouvintes primários, especialmente no período posterior à inauguração da Academia de Genebra, em 1559. A Academia pretendia “preparar jovens para o ministério e para o governo civil”, especialmente os futuros líderes da Igreja na França, e o registro dos alunos matriculados após 1559 indica que muitos deles deixaram a Academia para servir como pastores nas igrejas da França; os primeiros que estudaram na Academia tinham como objetivo

retornar à França, para ali trabalhar em favor da Igreja Reformada.⁷

A preocupação com a evangelização da França era própria não só dos estudantes, mas também dos “ministros” e “outros ouvintes”. A Companhia dos Pastores de Genebra era dominada por franceses durante o período da liderança de Calvino na cidade, de forma especial entre 1555-1564. Além disso, os “outros ouvintes” deviam pertencer ao mesmo círculo, já que havia um massivo influxo de refugiados em Genebra na década de 1550-1560, seguindo o exemplo do próprio Calvino. Sem dúvida, foi a Igreja Reformada que atraiu a maior parte desses imigrantes para a cidade. Embora a assistência regular às Preleções não fosse compulsória, é provável que muitas pessoas que vieram da França para Genebra depois de 1555 estivessem, ocasional ou até mesmo regularmente, entre os ouvintes de Calvino.⁸

Após 1555 e, especialmente depois de 1559, os ministros treinados em Genebra foram enviados à

⁵ WILCOX, Pete, “The Prophets”, pp.107-108.

⁶ WILCOX, Pete, “The Prophets”, p.111.

⁷ WILCOX, Pete, “The Prophets”, p.112.

⁸ WILCOX, Pete, “The Prophets”, pp.112-113.

França, por exigência das congregações reformadas de lá. No final de 1561, um desses enviados a Genebra, que esperava uma indicação para trabalhar numa igreja na França, escreveu uma carta a Guilherme Farel, em Neuchâtel, onde afirma que havia várias pessoas em Genebra provenientes de muitos lugares da França, recrutando trabalhadores para a colheita na França. A carta centraliza-se na evangelização da França, mas assinala que é “maravilhoso ver os ouvintes das preleções de Calvino, estimando haver mais de mil pessoas cada dia”. Isso sugere que os “outros ouvintes” formavam um grande grupo, não regularmente matriculados na Academia, ou não eram membros da Companhia dos Pastores. Indica também que muitos desses ouvintes estavam comprometidos com a empresa de evangelização. Eles vieram a Genebra de toda a França, recrutando trabalhadores (isto é, pastores), e tinham a oportunidade de ouvir as preleções de Calvino no período em que estavam em Genebra realizando suas tarefas.⁹

Nem todos os ouvintes de Calvino eram missionários que estavam em treinamento ou franceses, mas também estudantes que

vinham de todas as partes da Europa, como Itália, Alemanha, Inglaterra, Escócia, sendo a maior parte deles composta por franceses envolvidos como Calvino na evangelização de sua terra natal. As preleções de Calvino lhes foram dirigidas primariamente. O caráter desse público nos informa quem eram eles, sendo fácil imaginar o que uma aplicação imediata da exposição da Escritura ocasionaria nos seus ouvintes quando, no outono de 1559, na décima quinta preleção sobre Daniel, Calvino afirma: “Portanto, quem realmente tira proveito da Palavra de Deus é aquele que aprende que sua vida está sob os cuidados do Senhor e que sua proteção nos basta. Qualquer um que tenha alcançado esta fase será capaz de enfrentar centenas de riscos, pois não hesitará em marchar para onde tenha sido chamado”.¹⁰

⁹ WILCOX, Pete, “The Prophets”, pp.113-114.

¹⁰ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.208-109.

2- A Igreja de Cristo no mundo e a proteção do Senhor

O comentário de Calvino ao livro de Daniel estabelece uma relação entre a situação de sofrimento vivida pelo povo de Deus na época de Daniel com aquela das igrejas na França, no momento em que a Reforma lançava ali suas raízes e nos primeiros anos do seu desenvolvimento. É um período cruel e difícil que deve ser aplicado à igreja de seus dias, pois ambas as circunstâncias, do povo judeu lá e da igreja cá, são similares.¹¹ Dessa forma, a primeira parte do comentário, Daniel 1-6, descreve a situação de perseguição vivida pelo povo de Deus, que é relacionada com a vida da igreja naquele momento. Ela relata também como “Daniel ganhou autoridade até mesmo entre os perversos, pois era necessário que ele fosse colocado no ofício profético de forma extraordinária, num período de grande confusão, no qual era difícil crer que houvesse algum profeta no meio do povo de Deus”. A segunda parte, capítulos 7-12, por sua vez, mostra como Deus prediz, através de Daniel, o que aguardava o povo elei-

to. Nesses capítulos, formados por visões que se referem “particularmente à Igreja de Cristo, o Senhor prediz o futuro, e esse aviso prévio era mais do que necessário”.¹²

No início da exposição ao capítulo 7, Calvino declara:

Aqui Daniel começa oferecendo instrução peculiar à Igreja. Pois Deus anteriormente o designara como intérprete e instrutor de reis profanos. Agora, porém, ele o designa como mestre da Igreja, para que exerça nela seu ofício e sua instrução destinados aos filhos de Deus em seu seio. É mister que notemos esse fator, antes de tudo, porque até aqui as suas predições se estenderam para além dos limites da família da fé; aqui, porém, o dever de Daniel se restringe à Igreja. (...) Antes de tudo, devemos tentar entender o desígnio do Espírito Santo; ou seja, o fim e o uso para os quais ele revelou a

¹¹ CRISTOFANI, J. R. “Heremênutica de Calvino e Lutero”, p.20.

¹² CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.35-36.

Daniel o conteúdo deste capítulo. Todos os profetas insistiram com o povo eleito sobre a esperança de livramento, depois que Deus houvera castigado neles sua ingratidão e obstinação. Ao lermos o que outros profetas anunciaram concernente a sua redenção futura, presumiríamos que à Igreja fora prometido um estado feliz, tranqüilo e completamente pacífico, depois que o povo houvesse regressado do cativeiro. A história, porém, testifica quão diferente foi tal regresso. Pois os fiéis teriam caído exaustos e teriam apostatado, a menos que fossem admoestados sobre as diversas perturbações que estavam por vir.¹³

Segundo Calvino, o livro de Daniel é de grande utilidade para a vida da Igreja, porque seu autor não falou com suas próprias idéias, mas tudo o que proclamou havia sido ditado pelo Espírito Santo. Além disso, declara que “mais confiança ainda pode ser adquirida através de outras narrativas – quando avisa quantas misérias a Igreja enfrentaria nas mãos dos cruéis inimigos”. Daniel lista seus pactos, relata os

ataques dos inimigos em duas frentes e depois fala sobre as muitas mudanças. O que ele apontou foi tão verdadeiro, que é óbvio que Deus estava falando por sua boca. Daniel foi um instrumento do Santo Espírito e nada proclamou baseado em suas próprias idéias”. Sua inteligência era divinamente evocada a discernir eventos futuros.¹⁴

A grande preocupação de Calvino em estabelecer uma relação entre o texto bíblico e a situação da Igreja na França fica clara na dedicatória, quando afirma:

Mesmo assim, tenho plena consciência de quantas indignidades vós tendes sofrido durante os últimos seis meses – não contando os inúmeros fogos que passastes durante trinta anos. Sei que, em muitos lugares, já conhecestes a violência de turbas revoltas, o bombardeio com pedras, os ataques com aço puro. Reconheço que vossos inimigos têm sondado e esperado e, repentina e inesperadamente,

¹³ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 2, pp.9-10.

¹⁴ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.36-37.

interromperam suas reuniões pacíficas com violência. Sei que alguns foram mortos em suas casas, outros nas ruas; corpos foram arrastados como num mero esporte; mulheres foram estupradas; até mesmo uma mulher grávida e seu bebê não nascido foram traspassados; casas foram quebradas e roubadas. No entanto, apesar de atrocidades ainda piores serem possíveis de acontecer no futuro, vós deveis mostrar que sois discípulos de Cristo, bem treinados em sua escola. Precisais cuidar para que nenhuma ação furiosa e intemperada dos perversos vos tire da moderação que até o presente mostrastes e que sozinha tem superado e quebrantado todos os seus assaltos. E se vierdes a sentir-vos cansados por causa da longa batalha, lembrai-vos da grande profecia que retrata exatamente o estado da igreja. Naqueles dias, Deus mostrou a seu profeta quais conflitos, ansiedades, dificuldades e perigos os judeus enfrentariam desde o fim do exílio e sua volta triunfante à própria nação até o

advento de Cristo. No entanto, isso contém uma analogia temporal; essas mesmas coisas são verdadeiras para nós – isto é, devem ser adaptadas para nosso uso.

Daniel regozijou-se pela Igreja em miséria, por tanto tempo submersa num profundo dilúvio de maldades, quando deduziu, a partir de um cálculo dos anos, que o dia da libertação previsto por Jeremias estava próximo. Mas o profeta recebeu a resposta de que o destino do povo seria mais duro quando fossem libertados e, como resultado, mal teriam tempo de recuperar-se da contínua sucessão de terríveis calamidades.¹⁵

A declaração da dedicatória, referente à confiança na intervenção de Deus para salvar seu povo, domina o comentário. Calvino afirma que Deus demonstra desvelo por sua Igreja, até mesmo quando parece haver-se descartado dessa preocupação. Por essa razão, a igreja de Cristo não deve, de forma alguma, sentir-se desanimada:

¹⁵ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, p.27.

O profeta não nos encorajou a ter esperança e paciência utilizando apenas os exemplos daqueles dias. Somou a isso uma exortação, ditada pelo Espírito, que se estende a todo o reino de Cristo, pertencendo também a nós. Portanto, não se nos permita que se torne difícil sermos incluídos no número daqueles que se afirma que serão testados pelo fogo e se tornarão puros (brancos e alvos); pois todas as dificuldades da cruz foram mais que compensadoras pela felicidade e glória inestimáveis que ela carrega. A maioria das pessoas pensa que essas coisas não têm sentido algum. Não sejamos contaminados por sua preguiça e enfado, mas mantenhamos firme em nossos corações aquilo que o profeta logo declara, isto é, que os ímpios se comportarão impiedosamente porque não compreendem. No entanto, os filhos de Deus serão dotados de compreensão para que possam apoiar-se no percurso certo do chamado divino.¹⁶

Referindo-se aos companheiros de Daniel, quando foram jogados na fornalha ardente, Calvino, ao esta-

belecer uma relação entre a situação enfrentada por eles e a situação da igreja da sua época, refere-se à proteção que o Senhor dispensa aos fiéis, afirmando:

Mas o que Daniel relata sobre aqueles três também é pertinente a nós. Portanto, é certo inferirmos esta doutrina geral quando o perigo nos ameaça em virtude do testemunho da verdade: em primeiro lugar, que aprendamos que nossas vidas estão nas mãos de Deus; em, segundo lugar, que nos preparemos corajosa e destemidamente para encontrar a morte. Quanto ao primeiro ponto, a experiência nos ensina que grande número se afasta de Deus e invalida a confissão de fé, já que não conseguem crer que há em Deus força suficiente para nos livrar. Obviamente, é verdade que todos dirão: 'Deus tem cuidado de nós, e nossas vidas estão colocadas em suas mãos e vontade'. Raramente, porém, um em cem terá esta afirmação gravada de forma

¹⁶ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.29-30.

profunda e segura em seu coração. Pois cada um procura uma maneira de preservar sua própria vida, como se Deus não possuísse poder algum. Portanto, quem realmente tira proveito da Palavra de Deus é aquele que aprende que sua vida está sob os cuidados do Senhor e que sua proteção nos basta. Qualquer um que tenha alcançado esta fase será capaz de enfrentar centenas de riscos, pois não hesitará em marchar para onde tenha sido chamado. A única coisa que nos livrará de todo temor e apreensão é o fato de Deus poder livrar a seus servos de mil mortes, conforme está escrito nos Salmos: 'A ele pertencem os problemas da morte' (Salmo 68.20). A morte parece consumir tudo, mas é desse abismo que Deus resgata a quem ele quer. Esta convicção deveria bastar para encher-nos de inabalável e inexpugnável constância.¹⁷

As preleções sempre terminam com uma oração estreitamente relacionada com o tema que está sendo exposto. Tendo sempre em mente a situação de perseguição a que a igreja estava sujeita, destaca-se no comentário uma das orações que declara a confiança em Deus, que jamais permitirá que os fiéis sejam atingidos pelos tiranos desse mundo:

Deus Todo-Poderoso, visto que nos encontramos em perigo todos os dias e em todos os momentos, não só da selvageria de um único tirano, mas todo o mundo é incitado contra nós pelo diabo e os príncipes deste mundo estão armados e prontos para nos destruir; permite que possamos sentir e que possas mostrar-nos através da própria experiência que nossas vidas estão em tuas mãos e que tu serás um fiel guardião e não permitirás que um só cabelo de nossas cabeças caia; mas que nos guardarás de tal maneira que os ímpios também saberão que hoje não nos gloriamos em teu nome em vão, não te invocamos em vão. E quando tivermos experimentado teu cuidado paternal em

¹⁷ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.208-209.

todo o curso de nossas vidas, permite que, por fim, alcançemos a bendita imortalidade que nos prometeste e que está guardada para nós nos céus através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.¹⁸

3- A verdadeira sabedoria é dom de Deus

Calvino destaca a sabedoria dada por Deus a Daniel na explicação do significado das visões bem como na decifração de sonhos, ao contrário dos magos caldeus, chamados por Calvino de charlatães, que lançam mão de um falso conhecimento na interpretação de sonhos, e iludem as pessoas com falsos pretextos.¹⁹ Contrariamente à sabedoria “deste mundo”, a “sabedoria de Deus não está oculta na escuridão, senão que nos é revelada”:

Pois Deus diariamente nos dá disso claras e seguras evidências. Aqui ele corrige a ingratidão humana; toda vez que retratem o louvor da excelência de Deus e o atribuem a si próprios, se chegam bem próximos do sacrilégio. Por isso,

Daniel declara que não existe sabedoria nos homens, exceto aquela advinda de Deus. Alguns, é claro, são sábios; podem ser até mesmo muitíssimo inteligentes. Entretanto, deve-se perguntar se ela vem deles próprios. Daniel mostra que os homens são engenhosos e invejosos quando reivindicam para si alguma coisa, principalmente quando todos se sentem dominados de admiração por eles; pois nada possuem de si mesmos.

Quem se gabará de ser sábio por meio de suas próprias forças? Aquele que criou a sabedoria a qual assume? Já que, então, Deus é o único autor tanto da sabedoria quanto da erudição, dons com os quais ele adorna o homem, elas não obscurecem sua glória, e sim deveriam enaltecê-las.²⁰

Daniel recebera o espírito profético, ao contrário dos sábios segundo “este mundo” que não possuem o dom da revelação e prometem mais

¹⁸ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, p.110.

¹⁹ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.91, 97-99.

²⁰ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.117-118.

do que podem comprovar.²¹ A comentar a sabedoria de Daniel e seus amigos, Calvino afirma:

Aqui o profeta apresenta o que já mencionamos – a razão porque ele obteve autoridade foi para que cumprisse mais as tarefas de profeta. Ele precisava destacar-se com marcas nítidas, para que os judeus, primeiramente, e depois os estrangeiros, ficassem cientes de ser ele dotado com o espírito profético. Parte dessa graça foi concedida a seus três amigos. (...) Devemos tomar nota desse propósito, pois seria fútil dizer que essa foi uma recompensa a eles paga por Deus em virtude de sua frugal e até mesmo mínima ingestão de alimento, e de sua voluntária abstinência dos prazeres da corte.

O propósito de Deus era bem diferente. Ele queria, como já dissemos, exaltar a Daniel para que este pudesse mostrar eficazmente que o Deus de Israel era o único Deus. E também porque tencionava que os amigos de Daniel, no futuro, ocupassem altos cargos na política governamental, des-

tacou-os com uma porção dobrada do Espírito. Entretanto, é importante que mantenhamos os nossos olhos em Daniel, pois, como já mencionamos, o Senhor antes determinou que fosse ele profeta, e queria, por assim dizer, condecorá-lo com sua insígnia oficial, para que seus ensinamentos já encontrassem uma recepção de antemão preparada. Diz ele, portanto, que a estes quatro jovens (isto é, rapazes) foram dados conhecimento e cultura em toda erudição e sabedoria; Daniel, porém, foi dotado com o singular dom da interpretação de sonhos e discernimento de visões.²²

No comentário sobre Daniel 2.21: “ele dá sabedoria aos sábios e entendimento àqueles que são dotados de entendimento”, Calvino declara que Deus é autor da sabedoria e da erudição, dons com os quais ele adorna os homens e que não obscurecem sua glória:

²¹ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, p.103.

²² CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.75-76.

(...) a sabedoria de Deus não está oculta na escuridão, senão que nos é revelada. Pois Deus diariamente nos dá disso claras e seguras evidências; Aqui ele também corrige a ingratidão humana; toda vez que retraem o louvor da excelência de Deus e o atribuem a si próprios, se chegam bem próximos do sacrilégio. Por isso, Daniel declara que não existe sabedoria nos homens, exceto aquela advinda de Deus. Alguns, é claro, são sábios; podem ser até mesmo muitíssimo inteligentes. Entretanto, deve-se perguntar se ela vem deles próprios.

Daniel mostra que os homens são engenhosos e invejosos quando reivindicam para si alguma coisa, principalmente quando todos se sentem dominados de admiração por eles; pois nada possuem de si mesmos. Quem se gabará de ser sábio por meio de suas próprias forças? Aquele que criou a sabedoria a qual assume? Já que, então, Deus é o único autor tanto da sabedoria quanto da erudição, dons com os quais ele adorna os homens, elas não obscure-

cem sua glória, e sim deveriam enaltecê-las.²³

A sabedoria e o entendimento, portanto, são dados por Deus para a glória do seu nome, como diz a oração que finaliza a quarta preleção:

Deus todo Poderoso, de quem procede todo dom perfeito – e embora alguns homens superem a outros em inteligência e clareza mental, ninguém possui nada de si mesmo, mas distribuis a cada um de acordo com tua graciosa liberalidade – permitas que usemos qualquer entendimento dado por ti para a verdadeira glória de teu nome. Permitas também que o que quer que nos seja dado possamos, com humildade e modéstia, entender que vem de ti e que cuidemos bem para nos mantermos em sobriedade, não desejando demais ou corrompendo o conhecimento verdadeiro e genuíno das coisas, mas permanecendo na simplicidade para a qual nos chamas. Permitas também que não mais nos

²³ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.117-118.

prendamos a coisas terrenas, mas que aprendamos a elevar nossas mentes à verdadeira sabedoria de conhecer-te como o verdadeiro Deus, e dá-nos a obediência à tua reitidão. Que estejamos contentes com apenas esta coisa, obedecer-te e nos consagrar inteiramente a ti, para que teu nome seja glorificado durante toda a nossa vida, através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

4- Poder e idolatria

As exposições dos capítulos que relatam as perseguições sofridas por Daniel seus companheiros (Daniel 3-6). Nesse momento, Calvino menciona freqüentemente o arbítrio dos governantes. Ele não desvincula a interpretação do texto bíblico da situação vivida pelas igrejas reformadas da França frente aos governantes naquele período.

Na preleção sobre a recusa dos amigos de Daniel em obedecer à ordem do rei de adorar a estátua que este mandar construir, ele afirma:

Em primeiro lugar, Daniel relata que o rei ficou furioso, enraivecido. Pois nada irrita mais

a um rei do que ver suas ordens rejeitadas. Querem que todos sejam obedientes, até mesmo quando o que ordenam seja em extremo injusto. No entanto, tudo indica que, depois, o rei consegue dominar-se, quando pergunta a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego se estão ou não preparados para adorarem seu deus e a imagem de ouro. Ao falar-lhe em tom hesitante, oferecendo-lhes ainda um escolha aparentemente espontânea, é possível antever certa moderação nas palavras. Pois é como se os libertasse da acusação sob a condição de deixar-se persuadir no futuro. Não obstante, sua fúria ainda refervia sob a enganosa aparência de moderação, porquanto logo em seguida ele acrescenta: ‘Se não obedecerdes, sereis lançados numa fornalha de fogo ardente’. Finalmente, ele se prorrope em horrível sacrilégio e blasfêmia, dizendo que não existia deus capaz de livrar esses homens santos de sua mão.²⁴

²⁴ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.200-201.

Calvino reflete sobre o poder ao se referir ao rei Nabucodonozor, quando afirma:

Em primeiro lugar, sob a figura de uma árvore, o próprio Nabucodonozor é prefigurado. Não que ele corresponda ao rei em todos os aspectos, mas porque Deus estabeleceu impérios no mundo com o fim único de que fossem como árvores, cujos frutos todos os mortais pudessem comer e sob cuja sombra pudessem descansar. No entanto, esse desígnio divino triunfa para que os tiranos, não importa quão distantes estejam de um reinado moderado e justo, sejam forçados, queiram ou não, ser 'árvores'; pois é preferível viver som o mais selvagem dos tiranos do que sem nenhum governo. Podemos imaginar que somos todos iguais; mas, afinal, qual é o resultado de tanta anarquia? Nenhum dará lugar ao outro; cada um tentará qualquer coisa que possa. O resumo de tudo será a licenciosidade para pilhagem e saque, fraude e assassinato. Em suma, as rédeas dos de-

sejos de todos estarão soltas. É por essa razão que afirmo que uma tirania é melhor, e pode prevalecer mais facilmente, do que a anarquia, pois onde não há governo, também não há ninguém para reinar e manter o restante preso aos seus deveres. (...) Em segundo lugar, ele desejava mostrar que, embora os tiranos e outros governantes que se esquecem de seus deveres não exibam o que Deus pôs sobre eles, ainda assim a graça de Deus sempre brilha sobre todos os impérios.

Os tiranos lutam para apagar completamente toda e qualquer luz de retidão e justiça e para tudo confundir. Todavia, o Senhor os sustenta de uma forma secreta e incompreensível, para que se vêem forçados a fazer algo proveitoso em prol da humanidade, quer queiram quer não. Eis que o que devemos guardar dessa figura ou imagem da árvore.²⁵

Ao comentar o episódio em que Daniel foi lançado na cova dos le-

²⁵ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.249-250.

ões, Calvino afirma que muitas vezes os reis e seus conselheiros são brutos e ignorantes:

Notamos nas cortes dos reis que os lugares mais elevados são ocupados por bestas selvagens. Pois, sem querer repetir velhas histórias, os reis de hoje são todos estúpidos e brutos; são como cavalos e jumentos entre os animais selvagens; de modo que, quanto mais ousado for e mais descaradamente empurrar alguém, mais autoridade se granjeia nas cortes. Entretanto, quando Daniel afirma que *era mais excelente*, ele nos apresenta um duplo benefício provindo de Deus: que ele era dotado de um espírito superior; e que Dario, aqui, reconheceu esse espírito, e portanto, assim que percebeu nele um homem diligente e dotado de sabedoria incomum, então o magnificou.²⁶

Segundo Calvino, “Nabucodonozor queria estabelecer a religião entre todas as nações sob as quais então ele reinava, afim de que nenhum distúrbio ocorresse no meio de uma sociedade pluralista, sendo

de temer que tal desacordo viesse a estremecer o governo”. Nesse sentido, os príncipes, quando querem legislar acerca da adoração a Deus, costumam olhar para o que lhes agrada, e não para o que Deus ordena. Tal audácia e imprudência é que leva aqueles investidos de autoridade a fabricar deuses e ordenar a sua adoração:²⁷

É oportuno observarmos a divisão de três tipos de deuses: os ‘filosóficos’, os ‘políticos’ e os ‘poéticos’. Os deuses aos quais chamam de ‘filosóficos’ são aqueles em quem há alguma razão natural para adoração. Obviamente, é verdade que os filósofos se mostram completamente insensatos quanto disputam tanto sobre a essência quanto sobre a adoração devida a Deus. Ao seguirem suas próprias idéias, necessariamente não chegam a parte alguma. Porquanto Deus não pode ser apreendido pela mente humana (...) Contudo, também havia uma religião entre os gentios, fun-

²⁶ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.361-362.

²⁷ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, p.185.

dada na autoridade de gerações passadas. Chamavam a esses deuses de 'políticos', porque eram recebidos por uma 'política' de consenso comum (...)

No que diz respeito ao poeta, os filósofos foram forçados a ceder ao capricho das massas, mas, ao mesmo tempo, ensinar que era nocivo o que os poetas aparentavam e inventavam sobre a natureza dos deuses. Portanto, havia no mundo quase que uma só regra de adoração a Deus; essa era, por assim dizer, o alicerce da piedade. (...) "a autoridade augusta dos anciãos é tudo o de que você precisa" (...) o ápice da sagacidade entre os gentios é que o consenso reinava em lugar da razão.²⁸

Nabucodonozor ergueu um novo Deus, pretendendo introduzir uma nova forma de religião, sob o pretexto de que sua memória seria celebrada pelas gerações futuras, como o fazem também os governantes atuais, que não perguntam o que é consistente com a Palavra de Deus e o que é piedade genuína. Eles consideram apenas os erros legados pelas gerações do pas-

sado, os aprovam e pensam que estão certos. Mas nada disso é firme, pois tais pessoas não foram instruídas na escola de Deus, a verdadeira religião. Como as folhas se movem quando o vento sopra por entre as árvores, todos os que não estão enraizados na verdade de Deus oscilarão e serão lançados para frente e para trás quando algum vento soprar. O decreto régio é como uma violenta tempestade e os que não se acham solidamente plantados na Palavra de Deus, e não entendem nada do que é absolutamente verdadeiro, são arrastados pela investida de tal tempestade.²⁹

Portanto, quando as Escrituras pretendem distinguir o verdadeiro Deus de todos os deuses inventados, declara que Deus governa todas as coisas por sua mão, que as mantém debaixo do seu domínio e que nada fica escondido dele. São coisas que não podem ser separadas quando a majestade de Deus está sendo considerada:

Vemos os homens fabricarem-se coisas para si, e então chegam a possuir uma

²⁸ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.185-187.

²⁹ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, p.190.

incontável miscelânea de deuses, atribuindo a cada um seu próprio ofício. Isso porque não conseguem contentar-se com uma simples unidade no tocante a Deus. Outros inventam uma espécie de semideuses. (...) Confessam que nada podem ocultar-se de Deus, mas que ele prevê todas as coisas; e a isso atribuem todas as previsões que são feitas nas Escrituras. O que dizem é verdade. Não obstante, com isso ofuscam a glória de Deus – não, ele o esmiúçam completamente; pois fazem dele um mero Apolo, cuja função nos tempos antigos era a de prever o futuro (...)

Há muitos hoje crendo que Deus é assim, que ele prevê todas as coisas; mas, ou ele guarda seus segredos, ou deliberadamente se retrai do governo do mundo. (...) a “presciência de Deus”, por esse prisma, é insípida e constitui uma especulação infundada. Como disse, *roubam a Deus uma parte de sua glória e, o quanto são capazes, o partem em pedaços* (itálico meu). Entretanto, quando as Escri-

turas desejam assegurar o que é próprio de Deus, juntam estas duas coisas inseparavelmente: que Deus prevê todas as coisas no sentido em que nada há que se possa ocultar de seus olhos; e, então, que ele mesmo determina o que há de vir, governa o mundo de acordo com sua vontade; nada acontece por acaso, senão unicamente em consonância com seu governo. Portanto, Daniel agora toma esse princípio, ou estes dois princípios, a saber, que somente o Deus de Israel merece o nome de Deus, pois somente a ele pertencem a sabedoria e o poder. Lembremo-nos, portanto, de que Deus é defraudado se seu justo louvor quando esses dois princípios não são mantidos intactos – que ele tem diante dos olhos todas as coisas, e que ele governa o mundo para que nada aconteça alheio à sua vontade.³⁰

³⁰ CALVINO, João. *Daniel*, vol. 1, pp.112-113.

Considerações finais

Calvino utilizou todos os meios históricos e filológicos à disposição para alcançar uma exegese bíblica contextual, cujo objetivo último era provocar a fé, a qual surge quando o Espírito Santo prepara o caminho para tal. Importa, pois, para Calvino, o testemunho interno do Espírito Santo. Opondo-se à interpretação medieval alegórica, afirmava que o sentido histórico do texto é o *sensus verus* (“sentido verdadeiro”), sendo o fio condutor da interpretação da Escritura 2 Timóteo 3.16-17: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.”

Para Calvino, o comentário de um texto bíblico deve ser breve, transparente. A interpretação do texto bíblico deve esclarecer o contexto histórico do texto, dar a devida atenção às circunstâncias históricas em que se originou e investigar de forma meticulosa a gramática do texto. Importa o sentido literal do texto, porém a ênfase no contexto original não deve excluir a

possibilidade de aplicá-lo ao momento atual da igreja.

Nesse sentido, Calvino estabelece uma relação constante entre a situação de sofrimento vivida pelo povo de Deus na época de Daniel e a situação similar das igrejas na França, no momento em que a Reforma lançava ali suas raízes e nos primeiros anos do seu desenvolvimento. Tanto nas exposições da primeira parte, Daniel 1-6, quando apresenta a situação de perseguição do vivida pelo povo de Deus e a relaciona com a vida atual da igreja, quanto na segunda parte, Daniel 7-12, onde, segundo ele, Deus prediz, através de Daniel, os sofrimentos que aguardavam o povo eleito. As experiências amargas vividas pelo povo de Deus no passado e pela Igreja dos seus dias são similares.

A menção freqüente do arbítrio dos governantes não pode ser desvinculada da situação vivida pelas igrejas reformadas da França frente aos governantes da época de Calvino. Os santos enfrentariam sofrimentos, mas, segundo Calvino, os que dominam sem admitir o Deus único o usurpam de sua honra peculiar, sendo antes ladrões que reis. Apesar disso, ele não deixa de mencionar, em nenhum momento, a confiança em Deus, que jamais per-

mitirá que os fiéis fossem atingidos pelos tiranos desse mundo, além de afirmar que Deus dá sabedoria e entendimento aos fiéis, para a glória do seu nome.

Esta confiança está presente nas orações que encerram a trigésima terceira e a trigésima nona preleções:

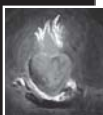
Deus onipotente, visto que outrora admoestaste teus servos de que teus filhos, enquanto forem peregrinos neste mundo, devem estar bem a par de bestas horríveis e cruéis, caso a mesma coisa vier a suceder-nos, que estejamos preparados para todo e qualquer combate. Que suportemos e vençamos todas as tentações, e que jamais duvidemos de teu intuito de defender-nos por tua proteção e poder; consoante tua promessa. Que prossigamos pelos meandros de inumeráveis perigos, até que se conclua a tra-

jetória de nossa luta e por fim alcancemos aquele feliz descanso que nos está preparado no céu por Cristo nosso Senhor. Amém.

Deus Onipotente, visto que outrora permitiste que teus servos mantivessem sua coragem em meio a tantas e tão variadas comoções, faz com que extraiamos a mesma edificação dessas profecias; e visto que temos chegado à plenitude dos tempos, faz com que tiremos proveito dos exemplos da Igreja antiga e das piedosas e santas admoestações que puseste diante de nós. E assim possamos permanecer firmes e invencíveis contra todos os ataques de Satanás, do mundo e dos ímpios, e assim nossa fé permaneça inexpugnável, até que, por fim, desfrutemos o fruto de sua vitória em teu reino celestial, por Cristo nosso Senhor. Amém.

“ Nabucodonozor ergueu um novo Deus, pretendendo introduzir uma nova forma de religião, sob o pretexto de que sua memória seria celebrada pelas gerações futuras, como o fazem também os governantes atuais, que não perguntam o que é consistente com a Palavra de Deus e o que é piedade genuína. Eles consideram apenas os erros legados pelas gerações do passado, os aprovam e pensam que estão certos. Mas nada disso é firme, pois tais pessoas não foram instruídas na escola de Deus, a verdadeira religião. Como as folhas se movem quando o vento sopra por entre as árvores, todos os que não estão enraizados na verdade de Deus oscilarão e serão lançados para frente e para trás quando algum vento soprar. O decreto régio é como uma violenta tempestade e os que não se acham solidamente plantados na Palavra de Deus, e não entendem nada do que é absolutamente verdadeiro, são arrastados pela investida de tal tempestade.

Comentário de Calvino a 1 Coríntios



Introdução

Calvino, passados 500 anos de seu nascimento, ainda tem algo a dizer. É necessária uma reavaliação de seu legado, na circunstância especial e festiva da data, o que não deixa de ser um exercício prazeroso. Calvino é o mesmo, cristalizado na memória – muitas vezes tirana e ingrata; poucas vezes familiar e amiga – da história. O mundo, contudo, é outro, daí a possibilidade de dirigirmos, para sua obra, novo e inquieto olhar, de quem não quer perder referências. Esse olhar pode descobrir coisas novas – e atuais!

Calvino foi homem de seu tempo, apaixonado pela bíblia e pela igreja. De uma foi leitor ar-

Paulo Sérgio de Proença*

guto; de outra foi defensor inabalável. A bíblia, para ele, estava a serviço da igreja.

Já sabemos a importância decisiva que a bíblia teve para a Reforma. Nos embates religiosos da época destacou-se como comentarista fiel das Escrituras, cuja porta de entrada era o *corpus* paulino. Assim, comentou primeiramente *Romanos*, que ocupa primazia entre os teólogos; depois, *1 Coríntios*, escrito de importância ética para o cristão, apresentado neste trabalho, da seguinte forma: primeiramente, serão comentados a influência do Humanismo e os recursos exegético-hermenêuticos usados por Calvino; depois, as estratégias para a elaboração do comentário e alguns temas da epístola. Leitoras e leitores ficam desafiados a lerem, na íntegra, o comentário.

* O rev. Paulo Sérgio é pastor, deão e professor no Seminário Teológico de São Paulo (IPIB).

I. Influência do Humanismo

Renascimento e Reforma são distintos movimentos, embora haja aproximações entre eles. Se o humanista enfatiza a grandeza do homem, o reformador foca a honra e a grandeza de Deus, conforme acentua Boisset: "... enquanto o humanista há de fazer prodígios de erudição para compreender, o reformador procurará abrir-se à inspiração divina, persuadido de que somente ele será capaz de tornar compreensível o sentido de sua Palavra para aqueles que o procuram" (1971, p. 17).

Calvino aceitou o princípio humanista segundo o qual um texto antigo depende, para ser interpretado, do conhecimento do original. Ele levava os originais para o púlpito. Seus interesses críticos foram além das questões de autoria, contexto histórico, filologia e retórica. Nenhuma dessas questões se sobrepunha ao seu objetivo maior: a edificação da igreja.

Calvino foi um humanista, sim. Mas não a ponto de aceitar qualquer esperança na regeneração moral ou espiritual do ser humano. Adotou princípios teóricos e ferramentas de análise do Renascimento que não

afetaram sua teologia. A interpretação das Escrituras não dependia apenas da capacidade humana, mas principalmente da eficácia do Espírito, que é a garantia da compreensão de seu conteúdo.

Princípios exegéticos e hermenêuticos

Como exegeta e intérprete das Escrituras, Calvino usou o texto grego, conhecimentos de crítica textual e valorizou o contexto histórico.

Não deu importância à distinção entre letra e espírito, porque rejeitou a *alegoria*, diferenciando-a do sentido literal (natural). Foi Orígenes quem valorizou a alegoria para dar conta de pontos difíceis do texto bíblico. Por exemplo, na narrativa da criação, o que importa para Orígenes é o sentido espiritual, revelado por Deus, para benefício da igreja, e não a historicidade do texto. Uma dificuldade sugeria a leitura alegórica.

Agostinho tomou rumo um pouco diferente. Para ele, a bíblia foi dada para a edificação da igreja; contudo, não estava preocupado com as dificuldades do texto, mas com suas possibilidades para edificar, a partir da fé, da esperança e do amor. Quan-

do algum texto falhava em edificar, devia-se olhar sob ou além da “letra que mata”, para o sentido espiritual que “dá vida”. A igreja medieval estruturou a proposta de Agostinho e a chamou “quadriga”. Além do sentido literal, havia outros três, correspondentes às virtudes teológicas (fé, esperança e amor): 1) alegórico (fé), aquilo em que se deve crer; 2) tropológico (amor), o que a igreja deve fazer; 3) anagógico (esperança), o que a igreja deve antecipar. Por exemplo: Jerusalém não era somente uma cidade do antigo Israel, mas alegoricamente a igreja; tropologicamente, a alma crente; anagógicamente, a cidade celestial. Posteriormente, foi feita distinção entre sentido literal, dividido entre literal-histórico (referente a eventos do passado) e literal-profético (eventos do porvir). Ambos são literais. Isaías 53, por exemplo: Israel como servo sofredor corresponde ao sentido literal-histórico; Jesus Cristo, como redentor, ao literal-profético, ambos ocorridos na história e entendidos como tipo e antítipo (Steinmetz, 2006, p. 284). Calvino aceitou a leitura tipológica (sentido literal-duplo, acima); não teve disposição para aceitar a leitura alegórica, que promove ampliações cujas relações não têm suporte no texto.¹

Dificuldades textuais podem ser explicadas pela noção de *acomodação*, que se refere ao ajustamento divino às limitações humanas, das quais algumas são permanentes e outras variáveis, sujeitas a circunstâncias históricas. A bíblia ilustra a acomodação a culturas cambiantes, porque Deus não tratou Israel de forma única em circunstâncias diversas e tratou a igreja de forma diversificada. A Revelação acontece em tempo e espaço diferentes e sob condições de finitude.

A acomodação é significante elemento na interpretação de Calvino: é o “processo pelo qual Deus ajusta às capacidades humanas o que ele quer revelar dos infinitos mistérios do seu ser, o que, por sua própria natureza, está além dos poderes da mente humana compreender” (Holder, 2006, pp. 248-9). Revela algo da própria bíblia, que não oferece completo entendimento da natureza de Deus, mas uma concepção parcial apenas, própria à habilidade da compreensão humana.

¹ Em seu comentário de 1 Coríntios 9.8-9, Calvino dá uma mostra de sua apreciação do método alegórico: “... não devemos cometer o equívoco de imaginar que Paulo pretenda explicar este mandamento alegoricamente; pois algumas criaturas cabeça-oca fazem disto uma justificativa para transformar tudo em alegoria, de modo que convertem cães em homens, árvores em anjos, e convertem toda a Escritura num divertido jogo” (p. 270).

Deus fala aos homens como uma mãe fala ao bebê. Exemplo de acomodação foi a encarnação, pela qual Deus trouxe salvação aos seres humanos; testemunha a condescendência divina em se revelar em conceitos humanos. Segundo Rogers, “a noção de acomodação capacitou os teólogos a fazerem a exegese das Escrituras de uma forma que o mérito de Deus foi preservado e as limitações humanas puderam ser aceitas”. (1998, p. 36). Desdobramento da acomodação é a assunção de que a linguagem da bíblia é crua e não refinada, pois sua autoridade não era baseada no estilo nem na perfeição material, mas no conteúdo salvífico.

Enfim, sintetizam-se os princípios hermenêuticos: epistemologia hierárquica (a mente humana tem um limite, além do qual não pode ir); autoridade da Escritura (ação do Espírito e não perfeição textual); acomodação; unidade do testemunho da Escritura (AT e NT contêm a mesma doutrina); a mente do autor;² o círculo hermenêutico (contexto do livro, de outros livros do autor, da bíblia; a leitura da igreja – da tradição e da comunidade atual); a edificação da igreja. Calvino assume a importância da igreja na tarefa de interpretação: “Toda inter-

pretação da Escritura deve ser feita para a igreja, toda interpretação é subordinada ao julgamento da igreja. Calvino simplesmente assume que o lugar da Escritura é dentro da igreja, sua esfera própria é dentro da igreja e os membros da igreja corretamente lêem, consideram, obedecem e vivem a Escritura” (Holder, pp.252-3).

Calvino intérprete-comentarista da Bíblia

A bíblia sustentou, por assim dizer, a Reforma. Os reformadores foram leitores atentos das Escrituras. Alguns não somente a leram, mas a traduziram e comentaram. Comentando *Romanos*, Calvino percebeu que Paulo reinterpreto os escritos do AT, à luz da morte e ressurreição de Jesus. Por isso, ele acreditava que o coração da Escritura está nas epístolas paulinas.³ Teólo-

² A linguagem era representação do pensamento, idéia que tem origem por volta do século XIII, com os chamados gramáticos especulativos: “... (do latim *speculum*, que significa espelho)... a linguagem reflete os traços fundamentais do nosso pensamento e do mundo”. Para a gramática especulativa, a língua é espelho da organização do raciocínio (Silva, s/d. Disponível na internet: www.unicamp.br).

³ Termina as epístolas (exceto 2 e 3 Jo) e se volta para os Evangelhos e Atos; não comentou o Apocalipse.

go paulino, para ele, o trabalho do intérprete é captar a mente do autor; no caso, a mente de Paulo, ou o senso de sua teologia.

As *Institutas* nasceram para ser um guia a todos os que quisessem estudar a bíblia.⁴ A igreja era uma verdadeira escola, a *schola Dei* (escola de Deus), cujo perfeito currículo era a Escritura. Contudo, avançar nesse estudo sem um guia seria partir para uma viagem sem um mapa. Ele não esconde sua intenção de que os comentários sejam utilizados conjuntamente com as *Institutas*, que funcionam como um guia hermenêutico e propedêutico.⁵

Influência de atividades pastorais

O comentário a 1 Coríntios ocorreu num tempo em que Calvino teve desafios como pastor. Os conselhos pastorais nos dois primeiros comentários indicam que Paulo foi modelo de pastor, sobretudo porque as circunstâncias da vida de Paulo interferem de forma significativa em seus escritos.

Isso ocorre, de igual forma, com Calvino. Circunstâncias de sua vida interferiram em seu trabalho de co-

mentarista da bíblia. Entre 1540 e 1546, trabalhou no comentário de 1 Coríntios. O período coincide com o seu retorno a Genebra, em que estava preocupado com suas próprias atividades pastorais e com a qualidade dos pastores:

Nossos colegas são mais obstáculos do que ajuda para nós: eles são rudes e personalistas, não têm zelo nem preparo. Mas, o que é pior de tudo, eu não posso confiar neles, mesmo que eu quisesse muito isso; por muitas evidências eles demonstram que são estranhos a nós e dão muito difícilmente alguma evidência de uma disposição sincera e confiável (p. 237).

Essa preocupação explica a insistência em seguir o modelo pastoral de Paulo e se reflete na quantidade de exortações pastorais contidas no comentário, que interagem com as *Institutas*, como já foi notado.

⁴ No prefácio das *Institutas* de 1559 ele afirma: "Ainda mais, tem sido meu propósito preparar e instruir candidatos à santa teologia para a leitura da divina Palavra".

⁵ Calvino adotou a tendência dos teólogos medievais de ensinarem os livros bíblicos, capítulo por capítulo, versículo por versículo.

II. Estratégias e temas desenvolvidos

Serão apresentadas, primeiramente, algumas estratégias presentes no comentário abordado e, em seguida, uma seleção de alguns temas da epístola.

1. Estratégias identificadas

O reformador seguiu o ensino de Cícero, o de combinar esmero com brevidade (*brevitas*): ir direto ao ponto, embora “brevidade” não fosse uma medida fixa para ele; ela varia de acordo com a dificuldade do assunto. Também primava pela clareza (*claritas*). Para assegurá-la, ele se serviu de alguns outros recursos, para que seus leitores pudessem compreender não somente pontos obscuros da bíblia, mas também seus argumentos e pontos de vista. Os exemplos não têm a intenção de compromisso com a exaustão.

Reelaboração por perífrases

É comum haver perífrases de passagens bíblicas difíceis ou ambíguas. Essas perífrases são sempre introduzidas por “fórmulas” de reelaboração, cujas principais são:

“Ele poderia ter-se expresso assim...” (p. 474); “É como se dissesse...” (p. 484); “Este, portanto, será o sentido...” (p. 488).⁶ É comum o recurso ser usado em seqüências sintáticas truncadas, em partes que acusam divergências de leituras provenientes de traduções ou de apoio de manuscritos diferentes ou, ainda, quando há dificuldades de fundo doutrinário.

Apresentação de contra-argumentos por meio de perguntas

Apresentação de argumento contrário,⁷ com acréscimo da opinião julgada correta. Vejamos este exemplo, em que se apresentam apenas os termos que marcam a seqüência dos elementos assinalados e a evolução do comentário, que dá ênfase aos argumentos contrários, para melhor refutá-los: “Algumas pessoas... A objeção deles... Sua segunda objeção... Já afirmei que... Ainda resta outra questão...” (p. 294-5). Este outro exemplo também reforça a importância do recurso: “To-

⁶ Para fazermos referência ao comentário de Calvino a 1 Coríntios, mencionaremos apenas o número da página.

⁷ É provável que isso seja influência do estilo do próprio Paulo. Sabe-se que Paulo usava a diátribe para apresentação de seus argumentos, o que tem grande valor persuasivo.

davia, alguém poderá chegar à seguinte inferência... Minha resposta é que..." (p. 486).

As perguntas são poderosas armas de envolver o leitor no raciocínio apresentado, além de exigir reação e elaboração mental deles. Às perguntas elaboradas, todas em torno do texto comentado, são apresentadas respostas esclarecedoras. Um exemplo: "Como esta cláusula se harmoniza com o que Paulo ensina em Efésios 2.3...? A isso respondendo que..." (p. 216).

Uso de dados históricos

Não é desprezível a importância dada à história como terreno para interpretação dos textos antigos. A aplicação desse princípio levou à contextualização histórica dos eventos, pois, dependendo do contexto, uma passagem poderia ter diferentes sentidos.⁸

São muitas as referências a dados históricos para reforço dos argumentos e idéias. Em 1 Co 11.14 (p. 338) há um sumário histórico sobre o corte de cabelo, que esclarece o ponto em discussão. É comum haver comentários que demonstram aguda percepção da inserção no contexto histórico como

necessária para a interpretação mais correta. Além de fatos históricos, são citados historiadores também.

Polêmica com o "papismo" e princípios católicos

São freqüentes as referências à polêmica com o catolicismo, identificada pelo termo "papismo" e derivados. Citamos, a título de exemplo, o comentário de 13.8: "Os papistas torcem este versículo a fim de buscarem apoio para o dogma que, sem qualquer autoridade escriturística, inventaram, a saber: que as almas dos mortos estão orando a Deus em nosso favor" (p. 399). A polêmica deve ser entendida à luz do momento histórico. Em todo caso, para ser um bom polemista, é preciso ter inabalável convicção de idéias e forte desapego ao que os homens mais prezam. Não é preciso dizer que a polêmica tem alto valor apologético e se sustenta por momentos de tensão insuperáveis, às vezes.

⁸ Além do contexto histórico, há o contexto literário que, uma vez considerado, impedia o erro da atomização (separação de palavra ou versículo do contexto) no processo de interpretação.

Bíblia, tradição exegética e literatura não bíblica

É sabido que Calvino, como humanista, tinha sólida formação. Conhecia não somente bíblia e teologia, mas os principais autores do patrimônio cultural conhecido na época. Além dos autores ligados à teologia, ele cita historiadores, filósofos e escritores, entre outros. Por exemplo, ao comentar o cap. 5.1, cita uma tragédia de Sófocles, *Édipo Rei* (p. 153).

São mais numerosas, contudo, as menções aos Pais da Igreja, a outros reformadores e citações bíblicas. Crisóstomo, Cipriano, Ambrósio, Agostinho e Jerônimo são alguns importantes nomes da exegese que ele cita, dos quais os seus preferidos são Crisóstomo e Agostinho. Os versículos bíblicos constituem, sem dúvida, as citações muito mais numerosas, principalmente em consequência de seus princípios hermenêuticos.

Línguas originais e questões textuais

Revestem-se de grande interesse para o comentário, em virtude de sua natureza, as evidências de grande exegeta que Calvino foi. Sabia ele

reconhecer as ligações entre partes seqüenciais do texto, identificar as rupturas e seqüências naturais de boa coesão. O sólido conhecimento das línguas originais pode ser percebido nas inúmeras remissões a elas, cujos termos são analisados sob o ponto de vista semântico e a compreensão do encadeamento sintático não era de forma alguma desprezada, a julgar por algumas frases que, por necessidade de “clareza”, são comentadas. Questões relativas à tradução sempre ocuparam sua preocupação, principalmente em virtude de comparação entre a Vulgata, manuscritos e textos estabelecidos.⁹

Múltiplas são as observações de divergências entre esses testemunhos, que são avaliados com independência, segurança de filólogo e competência lingüística. Calvino tinha consciência dos percalços a que a transmissão do texto estava sujeita, pela interferência dos copistas. Para isso, vejamos estas duas passagens. Em 15.31, diz: “A Vulgata traz

⁹ Os teólogos medievais não liam grego nem hebraico; por isso, usavam a Vulgata, aumentada com glosas de tipo interlinear e marginal. As glosas, em sua maioria, eram breves citações dos primeiros Pais da Igreja ou resumo do ensino deles. Parece que Calvino não deu muito valor a essas glosas. Ele usou a Vulgata, é verdade, mas sob o rigor de um exegeta consciente e competente. Tinha ele consciência de que a tradução era interpretação.

‘por causa de’, mas isto é obviamente devido à ignorância dos copistas, pois não existe qualquer ambigüidade na partícula grega...” (p. 474). Em 1 Co 15.51 menciona que não há variantes nos manuscritos gregos, embora haja três diferentes redações no latim. Depois de apresentá-las, Calvino conclui: “Minha conjectura é que estas diferenças são oriundas do fato de que alguns revisores, sendo um tanto obtusos, e achando a redação genuína um tanto desenhavida, tomaram a iniciativa de substituí-la pela que entendiam ser a mais provável” (pp. 489-90).

2. Temas de 1 Coríntios

Pretende-se, agora, ouvir o grande reformador falar. Esta breve seleção de temas e apresentação de poucos excertos, ainda que pretenda ser significativa, não foge ao dano a que toda escolha provoca: perdas.

Apresentamos alguns temas de 1 Coríntios com pequenos trechos reproduzidos. É claro que a expansão, própria do comentário, fica prejudicada, aqui, pela brevidade deste trabalho. O critério para apresentação dos temas é a possibilidade de maior relevância atual.

Divisão e unidade na Igreja

Às divisões que podem ocorrer na igreja não se aplicam a diferenças de opinião, que, por si mesmas, não causam necessariamente divisões. Estas se insinuem por meio da ambição, “a fonte de todos os males... a mais danosa de todas as enfermidades... Resumindo: a unidade da igreja repousa principalmente nesta única coisa: que todos nós dependemos unicamente de Cristo” (p. 46). Calvino é um severo defensor da unidade da igreja, porque ninguém tem o direito de reivindicar autoridade nela e sobre ela, a não ser Cristo mesmo.

Retórica e “artes” em geral

Ao comentar 1 Co 1. 17 (p. 53), Calvino diz que Paulo não usou os recursos retóricos que dominava para evangelizar os coríntios, mas apresentou, de forma simples, o poder da cruz de Cristo. Ele formula então a pergunta seguinte: “Paulo, neste versículo, condena completamente a sabedoria de palavras como algo que se acha em oposição a Cristo?”. Ao que ele responde dizendo que as artes são

esplêndidos dons de Deus, dons estes que poderíamos chamar *instrumentos* para auxiliarem os homens no desempenho de suas atividades nobres. Portanto, não há nada de irreligioso nessas artes, pois são detentoras de ciência saudável, e estão subordinadas a princípios verdadeiros; e visto que são úteis e adequáveis às atividades gerais da sociedade humana, é indubitável que sua origem está no Espírito (pp. 53-54; grifos nossos).

A idéia é reforçada no comentário em 3.19, acrescida de uma exortação significativa. As artes humanas, por melhor que sejam, são servas e não senhoras, e devem se submeter à soberania de Deus (p. 120). Observe-se quão significativa é a concepção de todas elas como originadas no Espírito.¹⁰

¹⁰ Harrisville e Sundberg, ao sintetizarem o pensamento de Calvino, enfatizam este aspecto do pensamento do reformador: "Que um antigo jurista pudesse estabelecer os princípios da ordem civil e um filósofo descrever de forma precisa o mundo natural não são coisas que devam ser temidas pelos cristãos, nem as conquistas da medicina e da matemática. Devemos admirar esses avanços e dar graças a Deus e agradecer a Deus os conhecimentos que recebemos... O divino Espírito dispensa benefícios [dons] 'a quem ele quer, para o bem comum da humanidade'" (1995, p. 20). Note-se que não se diz "para o bem comum da Igreja".

Disciplina moral e tirania

O caso de incesto do capítulo quinto merece atenção. A gravidade da situação exige remédio amargo e imediato. Deve-se ser vigilante para afastar a "imundícia". Devia-se recorrer à exclusão. O poder de excomunhão foi dado à igreja; quando, por necessidade de preservação de sua pureza, o recurso deve ser usado (p. 155).¹¹ O colégio de anciãos (nosso atual Conselho) deve ser incumbido da responsabilidade. No entanto, a exclusão deveria ter o consentimento do povo e não ficar sob a responsabilidade de uma única pessoa, para evitar o perigo da tirania:

Portanto, notemos bem que, em se tratando de uma questão de excomunhão, esta ordem regular deve ser mantida, a saber: que esta disciplina particular deve ser exercida pelos anciãos consultores, reunidos, e com a anuência do povo. E notemos ainda que este é um remédio preventivo contra a tirania. Porque nada existe em mais frontal

¹¹ Ele encontra apoio ao princípio da exclusão também nas epístolas pastorais, principalmente em 1 Timóteo.

oposição à disciplina de Cristo [...] do que a tirania; e a porta se abre amplamente para ela quando todo o poder fica circunscrito a um único homem (p. 157).

O reformador de Genebra foi extremamente zeloso em defender a pureza moral da Igreja e integridade das Escrituras, para o que não media esforços nem tinha medo de se expor a riscos. Em seu testamento, em que se identifica como ministro da Palavra, já à beira da morte, isso é confirmado: “De igual modo, em todas as disputas que hei travado contra os inimigos da verdade jamais usei de dolo nem sofismática, ao contrário, procedi sempre com toda lisura...” (Beza, 2006, p. 88).

Matrimônio e lugar da mulher

Calvino desenvolve o tema do casamento ao comentar o capítulo sétimo. São citados princípios contrários, que inclusive ridicularizavam o matrimônio; menciona-se também que, desde que a igreja tinha sido fundada, “uma falsa crença infiltrou-se nela através das artimanhas de Satanás... uma grande proporção, mantendo uma infantil

admiração pelo estado de solteiro, tratavam (sic) com desdém o sagrado estado matrimonial” (p. 194). O ato sexual com a esposa jamais pode ser considerado impuro (p. 199). A virgindade, pensaram alguns, era a maior das virtudes, daí que o celibato passou a ser valorizado. Com isso, proibiu-se o matrimônio aos ministros da igreja, o que Deus mesmo reprova, pela própria instituição do casamento. O celibato é um dom, uma questão de consciência e não deve ser nunca imposição externa, desrespeito à liberdade (crítica ao celibato católico). Uma síntese bem feita sobre o matrimônio é a seguinte:

(1) o celibato é preferível ao matrimônio, visto que ele nos mantém livres e, em consequência, nos propicia melhor oportunidade para o serviço de Deus. (2) Todavia, não se deve usar qualquer atitude compulsória com o fim de impedir os indivíduos de contraírem o matrimônio, caso queiram fazê-lo. (3) Além do mais, o matrimônio, intrinsecamente falando, é o antídoto que o Senhor providenciou para as nossas fraquezas; e todo aquele que não é abençoado com o dom da castida-

de, deve valer-se dele (p. 242).

O matrimônio é interpretado à luz do momento histórico que via o mundo ordenado por posições comandadas pela hierarquia, o que garantia a estabilidade. Sobre o cobrir ou não a cabeça, se é próprio ou não à mulher, Calvino diz que “o pai de família é considerado rei. Portanto, ele reflete a glória de Deus... Se o homem cobre sua cabeça, ele se rebaixa daquela preeminência na qual Deus o colocou” (p. 331). Cobrir a cabeça é sinal de sujeição, esse é o critério de avaliação, o costume então adotado. Em todo caso, deve-se notar que, para Paulo, a adequação às circunstâncias era o que importava. Mas, ambos, homem e mulher, não são imagem de Deus (v. 11.7)? Sobre isso, Calvino diz:

... ambos os sexos foram criados segundo a imagem de Deus, e Paulo insiste que as mulheres, tanto quanto os homens, são recriados segundo essa *imagem*. Porém, ao falar desta imagem, aqui, ele está a referir-se ao *estado conjugal*... Paulo não trata, aqui, da inocência ou santidade que a mulher, tanto quanto o ho-

mem pode ter e, sim, da preeminência que Deus confere ao homem, de modo a fazê-lo superior à mulher. A glória de Deus é percebida num estado mais excelente através do homem, assim como é refletida em cada autoridade superior (p. 334).

É presunção da mulher qualquer tentativa de elevação a uma posição que não lhe é de direito. Esta foi a porção atribuída por Deus; elas devem estar contentes com isso e, como a vida solitária não faz bem ao homem, a mulher é uma ajudadora indispensável (p. 337).

Ceia e sacramento

“Deus nos traz à comunhão com ele por meio dos sacramentos” (p. 314). Participar da ceia é participar do corpo de Cristo:

O pão é o corpo de Cristo porque ele presta indubitável testemunho do fato de que todo o corpo, que o simboliza, nos é comunicado... aqui a realidade é associada ao sinal; em outras palavras, realmente nos tornamos partícipes do corpo de Cristo, no tocante ao poder espiritual, da mes-

ma forma que comemos pão (p. 353).

A doutrina da transubstanciação, segundo a qual, após a consagração, o pão deixa de ser pão em sua essência, permanecendo apenas os acidentes externos e passa a ser o corpo de Cristo, não é aceita por Calvino¹². O pão é alimento e, para isso, deve ter a substância e não a aparência de pão. Além disso, se o corpo de Cristo está no céu, como pode ser oferecido na terra?¹³ Pensam alguns que o corpo de Cristo está em todo lugar, pois, como essência divina, é onipresente. Os escolásticos diziam que “Cristo deve ser encontrado no pão, como se estivesse encarcerado nele” (p. 355). Presta-se, neste caso, adoração e isso não passa de idolatria. Calvino assume que a presença de Cristo se faz, de fato, na ceia, por

¹² Para Calvino, a transubstanciação era uma espécie de mágica, influenciada pelo paganismo. A bênção do cálice proporciona comunhão, pela incorporação a Cristo. Somente assim - podem os crentes ser unidos uns aos outros.

¹³ Esta pergunta de Calvino, citando uma objeção conhecida, é um recurso de construção textual muito poderoso, sob o ponto de vista da argumentação, porque, além de dialogar com idéias contrárias, refina o ouvido do leitor para a explicação que ele quer dar e enfatizar.

meio do poder secreto do Espírito Santo.

Os sacramentos são “testamentos” e nos despertam a certeza da salvação. Na ceia, o vinho deve ser distribuído com o pão. A celebração adequada da Ceia contempla a declaração de fé do crente (p. 360) e “comer indignamente” é não se submeter ao poder de Deus:

Ora, se alguém não possui sequer um leve vestígio de fé vigorosa ou de arrependimento autêntico, e nada do Espírito de Cristo, como poderia receber o próprio Cristo? Mais que isto, visto que o tal se acha completamente sob o controle de Satanás e do pecado, como estaria apto a receber Cristo? (p. 362).

Algumas pessoas, mesmo sendo fracas na fé, recebem Cristo na ceia. Isso porque a eficácia dos sacramentos não depende da participação humana. O que significa fazer um “auto-exame”? Os “papistas” diziam que era a confissão auricular. Para Calvino era simplesmente o cultivo de fé e arrependimento:

Daí, para que o leitor se apresente bem preparado, o exa-

me precisa estar baseado nestes dois elementos. No arrependimento incluo o amor, pois é indubitável que a pessoa que aprendeu a negar-se a fim de dedicar-se a Cristo e ao seu serviço, também se entregará de corpo e alma à promoção da unidade que Cristo nos recomendou. Aliás, o que se exige não é fé perfeita ou arrependimento perfeito... Mas se o leitor é sério em sua intenção em aspirar a justiça de Deus, e se, humilhando-se ante a consciência de sua própria miséria, você recorre à graça de Cristo, e descansa nela, esteja certo de que é um convidado digno de aproximar-se desta Mesa. Ao afirmar que você é digno, estou dizendo que o Senhor não o deixa fora, ainda que em outros aspectos você não esteja como deveria. Porque a fé, ainda que imperfeita, transforma o indigno em digno (p. 364).

Os dons do Espírito

Particularmente interessante é o comentário sobre os capítulos que tratam dos dons do Espírito. É atenta

e sóbria. Vejamos sua concepção de profeta. “Profeta” é o mensageiro de Deus; é ele quem explica os mistérios de Deus para a instrução dos que ouvem:

... Paulo conceitua estes profetas, não como dotados com o dom de *profetizar* [=vaticinar, predizer], senão que eram abençoados com o dom único de ocupar-se da Escritura, não só de interpretá-la, mas também na demonstração de sabedoria em usá-la para satisfazer as necessidades do momento (p. 390).

A diferença em relação aos mestres é que estes deveriam preservar e propagar a sã doutrina. Em todo caso, sempre a finalidade dos dons, cuja origem comum é o Espírito, deve ser a edificação da igreja.

O dom de línguas foi entendido por Calvino de forma muito interessante; não como “glossolalia” (forma de expressão que não se confunde com nenhuma linguagem humana), mas como diversidade de línguas humanas: “Paulo está a referir-se a todas as línguas humanas, sem distinção, as quais eram de grande valia na proclamação do evange-

lho entre as nações” (p. 411).¹⁴ Ao cabo, Calvino achava que não se devia dar muita atenção às línguas, uma vez que à profecia cabia prioridade. E, ainda, o dom de línguas exigia interpretação, o que o fazia equivaler à profecia e, por outro lado, não participa da comunhão da igreja quem não se expressa de forma compreensível.

Deus não é [autor] de confusão: a liturgia em foco

14.33 é importante. Para Calvino, o serviço verdadeiro que se pode prestar a Deus é o cultivo da paz, pois “onde os homens amam a disputa, estejamos plenamente certos de que Deus não está reinando ali” (p. 436). A sensação que a paz provoca não exclui luta bendita contra os inimigos de Deus e da igreja. Parece que não havia paz nas celebrações litúrgicas em Corinto, possivelmente porque havia tagarelice feminina. Para administrar eventual excessiva

¹⁴ A igreja pode sobreviver sem o dom de línguas; mas elas podem ser cooperadoras da profecia; surpreendentemente, ele cita como exemplo deste caso o hebraico e o grego (p. 430). A diversidade de línguas não impediu que os apóstolos promovessem avanço na evangelização primitiva, pois são sinal para os incrédulos. Afinal, isso é próprio à “acomodação” divina.

liberdade concedida a mulheres, Paulo as proíbe de falar em público; devem elas se restringir ao que é “conveniente”, pois, se à mulher cabe a submissão, ela não tem autoridade para falar em público. (p. 438).

Ressurreição

Pela sua morte, Cristo se fez participante da natureza humana mortal. A sua ressurreição nos faz participantes, juntamente com Ele, da natureza divina, pois pela expiação de nossos pecados somos reconciliados com Deus, nesta e na outra vida. A ressurreição é o fundamento do evangelho; sem ela, resta-nos o logro do nada, a ruína total, a maldição do pecado. Nós, contudo, “temos plenos direitos, pois, de motejar da morte como um poder vencido, porque a vitória de Cristo é a nossa própria vitória” (p. 496).

Qual será a natureza do corpo ressuscitado? Paulo não se ocupa desta questão, uma vez que, para ele, Deus fará tudo de acordo com sua vontade e poder – e isso é suficiente saber e creer. Como e quando isso se dará é um mistério (p. 489). A nós nos cabe sermos abundantes (15.58), pois move-nos a esperança de que uma vida melhor nos está preparada, “pois a esperança na ressurreição produz o efeito de fazer-

nos incansáveis na prática do bem” (p. 497).

Adoção de práticas externas

Uma última observação, referente ao mau costume de se admitirem práticas externas e nocivas à igreja. Calvino, comentando o v. 11.1, admite conseqüências negativas que essa imitação poderia acarretar à igreja. Sua crítica ainda hoje – principalmente hoje! – permanece válida, quando a Igreja corre o risco de descaracterização completa na liturgia, na doutrina, no ensino, na ética. Não precisamos copiar nada nem devemos ter vergonha de sermos reformados:

E as pessoas mundanas também possuem uma tendência mui natural de seguir toda sorte distorcida de exemplos... e, assemelhando-se aos símios, esforçam-se por fazer precisamente o que vêem fazer aqueles que exercem grande influência... Além do mais, estamos a par do volume de mazelas trazidas para dentro da Igreja por esta irracional avidez de imitar-se tudo...” (p. 326).

Conclusão

Calvino foi um homem de seu tempo, com os aspectos positivos e negativos nisso implicados. Mas sua obra ainda fala, com relevância ao “nosso” tempo.

A família reformada ainda conserva, de forma geral, formação consistente para seus pastores, com ênfase nas disciplinas bíblicas e históricas, principalmente o estudo das línguas originais da bíblia e metodologia exegética apropriada. Isso tudo é conseqüência da centralidade da bíblia para a Reforma em geral e para Calvino em particular.

Além disso, deve-se ressaltar seu zelo pela pureza moral da Igreja, de que deriva uma disciplina compatível. Deve-se evitar a tirania, fonte de divisão e ausência de Deus. A igreja é a *schola Dei*, para a qual o único currículo válido é a Palavra de Deus.

Em nossa volta ao reformador de Genebra, não podemos exigir, de forma anacrônica, respostas a perguntas então não formuladas, como emancipação feminina e sua respectiva influência na ética matrimonial, participação de crianças na ceia etc. Contudo, o conjunto de sua obra nos ajuda a elaborar, de forma adequada, respostas compatíveis

com nossa herança de fé.

Como comentarista das Escrituras, deixa-nos um legado que não se pode perder:

Os comentários de Calvino foram lidos em sua própria época porque foram considerados uma genuína compreensão do significado da Escritura. Desde então, novas gerações de leitores têm ad-

mirado seu trabalho pela mesma razão. Em um século que produziu mais do que uma justa divisão de interessantes e originais comentaristas da Escritura, católicos e protestantes, Calvino permanece como um dos melhores. Na época, achou-se que valia a pena lê-lo. Ainda hoje vale (Steinmetz, 2006, p. 291).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZA, Theodoro de. *A vida e a morte de João Calvino*. Campinas: LPC, 2006.
- BOISSET, Jean. *História do Protestantismo*. S. Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- CALVINO, João. *1 Coríntios*. S. Bernardo do Campo: Paracletos, 1996.
- _____. *As Institutas*. S. Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- HARRISVILLE, Roy A. e SUNDBERG, Walter. *The Bible in Modern Culture*. Grand Rapids: B. Erdmans, 1995.
- HOLDER, R. W. "Calvin as commentator on the Pauline epistles". In: MCKIM, Donald. K. (Ed.). *Calvin and the Bible*. N. York: Cambridge University Press, 2006.
- LEITH, John H. *A tradição reformada*. S. Paulo: Pendão Real, 1996.
- ROGERS, Jack B. "Autoridade e Interpretação da Bíblia na Tradição Reformada". In: MCKIM, Donald K. (Ed.). *Grandes Temas da Tradição Reformada*. S. Paulo: Pendão Real, 1998.
- SILVA, S. R. *A precursora e a sucessora da gramática de Port-Royal*. (s/d). Disponível na internet: www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/p00006.htm. (Acesso em 19.7.2008).
- STEINMETZ, David. C. "John Calvin as an interpreter of the Bible". In: MCKIM, Donald. K. (Ed.). *Calvin and the Bible*. N. York: Cambridge University Press, 2006.



Os comentários de Calvino foram lidos em sua própria época porque foram considerados uma genuína compreensão do significado da Escritura. Desde então, novas gerações de leitores têm admirado seu trabalho pela mesma razão. Em um século que produziu mais do que uma justa divisão de interessantes e originais comentadores da Escritura, católicos e protestantes, Calvino permanece como um dos melhores. Na época, achou-se que valia a pena lê-lo. Ainda hoje vale (Steinmetz, 2006, p. 291

João Calvino, leitor de Salmos



Em seus quase 55 anos de vida, o reformador francês João Calvino escreveu comentários a muitos livros da Bíblia e sobre outros muitos textos das Escrituras trabalhou de maneiras diferentes. Ele é considerado um dos grandes comentaristas da Bíblia de todos os tempos. Não obstante, há quem veja tanta importância na *Instituição da Religião Cristã* que o seu trabalho de interpretação e exposição da Bíblia passa a ser considerado uma obra de menor relevância. Porém não era assim que entendia o próprio Calvino. Para ele, a tarefa de interpretação e aplicação das Escrituras era, no mínimo, de tanta importância

Marcos Paulo Monteiro da Cruz Bailão*

quanto a *Instituição*.

A exegese para Calvino tinha um único objetivo: a edificação do povo de Deus. Ele se opunha a todo o tipo de tratado, muito comum em sua época, que servisse apenas para a demonstração da erudição do autor, mas que em nada ou pouco acrescentasse à vida do povo de Deus.

Neste artigo pretendemos examinar o labor exegético do reformador de Genebra especialmente no que tange ao Antigo Testamento, particularmente o livro de Salmos. Faremos uma vista geral sobre as questões envolvidas sempre procurando aplicar ao citado livro véterotestamentário e no fim, observaremos mais de perto a leitura que Calvino faz do Salmo 1. Iniciaremos observando os modos pelos quais Calvino expôs os estudos que fez da Bíblia.

* O rev. Marcos é professor no Seminário Teológico de São Paulo.

As formas de exposição

Tradicionalmente é muito enfatizado o trabalho do reformador de Genebra em comentar os livros da Bíblia. De fato, essa face de sua obra não pode ser esquecida. Porém, realçar apenas este lado não faz justiça a Calvino. Sua leitura da Bíblia, e particularmente do Antigo Testamento, abrange quatro formas de exposição:

■ 1. Sermões. Como pastor na cidade de Genebra, Calvino teve uma intensa atividade no campo da proclamação da palavra na forma de homilias. Em 1541 esta atividade compreendia dois cultos dominicais e outros três em dias da semana. Porém a partir de 1549, além dos cultos dominicais, eram realizados cultos diários em um horário antes da maioria das pessoas iniciarem os seus trabalhos. Calvino pregava nos dois cultos dominicais e na maioria dos dias da semana.

Seus sermões eram basicamente exposições das Sagradas Escrituras, quase sempre apresentando em seqüência a exposição de um livro bíblico. Como Calvino pregava sem nenhum tipo de notas, o registro de seus sermões era feito por um refugiado francês, Dennis Raguenier que,

dia após dia, cuidadosamente anotava cada palavra pregada para seu próprio proveito espiritual. Após a sua morte, outros compiladores deram seqüência a esse mesmo trabalho.

■ 2. Congregações. São muito conhecidas as reuniões realizadas todas as sextas-feiras lideradas por Calvino. A presença era obrigatória a todos os pastores da cidade e apelava-se aos pastores do campo para que também comparecessem, sempre que possível. Outros interessados poderiam participar. Nessas reuniões chamadas de Congregações e realizadas em francês, cada um poderia expor seu comentário sobre um determinado texto bíblico e, certamente, Calvino expunha o seu próprio.

■ 3. Preleções. Uma outra forma de exposição e que nem sempre é tão lembrada foram as preleções que Calvino apresentava regularmente aos estudantes e outros estudiosos interessados. Eram proferidas em um latim simples e exigia que os ouvintes tivessem algum conhecimento das línguas bíblicas, grego e hebraico, visto que nelas se comentava a respeito do sentido de algumas palavras nesses idiomas. Sua audiência devia ser formada por

adolescentes de cerca de quinze anos de idade. Tinham, portanto, um tom mais acadêmico.

É importante notar que o comentário ao livro de Salmos de Calvino (1557) surgiu após o reformador francês apresentar preleções sobre este livro e enquanto discutia o texto das unidades deste livro nas Congregações. A princípio ele não pensava em publicar outro comentário, mas devido a insistentes pedidos de seus amigos e diante da ameaça de ver publicada uma versão não autorizada, decidiu por tal empreendimento. Se as preleções não foram exatamente a fonte para o comentário de Salmos, certamente foram a sua inspiração.

■ 4. Comentários. Não só o comentário aos Salmos foi escrito em concomitância com as exposições feitas nas Congregações. Os comentários a Deuteronômio e Josué também o foram, o que mostra que a preocupação e o ambiente que deram origem a esses trabalhos foi o pastoral. Comentários a alguns dos salmos e ao de Deuteronômio se transformaram em sermões.

Na maioria das vezes os comentários foram escritos em latim, sendo que o reformador tinha a preocupação de traduzi-los para o fran-

cês a fim de que um maior número de pessoas pudesse ter acesso a eles.

Seus comentários observam uma ordem muito simples. Tomando uma parte do texto para discussão, ele primeiro explica detalhadamente o significado daquela porção e depois faz uma não menos rica aplicação daquele ensino na vida dos leitores. No caso dos Salmos, ele inicia com uma discussão sobre a autoria, o contexto histórico e outras questões referentes ao poema específico.

Pressupostos da exegese de Calvino

■ 1. Dois lados das Escrituras: o lado divino.

Para Calvino não há a menor sombra de dúvida de que a Bíblia é Palavra de Deus e o que foi nela escrito não aconteceu por vontade humana, mas por ação do Senhor através do Espírito Santo. Moisés e os profetas falaram impulsionados por Deus e eles não tinham condições de escrever o que escreveram se pela boca do Senhor não lhes fora falado. As Escrituras Sagradas têm autoridade porque foram dadas por Deus. Em última análise, o Espírito Santo é o autor das Escrituras.

A divina inspiração da Bíblia é tão

clara e forte para Calvino que ele chega a dizer que a Bíblia foi ditada por Deus. Porém, não se deve pensar que Calvino tomava a expressão “ditada por Deus” como o fizeram os fundamentalistas séculos mais tarde. A análise do método exegético e mesmo a leitura dos comentários e sermões em que o reformador de Genebra expõe os textos bíblicos, mostra que ele não negou a influência de fatores humanos na redação bíblica. Mesmo quando afirma que a Bíblia foi ditada por Deus e que nada de origem humana foi adicionado a ela, ele está se referindo ao seu ensino, pois em seu labor exegético considera questões históricas e literárias.

■ 2. Dois lados das Escrituras: o lado humano.

Em nenhum escrito Calvino explicou devidamente qual o seu conceito de inspiração da Bíblia. Seja qual for, ele nunca negou a participação humana nesta tarefa. A sua análise de questões que envolvem o estilo literário, o pensamento e a intenção de um ou outro autor, os contextos históricos e geográficos nos quais os autores bíblicos estavam envolvidos mostram claramente que as questões humanas perpas-

sam o texto bíblico e influenciaram a sua redação e até mesmo o seu ensino.

Princípios da exegese

Calvino tinha alguns princípios de trabalho que não são explicitados em nenhum texto específico, mas que são observados como pano-de-fundo de seus escritos.

■ 1. O princípio de clareza e brevidade.

Calvino entendia que o comentário a um texto bíblico deveria primar pela clareza e brevidade. Estas não eram, por certo, as qualidades mais importantes de um trabalho exegético, mas princípios decisivos. Como o objetivo da exegese era a edificação da igreja, considerava vãs as elaborações interpretativas que pouco acrescentavam à compreensão do ouvinte ou leitor e serviam apenas para demonstrar a erudição do exegeta. Mesmo a necessidade de refutar posições de outros comentaristas deve estar submetida a este princípio. A fim de que o comentário fosse claro para quem o ouvisse ou lesse, ele deveria ser o mais breve possível. A explicação

deveria estar clara e concisa para que fosse facilmente entendida.

Entretanto, é preciso salientar que a brevidade que ele defendia não pode ser confundida com demasiada simplificação ou superficialidade no trato do texto bíblico. Simplicidade de ensino não pode ser entendido como pouca profundidade na análise e no uso dos instrumentos de pesquisa.

■ 2. O princípio de buscar determinar a intenção do autor.

Calvino escreve na carta que envia a Grynaeus que a única maneira de se compreender o real sentido de um texto é conhecer qual a intenção do autor que escreveu determinada passagem bíblica. Para o reformador francês, essa tarefa era considerada tão essencial à interpretação bíblica que os exegetas não deveriam discordar no mínimo que fosse desse princípio.

Para se conhecer a intenção de determinado autor é necessário conhecer inclusive o vocabulário comum e o modo como esse autor costumava escrever. Esses elementos podem ajudar a reconhecer se um texto foi ou não escrito pelo referido autor. E Calvino expressa muitas observações nessa direção,

como quando indica que 2 Pedro não poderia ter sido escrita pelo mesmo autor de 1 Pedro, dadas as diferenças entre o vocabulário e estilo literário de ambas as epístolas.

Os escritores do Antigo Testamento, porém, viveram na escuridão, pois ainda não havia se levantado o Sol de justiça. Eles viveram na fé e esperança, mas limitados pelo fato de estarem ainda sob uma religião obscura e incompleta. Assim, o propósito e a intenção desses escritores eram restritos pelas suas próprias condições e limitações.

No caso do livro de Salmos uma posição particularmente interessante de Calvino deve ser apontada. Reconhecendo que Davi era o autor de muitos salmos, recusava a tese, muito aceita na sua época, de que o rei belemita era autor de todos eles. Ele percebia por trás de alguns salmos circunstâncias históricas de épocas como o exílio ou o pós-exílio. E, embora Calvino classifique os salmos como profecia (seguindo citações do Novo Testamento) e reconhecesse que a palavra profética poderia se referir ao futuro, ele entendia que o autor dos salmos não aplicaria referências históricas tão concretas profeticamente.

Na verdade, com relação aos salmos, Calvino se preocupou mais com as circunstâncias históricas em que cada salmo foi escrito do que com a autoria específica das unidades.

■ 3. O princípio de que a Bíblia explica a própria Bíblia.

Calvino considerava que um texto bíblico só poderia ser explicado em concordância com o restante da Bíblia e considerava esta como um instrumento privilegiado para a explicação de cada passagem em particular. Graças ao grande conhecimento que tinha das Sagradas Escrituras e à sua prodigiosa memória, ele conseguia estabelecer relações entre diferentes textos bíblicos. Nestas relações ele não firmava associação de idéias, mas procurava a explicação de expressões, conceitos e doutrinas.

Como homem de seu tempo, Calvino defendia o retorno às fontes. Portanto o estudo da Bíblia deveria ser feito – ao menos pelos que a estudassem em um grau mais aprofundado - nas línguas originais, grego e hebraico. Ele rejeitava a Vulgata como versão autorizada da Bíblia.

■ 4. O princípio de análise lingüístico-gramatical e literária.

O significado empregado pelo autor de uma passagem bíblica ao escrevê-la, é chamado de significado original, ou significado simples. Para se chegar a ele, é necessário um conhecimento sólido das línguas originais, grego e hebraico. Esse conhecimento é necessário porque o reformador de Genebra dedicava especial atenção ao significado de cada palavra e, nos muitos casos em que esse significado era incerto, ele não se furtava a apontar as diferentes opções empregadas por cada comentarista.

Calvino fazia tanta questão de salientar o sentido literal dos textos bíblicos que para isso chega a dizer que esses textos – ou seu sentido literal – foram ditados por Deus. Porém, é preciso esclarecer que esta ênfase era feita em oposição à interpretação de sentido alegórica, muito usada em seu tempo e da qual iremos tratar mais adiante. Não há, em Calvino, qualquer tentativa de tratar o texto bíblico desvinculado de sua humanidade.

No caso específico de Salmos, o significado de algumas palavras desempenhava um outro importante papel. Calvino observou que apare-

cia no início de alguns salmos como, por exemplo, os salmos 38, 70 e 100, uma palavra que estava relacionada com o conteúdo daquele salmo. Assim, salmos que apresentavam conteúdo semelhante tinham no seu cabeçalho a mesma palavra.

■ 5. O princípio de análise das metáforas e alegorias.

Mas não só na observação do significado das palavras se baseava a exegese de Calvino. Ele dedicava tempo e reflexão para a observação e determinação do verdadeiro significado das metáforas e de outras figuras de linguagem.

Um caso específico é a questão das alegorias. Antigos intérpretes cristãos da Bíblia tinham tentado superar as dificuldades de interpretação de certas passagens do Antigo Testamento pelo uso de um sentido alegórico. Esse método entendia que os textos possuem um significado escondido que é revelado a medida que se entende as pessoas, ações, objetos, etc. e que são como símbolos de outra realidade qualquer, uma realidade espiritual, preferencialmente. A interpretação alegórica permitia relacionar arbitrariamente o que fosse citado no texto com qualquer coisa a que se qui-

sesse referir. Calvino não aceitava esse sentido alegórico do Antigo Testamento. Para ele, o Antigo Testamento deveria permanecer em si mesmo e não ser dissolvido em espiritualidade atemporal e descontextualizada.

Calvino entende que entre os israelitas do Antigo Testamento e os cristãos há uma similaridade. E que, apesar da similaridade, entre os dois grupos, porém, há uma lacuna que precisa ser transposta por uma transferência de aplicação. Mas esta transposição tem seus fundamentos no texto e no contexto histórico e não em qualquer relação alegórica arbitrariamente estabelecida pelo intérprete.

■ 6. O princípio de investigar o contexto.

Para se conhecer a intenção do autor não é suficiente conhecer o sentido das palavras e das figuras de linguagem e o seu uso. É também necessário investigar as circunstâncias e as razões pelas quais esses termos foram aplicados. Para isso, o reformador de Genebra fez uso de todos os meios disponíveis em sua época para entender essas circunstâncias. Calvino dedicou-se ao estudo da história, da geografia e das instituições do antigo Israel para

compreender o contexto histórico dos textos bíblicos, especialmente os do Antigo Testamento.

Em seu comentário aos Salmos é notória a preocupação pela investigação das diferentes instituições culturais em que determinados salmos deveriam ter sido empregados. Calvino relacionou alguns deles a instituições como “assembleia solene”, “pública ação de graças” e outras ocasiões como essas.

■ 7. O princípio da visão cristológica.

Para Calvino, o propósito de se ler as Escrituras Sagradas é o de encontrar nelas a Cristo. Qualquer outra tentativa de leitura da Bíblia não alcançará o conhecimento da verdade, pois nele está toda a verdade.

Isso não significa que Cristo será o critério que explica todos os textos ou que todo o Antigo Testamento venha a ser simplesmente uma contínua previsão do Messias. Mas a sua interpretação conduz a uma perspectiva histórica pela qual a encarnação cumpriu todos os desígnios de Deus para a humanidade, estabelecidos desde a sua criação.

Assim sendo, e considerando que o objetivo da Lei (entendida como sistema religioso que com-

preende também o sacerdócio, o cerimonial, a profecia e até a monarquia) é Cristo, não era inadequado reconhecer nela o Senhor. Por isso Calvino aceita, ao contrário da alegoria, a interpretação tipológica que reconhece nos textos do Antigo Testamento tipos de Cristo, do Espírito Santo e da igreja anteriormente já estabelecidos por Deus. Calvino não nega a realidade histórica dos personagens e eventos narrados, mas afirma que o seu significado primário é serem figuras, tipos e imagens de Cristo.

Como é de se esperar, Calvino foi muito cuidadoso com a interpretação tipológica. Ele só admitia alguns tipos e figuras muito abrangentes, como o antigo Israel representar o povo da nova aliança, Moisés ser um tipo de Cristo, e alguns poucos outros. Qualquer tentativa de detalhar muito essas imagens era rechaçada até com ironia.

João Calvino, Salmos e o Salmo 1º

Antes de nos determos no comentário de um salmo especificamente, cabe uma palavra sobre o comentário como um todo, ou mais

propriamente sobre a introdução, a qual Calvino chama de *Dedicatória*. O comentário aos Salmos foi escrito entre 1553 e 1557 e Calvino considerou esta uma tarefa muito difícil. Mas a sua introdução contém uma bela surpresa. Mais do que discutir questões metodológicas, por exemplo, o reformador faz uma breve autobiografia e relaciona muitas passagens do livro à suas experiências pessoais. Chega a se colocar como um seguidor de Davi, a quem chama de profeta e considerava como o autor de muitos salmos, comparando as situações que enfrentou em sua própria vida com aquelas supostamente vividas pelo belemita.

Antes de iniciar o estudo do Salmo 1º, Calvino apresenta uma nota afirmando que, fosse quem fosse o redator de Salmos, a colocação daquele poema logo no início não fora accidental, mas obedecia a um critério que é o de fazer dele uma espécie de prefácio. O Salmo 1º ali colocado serve para lembrar a todos os leitores a necessidade de meditar na lei do Senhor pois todos os que assim procedem são felizes.

Para sua análise, Calvino divide o Salmo 1º em quatro partes: v.1-2; v.3; v.4 e v.5-6. Para ele a parte mais importante, à qual ele dedica mais

espaço e analisa com mais cuidado e detalhadamente, é a primeira.

Demonstrando a importância conferida à intenção do autor, a primeira frase de seu comentário diz que o salmista queria afirmar que tudo estará bem com aqueles que servem a Deus e que buscam incansavelmente estudar a lei do Senhor. Este texto serve para incentivar os filhos de Deus a perseverar na fé mesmo em meio ao escárnio e desprezo dos muitos que consideram a virtude cristã algo inútil e sem sentido. Para Calvino, o Salmo 1º mostra que o homem só pode permanecer em uma atitude de constante meditação na Lei do Senhor se estiver afastado dos ímpios e perversos.

A análise literária da estrutura do v.1, enfatiza a diferenciação progressiva dos verbos e dos substantivos que nele aparecem. O reformador faz uma análise detalhada dessas palavras, preocupando-se menos com seu significado particular, e mais com o sentido no texto e sua aplicação. Para isso, faz uma diferenciação entre “conselho”, “vereda” e “assento”, relacionando-as com um crescente aprofundamento da vida pecaminosa.

Continuando a análise dos termos, lança mão dos termos hebraicos para explicar que não vê

a mesma graduação crescente nos substantivos que qualificam os pecadores. Nesse sentido, o reformador é de extrema honestidade para com o texto hebraico. Afirmar o mesmo incremento no grau de impiedade dos personagens deste primeiro verso seria perfeitamente aceito exegeticamente e de grande interesse para a aplicação feita pelo comentarista. Mas Calvino usa o entendimento da língua hebraica na medida certa. Por um lado não se perde em meio a elucubrações petulantes e inúteis, e por outro lado não fica em uma análise superficial, sem buscar o sentido dos termos originais e a intenção do autor.

Comentando o segundo versículo, salienta o lado positivo da lei, como ensinamento de Deus que conduz o homem que se aplica ao seu estudo no correto serviço do Senhor. Calvino não interpreta a lei aqui apresentada como mandamentos que foram superados em Cristo ou que conduzem o ser humano à escravidão. Pelo contrário, a lei, expressa em toda a Bíblia, incluindo o Antigo Testamento, era para ele, a maneira pela qual Deus poderia ser servido. Somente aquele que se submete voluntária e amorosamente aos mandamentos do Senhor é ser-

vo digno de Deus. Da submissão amorosa nasce o desejo de contínua meditação na Lei do Senhor.

No comentário à segunda e à terceira partes do salmo, Calvino analisa as metáforas destes dois versículos com ponderação, evitando exageros e relações que o texto não apresenta. Ele cita outros dois textos bíblicos (Sl 37.35 e Jr 17.6) para melhor explicar as metáforas. Elas servem apenas para indicar o quão diferentes são os fins do justo e do injusto, do que teme ao Senhor e observa sua lei e do ímpio.

Na análise da última parte, Calvino comenta que o ímpio pode alcançar sucesso e prosperidade nesta vida, mas que o ele não entrará na assembléia dos justos, a qual o texto faz referência. Deste modo, Calvino interpreta a instituição – congregação dos justos – que é citada no salmo, como a vida futura na presença de Deus. Por isso, o ímpio terá o seu fim de perdição a seu tempo, se nesta vida ou não.

Por sua vez, os servos de Deus não extraem, eles mesmos, qualquer benefício de obedecer aos mandamentos do Senhor, mas o Pai misericordioso os recompensará por sua retidão, oferecendo-lhes sua proteção e segurança.

Conclusão

Calvino empreendeu um intenso trabalho de estudo e exposição da Bíblia. A importância que ele conferia a essa tarefa pode ser constatada através do tempo que dedicava a esse exercício e das diversas formas que usava para sua exposição.

Para esta tarefa ele se utilizou dos conhecimentos mais aprofundados que estavam à sua mão. Ele buscou um retorno ao texto trabalhando-o com honestidade. Não negou ao texto bíblico o seu caráter sagrado, sua origem divina. Mas também recusou esquecer que os diversos livros

bíblicos foram escritos por pessoas que foram influenciadas por seu contexto histórico, que escreveram segundo determinadas intenções e que nas suas linhas deixaram suas marcas.

Calvino se dedicou tanto à tarefa de estudar e expor o texto bíblico porque cria que ali havia algo mais que um livro qualquer, algo mais que uma oportunidade para satisfazer a vaidade dos eruditos. Na verdade ali estava a Palavra de Deus, suficiente para edificar a vida de todos aqueles que desejam servir ao Senhor. Em todos os tempos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CALVINO, João. *O livro dos Salmos*. São Paulo: Edições Paracletos, 1999.
- GREEF, Wulfert de. "Calvin as commentator on the Psalms", in: McKIM, Donald K. (ed.) *Calvin and the Bible*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. pp.85 – 106.
- KRAUS, Hans-Joachim. "Calvin's exegetical principles", in: *Interpretation*, [31/1:8-18], Richmond: Union Theological Seminary, 1977.
- PARKER, T.H.L. *Calvin's Old Testament Commentaries*. Louisville: Westminster/John Knox, 1986.
- PARKER, T.H.L. *Calvin's New Testament Commentaries*. 2a. edição. Louisville, Westminster/John Knox, 1993.
- PUCKETT, David L. *John Calvin's Exegesis of the Old Testament*. Louisville: Westminster/ John Knox, 1995.

“Calvino fazia tanta questão de salientar o sentido literal dos textos bíblicos que para isso chega a dizer que esses textos – ou seu sentido literal – foram ditados por Deus. Porém, é preciso esclarecer que esta ênfase era feita em oposição à interpretação de sentido alegórica, muito usada em seu tempo e da qual iremos tratar mais adiante. Não há, em Calvino, qualquer tentativa de tratar o texto bíblico desvinculado de sua humanidade”.

Sermão

Jubileu de Calvino



Leitura bíblicas

- a) Deuteronômio 15.7
- b) Lucas 16.19-31
- c) Atos 2.1-13

A Palavra de Deus não é para nos ensinar a tagarelar, nem para nos tornar eloqüentes e sutis, mas para reformar nossas vidas.
(Calvino)

*Maurice, diácono da Igreja Protestante de Genebra, foi um dos vencedores do concurso realizado para premiar os melhores sermões referentes à celebração dos 500 anos do aniversário de João Calvino (www.calvin09.org).
Tradução: Eduardo Galasso Faria.

Maurice Gardiol*

À semelhança das massas populares presentes em Jerusalém no dia de Pentecostes, nós também podemos perguntar: qual é o significado para hoje, no contexto da globalização, deste evento que fala da formação de uma multidão em que cada um era capaz de compreender o outro apesar de suas diversas origens e línguas? Ou melhor, como podemos entender a palavra de Jesus prometendo-nos vida abundante enquanto inúmeras pessoas vivem na pobreza, vítimas de violência e injustiça?

Jesus apresenta suas palavras juntamente com sinais de cura. Mas ele também denunciou, algumas vezes com palavras duras, aqueles que, baseados em sua interpretação da Lei, mantinham os pobres na marginalidade. O Espírito Santo congrega as pessoas mas, ao mesmo tempo, convida-as a viver no caminho da

reconciliação, que destrói as barreiras do ódio e da discriminação.

Calvino, fiel à mensagem do evangelho, fundou o Hospital Geral de Genebra para atender às necessidades dos empobrecidos e oferecer acolhida aos sem-teto de seu tempo. No entanto, ele também atuou considerando as causas da pobreza nas áreas urbanas. Uma das causas mais importantes da miséria em sua época era a ignorância que prevalecia na maioria das famílias pobres. Em contrapartida, ele abriu escola gratuita para todos, criando o Colégio e a Academia para os jovens a fim de lhes oferecer meios especiais para adquirir novos conhecimentos, capacitando-os para saber falar e se conduzir.

Em seu Catecismo e Comentários sobre as sagradas Escrituras, Calvino ressaltou diversos elementos que no seu entender, deveriam fazer parte da fidelidade a nosso Senhor Jesus Cristo. Apesar da certeza de que somente a graça nos salva, sua Lei continua a ser o pedagogo capaz de orientar nossas decisões. Como disse ele, somos os lugar-tenentes de Deus no centro de sua criação, isto é, somos responsáveis por sua sustentabilidade e desenvolvimento, a fim de defender o “belo”

e o “bom” delineados por ele em seu projeto. O Espírito é aquele que nos permite realizar esta obra comum de sabedoria. Ele liberta do rigor da Lei, mas nos torna responsáveis pela elaboração de uma ética que combine visão e missão em relação à criação. Em consequência, Calvino insiste no fato de que o mandamento “não furtarás”, refere-se primeiramente e acima de tudo aos ricos caso falhem em suas responsabilidades, roubando assim os destituídos da parte que lhes é devida. Nesta mesma linha, sendo o trabalho uma vocação de Deus e o salário sinal de sua providência, privar alguém de seu trabalho com o propósito de aumentar o próprio lucro é algo considerado um crime pelo Reformador!

Calvino não condena os ricos. Pelo contrário, ele os considera como pessoas a quem Deus confiou grandes responsabilidades, julgando-as capazes de desempenhá-las. Ao redistribuir uma parte de suas riquezas, ainda que por meio de impostos, eles são chamados a ser despenseiros da graça de Deus. Entretanto, se por uma infelicidade eles se omitem na prestação deste serviço e buscam apenas acumular os bens recebidos, eles se tornam se-

melhantes aos israelitas no deserto que, por avidez ou desconfiança, esconderam o maná. Assim, a provisão cuidadosa de Deus para atender sua necessidade de alimento apodreceu em suas bolsas (cf. Êxodo 16).

No entanto, Calvino não considera que os pobres sejam justificados em todas as suas palavras e atos simplesmente por causa de sua pobreza. Ele censura aqueles que reclamam sem se esforçar ou que saqueiam e roubam tudo o que podem. Fazendo isso, eles cometem o sacrilégio de tentar tirar da mão do próprio Deus aquilo que ele reservou para outras pessoas.

Somente o equilíbrio entre as responsabilidades de cada um pode garantir os bens comuns e os bens pessoais. Estas responsabilidades só poderão ser realmente exercidas se todos reconhecerem que elas nada são sem a graça de Deus. No comentário ao Sermão do Montanha, o Reformador diz: “Portanto, tenhamos em conta a necessidade de que a port do...” para si mesmo... verdadeira auto-negaçãopobreza penetre em nós e elimine todo orgulho e presunção, até compreendermos que nada somos. Aquele que se julga pobre, isto é, que exerce volun-

tariamente a verdadeira auto-negação e nada atribui a si mesmo... Esta pessoa, digo eu, é abençoada...”

Estas poucas reflexões nos encorajam a refletir sobre a maneira de considerarmos nossa riqueza e nossa pobreza. Entretanto, ao mesmo tempo, elas nos levam a perguntar sobre o atual funcionamento da economia, suas motivações e propósitos.

Quando sabemos que a água está sendo privatizada em alguns países latino-americanos, africanos e asiáticos, e o resultado tem sido a quadruplicação de seu preço; quando vemos que a saúde e a economia da população de Camarões estão ameaçadas pela importação massiva de frangos congelados em condições impróprias para o consumo; quando sabemos que companhias privam milhares de pessoas de seu trabalho somente para aumentar seus lucros e contentar seus acionistas; quando assistimos a destruição de florestas tropicais para a fabricação de móveis de luxo então, realmente temos razões para estar exasperados. Reconhecemos primeiramente e sobretudo, que não honramos as obras da criação. Pelo contrário, estamos envolvidos em um trabalho de “des-criação”,

do qual todos, ricos ou pobres, seremos vítimas um dia.

Mesmo assim, todas as informações que recebemos não farão sentido se nos desanimam ou nos culpam. Bem ao contrário, devemos ouvir as palavras bíblicas que nos lembram também a força que temos para agir.

Há uns trinta anos, os pastores André Biéler e Lukas Vischer juntamente com outros cristãos da Suíça de fala francesa, lançaram a Declaração de Berna. Aqueles que aderiram se comprometeram a fazer um pagamento sistemático de 3% de suas rendas para sustentar projetos de desenvolvimento.

As notícias sobre a Declaração de Berna serviram também como uma oportunidade para diversas organizações públicas aumentarem sensivelmente sua participação em projetos semelhantes. Posteriormente, outros membros de nossas igrejas constituíram um grupo de acionistas críticos em meio à Assembleia Geral de uma empresa multinacional. Estas iniciativas, seguidas de outras do mesmo gênero, levaram a maioria dos bancos a propor sistemas de investimento coletivo com critérios éticos ou de desenvolvimento sustentável.

Estes exemplos e muitos outros ao nosso redor, não são sinais de que o Espírito do Pentecostes continua soprando? Esta é exatamente a direção a ser seguida. De nada adiantará reclamar dos custos dos encargos sociais se nossas empresas não levam suas responsabilidades mais a sério, pelo menos concordando em manter os postos de trabalho dos menos capacitados que no entanto, necessitam de um trabalho e um salário. Quando será que a Bolsa, da mesma forma como busca resultados financeiros, poderá levar em conta essa atitude construtiva das empresas?

Voltando a nossas perguntas iniciais sobre o significado do evento do Pentecostes ou ao modo de considerarmos as promessas de Jesus, podemos nos maravilhar porque o sentido da mensagem do evangelho recupera para nós o ponto central de uma ética que coloca a comunidade humana no centro de nossas preocupações e atividades. Indo direto a este ponto central, convidamos Calvino novamente, por meio de uma “oração antes de iniciar o trabalho”, escrita em 1562, da qual, penso que um trecho é apropriado para a conclusão de nossa meditação:



...Senhor, que te agradez em assistir-nos com o teu Espírito Santo a fim de que possamos estar aptos a exercer nossa profissão e chamado com fidelidade, sem qualquer fraude ou engano; que possamos da nossa parte seguir antes a tua direção que satisfazer nossa cobiça por mais riqueza; que te agradez ainda em tornar próspero o nosso trabalho, dando-nos a coragem para atender aos necessitados, pelo poder que nos garantirás, preservando-nos verdadeiramente humildes, de forma que não nos consideremos superiores àqueles que não receberam tal generosidade e liberalidade.”

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Jean Calvin. *Commentaire sur les cinq livres de Moïse.*
Commentaire du Nouveau Testament.
Institution de la religion chrétienne.

André Biéler. *La pensée économique et sociale de Calvin.* Georg, Genève, 1959. Em particular, o capítulo IV: “As riquezas e o domínio do poder econômico.” Em português: *O Pensamento Econômico e Social de Calvino.* S.Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.



SEMINÁRIO TEOLÓGICO
DE SÃO PAULO

